



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**  
**(MESTRADO ACADÊMICO)**

**THAÍS LOPES VASCONCELOS**

**MICROTRABALHO NO BRASIL:**  
Gestão algorítmica e precarização na plataforma Amazon Mechanical Turk

JOÃO PESSOA-PB  
2024

THAÍS LOPES VASCONCELOS

**MICROTRABALHO NO BRASIL:**

Gestão algorítmica e precarização na plataforma Amazon Mechanical Turk

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Serviço Social na área de Serviço social e Política Social e linha de pesquisa em Serviço Social, Trabalho e Política Social

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Costa Gomes

JOÃO PESSOA  
2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

V331m Vasconcelos, Thaís Lopes.

Microtrabalho no Brasil : gestão algorítmica e precarização na plataforma Amazon Mechanical Turk / Thaís Lopes Vasconcelos. - João Pessoa, 2024.  
153 f. : il.

Orientação: Cláudia Maria Costa Gomes.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Microtrabalho. 2. Capitalismo de plataforma. 3. Gestão algorítmica. 4. Amazon Mechanical Turk. 5. Precarização do trabalho. I. Gomes, Cláudia Maria Costa. II. Título.

UFPB/BC

CDU 331-022.53(043)

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL DA ALUNA THAÍS LOPES VASCONCELOS.** Aos 18 dias de Junho de 2024 (**18/06/2024**), às **14:h00min**, Sala LEPPES/CCHLA, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos Professores Doutores **CLÁUDIA MARIA COSTA GOMES** (Orientadora e Presidente da Banca), **RAFAEL NICOLAU CARVALHO** (Examinador Interno), **WÉCIO PINHEIRO ARAÚJO** (Examinador Interno), **ROBERTO VÉRAS DE OLIVEIRA** (Examinador Externo), com o objetivo de proceder à arguição do aluno sobre sua Dissertação intitulada: “**MICROTRABALHO NO BRASIL: GESTÃO ALGORÍTMICA E PRECARIZAÇÃO NA PLATAFORMA AMAZON MECHANICAL TURK**”, requisito parcial e conclusivo para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social. Abrindo a sessão pública, a Profa. Dra. **CLÁUDIA MARIA COSTA GOMES**, convidou os membros à comporem a Banca Examinadora. A seguir foi concedida a palavra a aluna **THAÍS LOPES VASCONCELOS**, para apresentar uma síntese de sua Dissertação em 30 (trinta) minutos. Concluída a exposição oral apresentada pela aluna e procedida à arguição pertinente ao trabalho final, a Banca Examinadora se reuniu para deliberar sobre o conceito a ser atribuído à Dissertação em exame. A presidente da Banca Examinadora Profa. Dra. **CLÁUDIA MARIA COSTA GOMES** comunica à mestrandao, à Banca e os presentes que por decisão unânime da Banca Examinadora da Dissertação em julgamento obteve o **CONCEITO ....APROVADA com distinção e recomendação para publicação.....** Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, João Pessoa, 18 de Junho de 2024.

#### **Banca Examinadora**

Documento assinado digitalmente  
 **CLAUDIA MARIA COSTA GOMES**  
Data: 21/06/2024 12:36:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. **CLÁUDIA MARIA COSTA GOMES**  
(Orientadora e Presidente da Banca)

#### **RAFAEL NICOLAU CARVALHO**

Documento assinado digitalmente  
 **RAFAEL NICOLAU CARVALHO**  
Data: 10/07/2024 11:18:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. **WÉCIO PINHEIRO ARAÚJO**  
(Examinador Interno)

Documento assinado digitalmente  
 **WECIO PINHEIRO ARAUJO**  
Data: 10/07/2024 20:55:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. **ROBERTO VÉRAS DE OLIVEIRA**

Documento assinado digitalmente  
 **ROBERTO VERAS DE OLIVEIRA**  
Data: 01/07/2024 14:18:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que  
fazem pesquisa, apesar das discrepâncias sociais  
e dificuldades para conciliar rotina acadêmica,  
doméstica e familiar*

*A todos os trabalhadores de microtarefas, em  
especial da plataforma Amazon Mechanical Turk,  
que vivenciam a realidade concreta dessa forma  
de trabalho*

## AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação foi um período de encontro, reencontro, afeto, ansiedade, incertezas, exaustão e muitas alegrias. Na sociedade capitalista, as mulheres desempenham diversos papéis, como mãe, esposa e filha, e, às vezes, é difícil compreender dentro de nós o que realmente desejamos. Essa dissertação é fruto de muito “querer meu” e só foi possível porque muitas pessoas acreditaram no meu processo.

Agradeço primeiramente a minha família: meu esposo Pablo e filhas Pietra e Milena, aos meus pais Atencio e Ubalda, meus irmãos Lairton e Rony e a minha sogra Lurdinha porque sem uma “rede de apoio” eu não teria conseguido. Gratidão pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

À minha orientadora, Cláudia Gomes, por toda a parceria desde a Iniciação Científica, por toda a dedicação e amor com que conduz o seu ofício e por todo o suporte, conhecimento e afeto trocado ao longo dessa trajetória.

Ao professor, Ricardo Vêras de Oliveira, pela leitura atenta e pelas contribuições com esta pesquisa nas bancas de projeto, qualificação e defesa da dissertação. A sua disciplina no PPGS foi a base para muitas das minhas escolhas bibliográficas.

Ao professor, Rafael Nicolau Carvalho, por todas as contribuições na parte metodológica da dissertação e por todo apoio durante o processo.

Ao professor, Wécio Pinheiro Araújo, por todas as contribuições com esta pesquisa nas bancas de projeto, qualificação e defesa da dissertação, além da disciplina Trabalho e Sociabilidade ministrada durante a graduação da qual absorvi muita bibliografia.

A professora, Alecsonia Pereira Araujo, por toda a contribuição na construção dos documentos para o comitê de ética.

Aos demais professores que passaram por essa trajetória que envolve além da Pós-Graduação uma graduação em andamento em Serviço Social, em especial a professora Fabiana Alcântara, a primeira professora do curso que me indicou para a Pesquisa e a professora Elisângela Inácio por toda as contribuições durante a participação no JOIMPP na cidade de São Luiz/MA.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, pela troca, eventos e debates que ajudaram a construir a minha formação intelectual. Em especial, sob o risco de esquecer alguns, agradeço à: Karoline Nogueira, Fernanda Paz, Jéssica Juliana, Emanuely Fortunato e Liana Carvalho.

As companheiras de Mestrado (turma 2022) em especial, Janice, Hellen, Adriana, Jussara, Juliana e Synara. Vocês tornaram esse processo mais leve.

As minhas amigas da UFPB, Jaqueline Figueredo, Paula Almeida, Eloá Almeida e Gleiziele Coutinho, pela troca de carinho e afeto, desesperos, lágrimas e muito apoio, sempre recordarei com carinho da nossa trajetória.

A Patrícia Goldfarb, Samella Arruda, Samilly Jaciara e Karim Lígia, por me darem coragem para enfrentar as barreiras que se levantam sobre uma mãe que decide fazer pesquisa.

A Coordenação do PPGSS na figura do Professor Emanuel e professora Marinalva, por todo apoio durante a pesquisa.

A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ) pelo apoio financeiro, por meio da bolsa de pesquisa, durante dezoito meses, que possibilitou as condições objetivas para dedicação integral à pós-graduação.

*Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem*

*Rosa Luxemburgo*

## RESUMO

A presente dissertação, apresenta os resultados obtidos a partir da pesquisa feita sobre a precarização do trabalho no âmbito do capitalismo de plataforma, com recorte para o microtrabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk no Brasil. Tem como objetivo analisar como as condições objetivas de precarização que caracterizam o microtrabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk, são apontadas na literatura e percebidas pelos trabalhadores a partir de um grupo no aplicativo de troca de mensagens instantâneas (Telegram). A pressuposição sustentada na investigação é de que diante do processo de reestruturação das relações entre capital e trabalho, as plataformas são a indústria de serviços do nosso tempo e a empresa Amazon é emblemática nesse novo modo operante no mundo do trabalho que tem como base a flexibilização e a precarização. Para chegarmos a essa conclusão, partimos do debate do uso das novas tecnologias no capitalismo de plataforma, como materialidade concreta do objeto de estudo. No que se refere ao percurso metodológico, tratar-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. Para atingir os nossos objetivos recorreremos a uma combinação de pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa identificou uma tendência que aparece nas pesquisas já realizadas sobre o microtrabalho, que é a precarização, focado nos seguintes aspectos presente nas condições de trabalho, como desmonte nas formas de organização; desprovido de controle da gestão do labor; desprovido de direitos e regulamentação; intensificação da exploração do trabalho e intensificação de terceirização e informalidade. A pesquisa documental analisa documentos da Amazon, vídeos do YouTube com trabalhadores da plataforma e as mensagens de trabalhadores, disponíveis no aplicativo Telegram, no recorte temporal de 6 meses. O caráter exploratório da pesquisa permitiu formular, as seguintes conjecturas sobre o microtrabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk no Brasil: a percepção dos trabalhadores está impregnada do discurso neoliberal; os trabalhadores percebem os rendimentos recebidos como um complemento de renda e a jornada de trabalho flexibilizada como uma responsabilidade do trabalhador; os trabalhadores não compreendem o funcionamento da gestão do trabalho executada a partir de algoritmos; a comunicação entre os trabalhadores e a plataforma é ineficiente e os dados indicam que essa condição é proposital para a plataforma; o grupo de mensagens no Telegram funciona como uma forma de resistência; os trabalhadores procuram formas de subverter o controle da plataforma; existe diferença de tratamentos para trabalhadores brasileiros com base na divisão internacional do trabalho.

**Palavras-chaves:** Microtrabalho. Capitalismo de Plataforma. Gestão algorítmica. Amazon Mechanical Turk. Precarização do trabalho

## ABSTRACT

This dissertation presents the results obtained from research carried out on the precariousness of work within the scope of platform capitalism, focusing on microwork on the Amazon Mechanical Turk platform in Brazil. It aims to analyze how the objective conditions of precariousness that characterize microwork on the Amazon Mechanical Turk platform are pointed out in the literature and perceived by workers in a group on the instant messaging application (Telegram). The assumption supported by the investigation is that, given the process of restructuring relations between capital and labor, platforms are the service industry of our time and the company Amazon is emblematic of this new operating mode in the world of work, which is based on flexibility and precariousness. To reach this conclusion, we start from the debate on the use of new technologies in platform capitalism, as a concrete materiality of the object of study. Regarding the methodological approach, this is an exploratory research with a qualitative approach. To achieve our objectives we resorted to a combination of bibliographic and documentary research. The research develops a trend that appears in research already carried out on microwork, which is precariousness, focused on the following aspects present in working conditions, such as dismantling in organizational forms; lacking control over work management; devoid of rights and regulation; intensification of labor exploitation and intensification of outsourcing and informality. The documentary research analyzes Amazon documents, YouTube videos with platform workers and messages from workers, available on the Telegram application, over a period of 6 months. The exploratory nature of the research allowed us to formulate the following conjectures about microwork on the Amazon Mechanical Turk platform in Brazil: the perception of workers is permeated with neoliberal discourse; workers perceive the salary as a supplement to their income and a flexible working day as a worker's responsibility; workers do not understand how work management works using algorithms; communication between workers and the platform is inefficient and the data indicates that this condition is proposed for the platform; the messaging group on Telegram works as a form of resistance; workers look for ways to subvert platform control; There are differences in treatment for Brazilian workers based on the international division of labor.

**Keywords:** Microwork. Platform Capitalism. Algorithmic management. Amazon Mechanical Turk. Precariousness

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### **Figura:**

Figura 1 - Capa do Relatório anual da Amazon para os acionistas .....	33
Figura 2 - Exemplo de tarefa executada na plataforma MTurk.....	36
Figura 3 - Captura de tela do site da Amazon Mechanical Turk (Traduzido).....	37
Figura 4 - Captura de tela do arquivo HTML.....	40
Figura 5 - Mensagens convertidas para o Excel .....	41
Figura 6 - Organização das mensagens no Excel .....	41
Figura 7 - Visualização da categorização da tabela, a partir das perguntas .....	44
Figura 8 - Papel das empresas no controle e gerenciamento da força de trabalho .....	71
Figura 9 - Características da gestão algorítmica.....	72
Figura 10 - Categorização de plataformas digitais de trabalho na web.....	77
Figura 11 - Tabela com estimativa de trabalhadores em diferentes plataformas .....	81
Figura 12 - Página do Amazon Mechanical Turk destaca acesso a “força de trabalho global, sob demanda, disponível 24 horas, 7 dias por semana” .....	82
Figura 13 - Captura de tela de tarefas (Hits) disponíveis a um trabalhador .....	93
Figura 14 - Captura de tela com o desempenho do trabalhador .....	94
Figura 15 - Captura de tela informações sobre o cliente solicitante.....	95
Figura 16 - Precarização no microtrabalho.....	98
Figura 17 - Como a empresa Amazon se define.....	101
Figura 18 - Print da página da MTurk para o trabalhador .....	107
Figura 19 - Exemplo de tarefa: Verificar se a imagem é relevante para maquiagem.....	110
Figura 20 - Nuvem de palavras que representa os assuntos compartilhados no grupo .....	112

## Quadros

Quadro 1 - Bases de dados consultadas.....	27
Quadro 2 - Artigos, dissertações e teses com pesquisas na temática do microtrabalho na MTurk selecionados para a nossa pesquisa .....	29
Quadro 3 - Fases da pesquisa documental.....	32
Quadro 4 - Síntese dos vídeos no YouTube utilizados na pesquisa documental .....	35
Quadro 5 - Formato das mensagens .....	40
Quadro 6 - Elementos-guia para criação do instrumento de coletas de dados com base nos parâmetros da OIT.....	43
Quadro 7 - Quantitativo de mensagens utilizadas na pesquisa.....	44
Quadro 8 - Quantidade de plataformas digitais no mundo.....	76
Quadro 9 – Categorização de tarefas em plataformas de <i>crowdwork</i> .....	78
Quadro 10 - Nacionalidade das plataformas de microtrabalho em operação no Brasil .....	79
Quadro 11 - Depoimentos de clientes solicitantes da Amazon Mechanical Turk.....	83
Quadro 12 - Conceitos básicos criados e utilizados pela plataforma Amazon Mechanical Turk .....	85
Quadro 13 - Síntese do perfil dos trabalhadores a partir das pesquisas anteriores.....	89
Quadro 14 - O Discurso da MTurk.....	107
Quadro 15 - Descrição das tarefas que aparecem nas mensagens.....	109
Quadro 16 - Comparativo de mensagens que demonstram satisfação e insatisfação com o trabalho realizado .....	113
Quadro 17 - Percepção do trabalhador sobre o rendimento (salário).....	115
Quadro 18 - Percepção do trabalhador sobre a jornada de trabalho .....	118
Quadro 19 - Percepção da Gestão algorítmica .....	121
Quadro 20 - Percepção de formas de resistências .....	126
Quadro 21 - Igualdade de oportunidades e de tratamento no emprego .....	129
Quadro 22: Quadro matricial “Percepção da jornada de trabalho” .....	146
Quadro 23: Quadro matricial “Rendimentos adequados (salário)” .....	146
Quadro 24: Quadro matricial “Igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego.....	147
Quadro 25: Quadro matricial da “Satisfação com o trabalho realizado” .....	147
Quadro 26 - Quadro matricial “Percepção da gestão algorítmica (como se realiza as avaliações e as penalizações)”.....	148

Quadro 27: Quadro da categoria “Percepção de formas de resistências”.....	148
Quadro 28: Quadro “Outras percepções” .....	149

## LISTA DE SIGLAS

<b>API</b>	Interface de Programação de Aplicação
<b>AWS</b>	Amazon Web Services
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CLT</b>	Consolidação das Leis do Trabalho
<b>CNP</b>	Congresso Nacional de Profissionais
<b>CPF</b>	Cadastro de Pessoa Física
<b>CUT</b>	Central Única dos Trabalhadores
<b>FAPESQ</b>	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba
<b>HIT</b>	Tarefa de inteligência humana
<b>HIT</b>	A Human Intelligence Task
<b>HTML</b>	linguagem de marcação de hipertexto
<b>IA</b>	Inteligência Artificial
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ILO</b>	International Labour Organization
<b>IP</b>	Protocolo Internet
<b>MTurk</b>	Amazon Mechanical Turk
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>PIBIC</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
<b>PPGS</b>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
<b>PPGSS</b>	Programa de Pós-Graduação em Serviço Social
<b>PUC-SP</b>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<b>Scielo</b>	Scientific Electronic Library Online
<b>UFPB</b>	Universidade Federal da Paraíba
<b>UFPR</b>	Universidade Federal do Paraná
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1 - O PROTOCOLO DA PESQUISA: aproximação sucessiva ao fenômeno do microtrabalho</b> .....	<b>23</b>
2.1.	Metodologia .....	24
2.2.	Revisão da literatura.....	24
2.3.	Pesquisa bibliográfica .....	26
2.4.	Pesquisa documental .....	31
2.4.1.	Site da Amazon e Relatórios da Amazon.....	33
2.4.2.	YouTube.....	34
2.4.3.	Site da Amazon Mechanical Turk.....	37
2.4.4.	Grupo de mensagens no Telegram .....	38
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2 - CAPITALISMO DE PLATAFORMA - elementos para compreender a precarização do trabalho no uso das tecnologias digitais</b> .....	<b>46</b>
3.1.	Trabalho, forças produtivas, ideologia e precarização para pensar o uso das tecnologias digitais .....	47
3.2.	O debate da precarização e precariedade .....	56
3.3.	O conceito capitalismo de plataforma.....	64
3.4.	Características do trabalho mediado por plataformas .....	66
3.5.	Gestão da força de trabalho no capitalismo de plataforma .....	69
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3 - CROWDWORK E MICROTRABALHO: precarização na plataforma Amazon Mechanical Turk</b> .....	<b>74</b>
4.1.	Definição de <i>crowdwork</i> e dados sobre as plataformas de microtrabalho .....	75
4.2.	A Amazon Mechanical Turk.....	81
4.3.	Perfil dos turkers brasileiros.....	87
4.4.	Elementos para compreender a precarização no microtrabalho.....	90
4.4.1.	Gestão da força de trabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk.....	93
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 4 - AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PLATAFORMA DA AMAZON MECHANICAL TURK NO BRASIL</b> .....	<b>100</b>
5.1.	A Amazon como a grande plataforma global.....	101
5.2.	O Discurso da MTurk.....	106
5.3.	Síntese do grupo de mensagens no Telegram .....	109

5.4. Em que medida a precarização na plataforma MTurk é percebida pelos trabalhadores .	110
5.4.1. Hit, hits, lote e dólar! A percepção do trabalhador sobre a remuneração .....	114
5.4.2. Dia, hoje! Sobre a jornada de trabalho .....	117
5.4.3. Block, rejeitou! Características da gestão algorítmica .....	120
5.4.4. Scripts, Guru, lote, requester! Como o grupo é utilizado pelos participantes como forma de resistência.....	124
5.4.5 Igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego.....	128
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE A – QUADRO MATRICIAL CONSTRUÍDO PARA A PESQUISA.....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....</b>	<b>150</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada *Microtrabalho no Brasil: gestão algorítmica e precarização na plataforma Amazon Mechanical Turk*, está centrada nos estudos sobre as particularidades do modo de produção capitalista contemporâneo. Buscamos compreender as mudanças ocorridas nas relações de trabalho no capitalismo, que modificou sua forma organizacional quando passou a operar a partir das intituladas tecnologias digitais. Alguns autores denominaram esse fenômeno como *capitalismo de plataforma* (Srnicek, 2018).

Nestes termos, tem como objetivo principal analisar como as condições objetivas de precarização que caracterizam o microtrabalho, são apontadas na literatura e percebidas pelos trabalhadores a partir de um grupo no aplicativo de troca de mensagens instantâneas (Telegram).

Seguindo na tentativa de problematizar o objeto e entendendo que os trabalhadores de microtarefas emergem como uma fração da classe trabalhadora, buscamos direcionar o estudo à conformação do fenômeno no Brasil. Tendo como fator decisivo o microtrabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk (MTurk).

E, especificamente, buscamos:

- a) Analisar a produção sobre o capitalismo de plataforma e a precarização do trabalho mediado por plataformas;
- b) Investigar a precarização no microtrabalho a partir do *crowdwork*, tomando como referência a plataforma Amazon Mechanical Turk;
- c) Identificar a percepção dos trabalhadores sobre a precarização das condições de trabalho, tomando como referência o grupo no Telegram.

A escolha por estudar esse tema teve parte de uma série de motivações, que se relacionam com a nossa trajetória de formação profissional, que se inicia com uma formação graduada em Ciências da Computação, o que nos permitiu uma apropriação mais qualificada do objeto de estudo ligado às novas tecnologias, propiciando coligar seu entendimento sobre as tecnologias da informação. Aliado a isso, a formação em andamento na graduação em Serviço Social, nos permitiu um adensamento ao pensamento crítico, a partir de disciplinas que tratam sobre as categorias da crítica da economia política e o trabalho, centrais para pensarmos o capitalismo contemporâneo.

Deste modo, há cerca de quatro anos estamos estudando o desenvolvimento capitalista e o trabalho em plataformas, inicialmente a partir da nossa participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFPB), na condição de bolsista (CNPq),

vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Economia Política e Trabalho – GEPET/UFPB, nos anos de 2020- 2021, com o projeto de pesquisa intitulado *O capitalismo em crise: fatores contra restantes nas políticas econômicas brasileiras a partir de 2016*<sup>1</sup>. E nos anos seguintes, como mestranda, na condição de bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba - FAPESQ-PB.

A partir dos estudos da Iniciação Científica as análises se voltaram para o tema do capitalismo brasileiro e os estudos em torno do conceito do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo em países periféricos, assim, foi possível nos aproximar da discussão sobre a formação social brasileira, estudando as grandes teses de renomados autores, como Florestan Fernandes, Caio Prado Jr., e Francisco de Oliveira. Com base nessas leituras, foi possível nos apropriar de alguns elementos significativos para pensarmos as particularidades do desenvolvimento dependente do capitalismo brasileiro<sup>2</sup>. Os estudos realizados nos deram a base para entender que o Brasil possui especificidades nas relações de trabalho tendo em vista a divisão internacional do trabalho.

Além disso, foram decisivos para a escolha do nosso objeto de estudo, as várias atividades remotas organizadas pelo Grupo de pesquisa entre 2020-2021, da qual participei como bolsista de Iniciação científica, com destaque, para o Ciclo de Debates: *Trabalho e informalidade no capitalismo de plataforma*<sup>3</sup>, tendo como palestrantes, Roberto Vêras (PPGS/UFPB) e Ludmila Abílio (UNICAMP), que são pesquisadores especialistas nos temas do trabalho digital, por aplicativos, uberização e trabalho precário; e uma aula do pesquisador Renan Kalil do Instituto de Estudos Avançados da USP<sup>4</sup>, com o tema: *Capitalismo de plataforma e Direito do Trabalho: crowdwork e trabalho sob demanda por meio de aplicativo*.

À vista disso, esta dissertação buscou dar continuidade aos estudos já iniciados, tanto em nível de graduação (Ciências da Computação e Serviço Social), quanto na Iniciação Científica, ampliando o foco da análise para o capitalismo de plataforma, na particularidade brasileira.

---

<sup>1</sup> Cf.: GOMES, Cláudia M. C. O Capitalismo em crise: fatores contra restantes nas políticas econômicas brasileiras a partir de 2016. Projeto de Pesquisa, 2020, UFPB/CNPq. 32fs.

<sup>2</sup> O plano de trabalho, “O Caráter Desigual e Combinado do Capitalismo periférico brasileiro”, apresentado no XXIX Encontro de Iniciação Científica da Universidade Federal da Paraíba no ano de 2021. E o plano de trabalho “O Desenvolvimento Desigual E Combinado Na Análise Do Capitalismo Brasileiro” apresentado no XXX Encontro de Iniciação Científica da Universidade Federal da Paraíba no ano de 2022.

<sup>3</sup> Cf.: GEPET UFPB. Ciclo de debates: Trabalho e Informalidade no capitalismo de plataformas. 1 vídeo (117 min). João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E0bRkC1MHKM&t=1129s>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

<sup>4</sup> Cf.: IEA DA USP. Novas Formas de Trabalho no Capitalismo de Plataforma. São Paulo, 2020. 1 vídeo (113 min). Disponível em: <https://youtu.be/0bacqVcPHas?si=y0uyVjcIz6Mz1IHv>. Acesso em: 19 de maio de 2021

A partir desses quatro anos de estudos compreendemos que as indústrias que foram determinantes no início do processo de criação do capitalismo estão em um processo de transformação devido aos impactos das plataformas, o capitalismo vem demonstrando uma enorme capacidade de articular atividades industriais e de serviços a partir das grandes plataformas.

No capitalismo de plataformas, as indústrias se moldaram a uma processualidade capitalista a partir da explosão dos serviços (Antunes, 2020). As plataformas são a indústria de serviços do nosso tempo. Seguindo essa direção, a empresa Amazon é emblemática nesse novo modo operante no mundo do trabalho (Delfanti, 2023). Como uma empresa norte-americana, criada em 1994, que hoje é uma potência varejista do mercado econômico, além de uma das maiores empresas de tecnologia, é uma empresa “polvo” que tem braços em diversos segmentos.

Quando você assiste a um filme na Netflix ou solicita um motorista por aplicativo, é a Amazon que está por trás de todo o processo de nuvem e serviços de computação dessas empresas, a partir do seu segmento Amazon Web Services (Delfanti, 2023)<sup>5</sup>. Isso significa dizer que grandes plataformas dependem da estrutura tecnológica da Amazon para seu funcionamento.

Em nossa pesquisa, pudemos averiguar que um dos segmentos da Amazon é a plataforma Amazon Mechanical Turk. A plataforma oferece aos trabalhadores executarem tarefas em sua plataforma. Esse fenômeno é denominado por alguns autores como microtrabalho (ILO, 2018).

O microtrabalho é uma forma de trabalho realizado através de plataformas digitais, como a plataforma Amazon Mechanical Turk, que serve para alimentar a produção de inteligência artificial (IA), onde os trabalhadores executam microtarefas repetitivas e de baixa complexidade, o pagamento é recebido por tarefas executadas, ou seja, por peças, que podem ser pagas inicialmente ao valor de 1 centavo de dólar. As tarefas podem ser de rotular imagens, avaliar conteúdo, transcrever áudios e vídeos, assistir vídeos e dizer o que está sentindo, procurar crianças em uma foto, impulsionar perfis de mídias sociais, dentre outras finalidades (Casilli, 2021; ILO, 2018).

É um trabalho que depende de uma multidão de trabalhadores, que trabalham de casa executando microtarefas de forma precária para executar treinamento de dados essencial na

---

<sup>5</sup> Segundo Delfanti (2023, p.24) a Amazon Web Services é a maior plataforma e o maior serviço de computação em nuvem, ou seja é a partir dela que são armazenados e processados os dados de outras grandes plataformas como a Uber, Pinteret, Netflix, Airbnb.

cadeia de produção de toda inteligência artificial desenvolvida no mundo, controlado e organizado pela gestão algorítmica do trabalho (Viana Braz; Tubaro; Casilli, 2023). Como consequência, esse movimento faz emergir um novo proletariado de serviços, denominado por Antunes e Braga (2009) de *infoproletariado*.

Além disso, compreendemos que plataformas como a Amazon tem um papel na modificação do capitalismo contemporâneo, e para construir conhecimento sobre seus aspectos só é possível em conformidade com os trabalhadores que, sozinhos, vivenciam e podem imaginar formas de resistência.

Com o avanço alcançado, na pesquisa, averiguamos que existe um número considerado de publicações sobre o trabalho plataformizado no campo da sociologia do trabalho, psicologia, comunicação, tecnologia e direito, dos quais destacamos as obras de Antunes (2020, 2023); Abílio (2021); Casilli (2021); Braz (2021); Grohmann (2020); Schmidt (2017); Kalil (2019); Machado e Zanoni (2022); ILO (2018); De Stefano (2016); Slee (2019); Abílio, Amorim e Grohmann (2021) e Srnicek (2018).

Entretanto, a pesquisa se justifica partindo da escassez do tema no âmbito do Serviço Social, principalmente quando fazemos o recorte na especificidade do microtrabalho onde este tema ainda não havia sido explorado por pesquisadores brasileiros da área do Serviço Social no período de nosso estudo. Além disso, tendo em vista a particularidade/peculiaridade desse trabalho, em que essas empresas (detentora das plataformas) têm muito poder e dificultam o acesso aos dados desses trabalhadores, que por conseguinte, estão espalhados e dispersos pelo mundo, o que de certa forma, pode dificultar sua organização e a busca por uma legislação trabalhista adequada e pautada em direitos. Cabe observar que, ao final da nossa pesquisa, encontramos um registro de um artigo recém-publicado na revista Serviço Social & Sociedade que traz uma aproximação ao tema do *crowdsourcing* em Barros (2023).

No que toca as especificidades do nosso objeto, os estudos sobre microtrabalho no Brasil são poucos, segundo a pesquisa de Moreschi, Pereira, Cozman (2020), publicada em 2020 na revista Contracampo intitulada *Trabalhadores brasileiros no Amazon Mechanical Turk: sonhos e realidades de trabalhadores fantasmas*: o termo “trabalhadores fantasmas” foi definido por Mary L. Gray e Siddharth Suri como “[...]trabalho humano que alimenta muitos aplicativos para celular, sites e sistemas de Inteligência Artificial [que] podem ser difíceis de ver. De fato, muitas vezes é intencionalmente escondido” (Moreschi; Pereira; Cozman, 2020, p.02). Nesse ponto, pode-se destacar que é um trabalho que ninguém sabe o que é, e que ninguém vê.

Outro ponto importante, é a atualidade do tema e sua relevância, uma vez que os detentores das tecnologias se situam numa poderosa posição estratégica e os números de

trabalhadores nessas plataformas digitais só vem aumentando. Segundo dados da PNAD contínua do 4º trimestre de 2022, estima-se que, das 87,2 milhões de pessoas ocupadas, 2,1 milhões realizam trabalho por meio de plataformas digitais de serviços ou obtinham clientes e efetuavam vendas por meio de plataformas de comércio eletrônico no trabalho principal. Destaca ainda que 1,5 milhão de pessoas trabalham por meio de aplicativos de serviços, e 628 mil utilizavam plataformas de comércio (IBGE, 2023b).

No que se refere ao percurso metodológico, esta pesquisa se classifica como uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa.

Para isso, nos inserimos em um grupo de mensagens, seguindo as recomendações do comitê de ética da instituição em que fizemos a pesquisa<sup>6</sup>. Para a análise das mensagens, usamos a análise de conteúdo (Bardin, 2016). Utilizamos esses dados para analisar qualitativamente a percepção dos trabalhadores sobre a precarização das condições de trabalho e suas formas de resistência.

As mensagens só foram analisadas após o recorte temporal da pesquisa ter sido concluído, desta forma não houve nenhuma interação entre a pesquisadora e os trabalhadores. Assim, mantivemos os valores éticos como a privacidade dos trabalhadores, preservação do grupo e das identidades dos envolvidos.

Além da análise das mensagens disponíveis no grupo do aplicativo Telegram, essa pesquisa se apoiou na literatura disponível sobre o tema, dando preferência para as pesquisas feitas com trabalhadores brasileiros na plataforma da MTurk. Inicialmente encontramos na literatura as pesquisas de Kalil (2019), Moreschi, Pereira, Cozman (2020), Santos (2021) e Braz (2021). Assim, verificamos se os elementos de precarização encontrados no grupo coincidem com essas pesquisas. Portanto, tomaremos como fonte secundária de dados, esses estudos já realizados.

Entretanto, nossa abordagem difere de pesquisas já realizadas por seus aspectos metodológicos a partir da pesquisa documental realizada por uma coleta de dados via grupo de mensagens no Telegram. É importante destacar que análise das mensagens do grupo, foi importante para nos trazer a percepção do trabalhador, já que ele é quem vivência a experiência no dia a dia, pois, as mensagens dos trabalhadores se mostram espontâneas, o que enriquece a pesquisa. O que nos permitiu formular hipóteses a partir da percepção dos trabalhadores sobre a precarização das condições de trabalho e o que eles fazem para driblar as formas de controle

---

<sup>6</sup> A presente pesquisa possui certificação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS.

nas relações que estão estabelecidas nessa forma de trabalho. Desta forma, trazendo contribuições metodológicas importantes.

Além disso, a nossa pesquisa procurou delinear um contraponto com o discurso da Amazon a partir da pesquisa documental em seus documentos.

Acreditamos que as contribuições decorrentes desta pesquisa, poderá abrir uma agenda de futuros estudos, acerca do capitalismo de plataforma, no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, em consonância com a linha de pesquisa: Serviço Social, Trabalho e Política Social, a qual essa pesquisa se adequa. Além do mais, se dispõe a promover uma reflexão da necessidade de pensar, como o capitalismo no Brasil, vem operando com base nessas novas tecnologias.

Por fim, se propõe ainda, a contribuir com a análise sobre a exploração da heterogeneidade e multiplicidade de sentidos que assume a noção de trabalho na era digital, pois pensar em como essas formas de trabalho digital se manifestam é lançar luzes sobre as políticas sociais e públicas que possam contribuir para a melhoria das condições do trabalhador inserido nessas plataformas. É importante lembrar que a lei que regulamenta a profissão tem como competência do Assistente Social em seu Art. 4º, inciso VII – “planejar, executar e avaliar pesquisas que possam contribuir para a análise da realidade social e para subsidiar ações profissionais” (Brasil, 1993).

Postas tais considerações, esta pesquisa apresenta-se como relevante frente às tendências de intensificação da exploração do trabalho na atual conjuntura de crise do capital, principalmente após a pandemia da COVID-19, onde novos laboratórios de experimentação do trabalho em home office, teletrabalho etc., foram ampliados a partir do uso intenso de tecnologias, que Antunes (2023) denominou de “pandemia da uberização”.

Além do mais, no ano de 2024 o governo Lula envia ao congresso um Projeto de Lei<sup>7</sup> que propõe a regulamentar determinadas condições de trabalho dos motoristas de plataformas de aplicativos. Na prática, a PL 12/2024, se aprovado, vai reconhecer os motoristas de aplicativos de plataformas como autônomos, introduzindo uma nova categoria de trabalho o que vai acabar formalizando o processo de precarização do trabalhando.

---

<sup>7</sup> Cf.: notícia intitulada “Entenda, ponto a ponto, a proposta do governo para motoristas da Uber, 99 e outros”, publicada no site do jornal Carta Capital em 04/03/2024: <https://www.cartacapital.com.br/economia/pl-dos-apps-entenda-ponto-a-ponto-a-proposta-governo-para-motoristas-da-uber-99-e-outros> , Carmo (2024).  
Cf.: BRASIL. Projeto de lei complementar nº 12, de 2024. Dispõe sobre a relação de trabalho intermediado por empresas operadoras de aplicativos de transporte remunerado privado individual de passageiros em veículos automotores de quatro rodas e estabelece mecanismos de inclusão previdenciária e outros direitos para melhoria das condições de trabalho. Brasília: março de 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Projetos/Ato\\_2023\\_2026/2024/PLP/plp-012.htm](https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Projetos/Ato_2023_2026/2024/PLP/plp-012.htm). Acesso em: 05 maio. 2024

A forma de exposição do trabalho se estrutura em torno de quatro seções que buscaram dar conta dos aspectos metodológicos e dos três objetivos específicos supracitados. No primeiro capítulo abordamos o caminho metodológico para cada etapa da pesquisa. Pelo nível de detalhamento, esse capítulo lança luz a aspectos ainda pouco explorados de pesquisas feitas a partir de ambientes virtuais.

Na sequência, no Capítulo 2, o olhar se volta para a revisão da literatura, a partir da síntese de autores reconhecidos para dar contorno ao objeto de estudo, nele determinamos as categorias teóricas de análise, os conceitos e características do trabalho mediado por plataformas.

A maior parte da análise do material empírico encontra-se nas duas últimas seções. No Capítulo 3 procuramos apreender o conceito de *crowdwork* e suas novas formas de trabalho fazendo um recorte para uma de suas especificidades o microtrabalho buscando extrair, a partir da bibliografia e da análise de documentos, como funciona a plataforma Amazon Mechanical Turk e sua gestão da força de trabalho, bem como os aspectos da precarização presente nas condições de trabalho.

Foi na análise das mensagens do grupo no aplicativo Telegram, no Capítulo 4, vistos do ponto de vista dos trabalhadores, que nos movimentamos na procura das conexões da percepção dos trabalhadores das condições de trabalho com a precarização presente na literatura. Para tanto, analisamos as mensagens e a literatura existente.

Nas considerações finais, visamos estabelecer os nexos entre as seções e partir dos achados da pesquisa, confirmando nosso pressuposto de que o microtrabalho é um trabalho precarizado e indicando os seguintes aspectos da precarização encontrados na literatura: desmonte nas formas de organização; desprovido de controle da gestão do labor; desprovido de direitos e regulamentação; intensificação da exploração do trabalho; intensificação de terceirização e informalidade.

Dos elementos conclusivos que essa dissertação procura trazer para pensar a realidade dos trabalhadores de microtrabalho brasileiros, os achados indicam que: a percepção dos trabalhadores está impregnada do discurso neoliberal; os trabalhadores percebem o rendimento como um complemento de renda e a jornada de trabalho flexibilizada como uma responsabilidade do trabalhador; os trabalhadores não compreendem o funcionamento da gestão do trabalho executada a partir de algoritmos; a comunicação entre os trabalhadores e a plataforma é ineficiente e os dados indicam que essa condição é proposital para a plataforma.

Pelo caráter inédito da pesquisa no âmbito do Serviço Social, entendemos que o objeto de estudo, encontra-se aberto a novas incursões, que deverão ser capturadas em uma nova agenda de trabalho futuro.

## **CAPÍTULO 1**

### **O PROTOCOLO DA PESQUISA: APROXIMAÇÃO SUCESSIVA AO FENÔMENO DO MICROTRABALHO**

Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, não são dogmas, mas pressupostos reais, dos quais se pode abstrair apenas na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições de vida materiais, tanto aquelas que eles já encontraram prontas, como aquelas produzidas por sua própria atividade. Esses pressupostos podem, portanto, ser verificados de maneira puramente empírica. (Marx; Engels, 2023, p.13)

## 2.1. Metodologia

O Objetivo desta seção é apresentar o caminho metodológico utilizado na construção desta pesquisa. Entendemos tratar-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. Para atingir tais objetivos recorreremos à pesquisa bibliográfica e documental.

Do ponto de vista teórico-metodológico, esta pesquisa é crítica, por consistir na busca da análise do trabalho no capitalismo contemporâneo, fazendo um recorte no microtrabalho, objeto de estudo que acarreta inúmeros conceitos e categorias, que se apresentam à realidade e à experiência humana em sua aparência, mas cabe ao pesquisador buscar penetrar a sua essência.

Segundo Gil, no método crítico dialético: “para conhecer realmente um objeto é preciso estudá-lo em todos os seus aspectos, em todas as suas relações e todas as suas conexões [...] tudo é visto em constante mudança” (Gil, 1994, p. 32).

Assim, nossa pesquisa, tem como marco teórico, a teoria social de Marx e Engels, fundamentada no método da crítica da economia política que implica “[...] uma determinada posição (perspectiva) do sujeito que pesquisa: aquela em que se põe o pesquisador para, na sua relação com o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações” (Netto, 2011, p. 16).

Para fundamentar o nosso objeto de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, priorizamos, no referencial teórico, os textos que tratam o trabalho como categoria central. Assim, utilizamos as categorias de análises de teóricos críticos.

A seguir será delimitado o caminho metodológico para cada etapa da nossa pesquisa:

## 2.2. Revisão da literatura

O capítulo 2 intitulado: *Capitalismo de plataforma – elementos para compreender a precarização do trabalho no uso das tecnologias digitais* é fruto de uma revisão da literatura elaborada a partir da síntese de autores referência em sua área.

No intuito de nos aproximarmos da temática e avaliarmos o que vem sendo produzido sobre o tema, bem como quais as linhas teórico-metodológicas vêm sendo adotadas nos estudos realizados, assim como os avanços e as lacunas destas pesquisas; empreendemos uma investigação preliminar sobre o estado da arte deste objeto. Pesquisar o estado da arte é mapear o que já foi pesquisado sobre determinada temática, apontando suas principais tendências.

Assim sendo, o Estado da Arte resulta de um vasto acervo de diferentes tipos de pesquisas, com ênfases, graus de aprofundamento e registros diversos. Essa modalidade de revisão bibliográfica nos permite um diálogo com os demais pesquisadores de áreas afins e nos revela a riqueza de dados produzidas em suas pesquisas. (Silva *et al.*, 2020, p.3)

Assim, recorreremos às clássicas obras de Marx e Engels que discutem a centralidade do trabalho e a dinâmica do modo de produção capitalista e a outros autores da vertente marxista; são também exemplos: David Harvey, Sérgio Lessa, Cláudio Katz, Osvaldo Coggiola, Xabier Montoro e José Paulo Netto quando discutem crise do capital e consequências societárias; Ricardo Antunes, Giovanni Alves, Roberto Vêras de Oliveira, Ludmila Abílio, André Valencia e Graça Druck e suas discussões acerca das consequências do processo contemporâneo da precarização do trabalho e a sua precarização no âmbito das novas tecnologias da Informação.

Dentro deste capítulo, para o entendimento do conceito de capitalismo e o trabalho mediado por plataformas, a escolha do referencial teórico da pesquisa, se deu por meio da bibliografia estudada na unidade da disciplina Tópicos especiais em trabalho digital e capitalismo contemporâneo<sup>8</sup>, do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPB ministrada pelo professor Dr. Roberto Vêras de Oliveira, dos quais destacamos os clássicos: *A sociedade em rede* (Castells, 1999); *Revolução informacional* (Lojkine, 2002); *Capitalismo de plataformas* (Srnicek, 2018); *Economia compartilhada* (Sundararajan, 2019); *Uberização* (Slee, 2019); *A formação de um cibertariado: trabalho virtual em um mundo real* (Huws, 2017).

Além dos livros com coletâneas de artigos: *Uberização. Trabalho Digital e Indústria 4.0* (Antunes, 2020b); *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual* (Antunes; Braga, 2009); *Plataformas digitais: o trabalho controlado por plataformas digitais no Brasil: dimensões, perfis e direitos* (Machado; Zanoni, 2022). Destaco ainda o artigo *O panóptico algoritmo da Deliveroo: mensuração, precariedade e a ilusão de controle* (Woodcock, 2020).

---

<sup>8</sup> Cf.: Ementa da disciplina *Tópicos especiais em trabalho digital e capitalismo contemporâneo*, período: 2022.2 – Nº de créditos: 04 – carga horária: 60h, ao qual teve como objetivo: contextualizar e conceituar o fenômeno do trabalho digital, em suas mais diversas manifestações, situar o trabalho digital como expressão de novas tendências do capitalismo contemporâneo e discutir as implicações do desenvolvimento das novas formas de trabalho da era digital para o Brasil na Universidade Federal da Paraíba - Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ppgs>. Acesso em: 01 jan. 2023.

### 2.3. Pesquisa bibliográfica

A partir das referências indicadas pelos autores estudados durante a revisão da literatura, novas dúvidas foram surgindo e novos autores foram sendo apresentados, assim, sentiu-se a necessidade de empreender uma pesquisa bibliográfica do tipo sistemática a partir das bases de dados do Portal de periódicos Capes, Scielo e Google acadêmico. O resultado está no Capítulo 3 intitulado: *CROWDWORK E MICROTRABALHO: particularidades do trabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk*,

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhado por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados, O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (Severino, 2010, p. 122)

Uma boa estratégia (Treinta *et al.*, 2014) é a construção de uma árvore de palavras-chave (ou descritores de busca), para que as referências bibliográficas que serão utilizadas na pesquisa sejam desdobradas a partir dos objetivos determinados no plano de trabalho. A árvore de palavras-chave, visa trazer a efetividade da qualidade na busca das referências.

A partir dessa questão, foram estabelecidas as bases para a árvore de palavras-chave: “microtrabalho” e “amazon mechanical turk”. Construimos então uma árvore de palavras-chave de dois níveis para contemplar nossa pesquisa bibliográfica.

No primeiro nível definimos a seguinte palavra-chave (ou descritores de busca): microtrabalho, buscando quais as principais tendências na pesquisa brasileira sobre o microtrabalho no Brasil. Como o foco da pesquisa é a visão do microtrabalho a partir do Brasil, o nosso eixo principal é mapear a literatura dos autores brasileiros.

Os critérios iniciais para a escolha bibliográfica, se deu mediante artigos científicos, considerando: parâmetro cronológico: a partir de 2020, parâmetro de qualidade: a quantidade de citações, a relevância do autor dentro do tema, a revisão por pares, e a quantidade de downloads, parâmetro geográfico: pesquisas feitas no Brasil no idioma português.

Considerando-se que o objetivo deste trabalho, apresenta como principal questão de pesquisa a pergunta: em que medida a precarização na plataforma MTurk é apontada na literatura e percebida pelos trabalhadores? Tal pergunta parte da necessidade de compreender as formas de precarização implicadas no microtrabalho a partir da literatura, em contraponto

com a percepção do trabalhador, tomamos como referência as mensagens disponíveis no Telegram, usadas como base de nossa pesquisa documental.

O Quadro 1 abaixo apresenta um panorama dos textos selecionados a partir das bases de dados consultadas:

**Quadro 1 - Bases de dados consultadas**

PALAVRA-CHAVE: MICROTRABALHO			
Base de dados	Quantidade	Processo de busca	Seleção e inclusão
Portal de periódicos Capes	7	Um artigo duplicado, então foram considerados 6. Todos eram revisados por pares. Quando o critério geográfico foi colocado, somente ficaram 2 artigos, sendo um em inglês.	Braz (2021)
SciELO	3	*Os 3 artigos estavam no portal de periódicos Capes	Braz (2021)
Google acadêmico	127	*Os seis da Plataforma Capes estavam presentes * Foi priorizado os artigos com muitas citações e de autores com relevância no tema.	Braz (2021); Abílio, Amorim, Grohmann, (2021b); Casilli (2021); Grohmann e Araújo, (2021) Grohmann et al. (2022); Grohmann (2020b); Grohmann (2021); Abílio, Amorim e Grohmann(2021)
<b>TOTAL</b>	<b>137</b>	<b>Total selecionado inicialmente: 7 artigos e 1 livro de coletâneas de artigos</b>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base nesses critérios definidos, e nos autores conceituados dentro do tema, optamos, inicialmente, por analisar sete (7) artigos e (1) livro.

Foram excluídas as produções não originais, como resenhas, os artigos fora do escopo de interesse e os artigos não disponíveis on-line ou duplicados.

Portando, com base nesses critérios, os artigos escolhidos para a pesquisa bibliográfica foram: *Heteromação e microtrabalho no Brasil* (Braz, 2021); *Trabalho em plataformas digitais: perspectivas desde o Sul global* (Abílio, Amorim e Grohmann, 2021b); *À espera de robôs: o mito sempre evasivo da automação e a exploração global do trabalho digital* (Casilli, 2021), *O chão de fábrica (brasileiro) da inteligência artificial: a produção de dados e o papel da comunicação entre trabalhadores de Appen e Lionbridge* (Grohmann e Araújo, 2021);

*Plataformas de fazendas de cliques: condições de trabalho, materialidades e formas de organização* (Grohmann et al., 2022); *Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal* (Grohmann, 2020b)<sup>9</sup>; *Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas* (Abílio, Amorim e Grohmann, 2021); além de diversos artigos no livro de coletânea: *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas* (Grohmann, 2021).

Como o recorte da pesquisa é para o Brasil e a plataforma da Amazon, para a análise de dados da pesquisa bibliográfica, filtramos nas mesmas bases de dados indicadas no Quadro 1, as pesquisas anteriores feitas com trabalhadores que apresentasse dados sobre microtrabalho na plataforma MTurk, e encontramos somente 04 pesquisas, (02) artigos, (01) dissertação e (01) tese de doutorado. Ademais, acrescentamos duas pesquisas devido à sua importância. i) o relatório da Organização Internacional do Trabalho - OIT, que pesquisou 3500 trabalhadores de cinco plataformas de microtarefas de língua inglesa residentes em 75 países espalhados pelo mundo, intitulado: *As plataformas digitais e o futuro do trabalho: promover o trabalho digno no mundo digital*; ii) o livro organizado por Machado e Zanoni (2022)<sup>10</sup>, *trabalho controlado por plataformas digitais: dimensões, perfis e direitos* um estudo completo feito por pesquisadores da Unicamp e estudantes da Universidade Federal do Paraná, com apoio do Ministério Público do trabalho. O Quadro 2, na próxima página, fornece uma visão geral das pesquisas que foram selecionadas para o nosso estudo.

---

<sup>9</sup> Esse artigo foi disponibilizado na coletânea de artigos organizada por Ricardo Antunes, no livro *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*, e vamos usar como referência na nossa pesquisa. Cf.: Grohmann (2020).

<sup>10</sup> O livro foi apresentado durante a disciplina *Tópicos especiais em trabalho digital e capitalismo contemporâneo*, ver nota 8 na página 25

**Quadro 2 - Artigos, dissertações e teses com pesquisas na temática do microtrabalho na MTurk selecionados para a nossa pesquisa**

PESQUISAS ANTERIORES				
Documento	Objetivo	Metodologia	Discussão	Impressões para refletir na nossa pesquisa
ILO (2018) *Relatório da OIT	Neste relatório, discute apenas uma forma de trabalho nas plataformas digitais: a execução de <b>microtarefa</b> .	Relatório apresenta um dos primeiros estudos comparativos das condições de trabalho em cinco importantes plataformas de microtrabalho de língua inglesa.	Apresenta uma ampla discussão sobre o microtrabalho. Traçou um perfil do trabalhador e sobre as condições de trabalho em várias plataformas de microtarefa.	A amostra de brasileiro foi de somente 11 brasileiros. Refletir as diferenças dos países do centro, para os países periféricos.
Kalil (2019) *Tese de Doutorado. USP	Entender a dinâmica de trabalho na plataforma MTurk.	Questionário distribuído para 56 trabalhadores brasileiros na plataforma MTurk.	Traçou características para o crowdwork, perfil do trabalhador, e o funcionamento da dinâmica do trabalho, ressaltando a importância de uma regulação trabalhista.	Dados para montar um perfil do trabalhador. Entender as condições de trabalho e comparar com a nossa pesquisa.
Moreschi, Pereira, Cozman (2020) *Artigo	Estudar quais são as condições desse tipo de trabalho digital no Brasil, através da plataforma da Amazon.	Questionário distribuído para 149 trabalhadores brasileiros na plataforma MTurk.	Traçou um perfil do trabalhador e das condições de trabalho.	A metodologia utilizada na pesquisa. Entender as condições de trabalho e comparar com a nossa pesquisa.
Santos (2021) *Dissertação Mestrado em Economia Política- PUC-SP	Investiga as condições de trabalho dos brasileiros em plataformas de microtarefas e averigua se há diferenças entre as diferentes plataformas (MTurk e Appen).	Questionário para 34 trabalhadores brasileiros de diferentes plataformas de microtarefas e entrevistas em profundidade com 4.	Formula hipóteses sobre o microtrabalho.	Dados para montar um perfil do trabalhador. Entender as condições de trabalho e comparar com a nossa pesquisa.

Braz (2021) *Artigo	Analisar as diferentes formas de microtrabalho heteromatizado.	método netnográfico nos inserimos em 22 grupos de Facebook e de Whatsapp voltados a esse mercado, por 7 meses	Lançar luzes compreensivas sobre as condições e especificidades do contexto laboral brasileiro de microtarefas. *PESQUISA COM VÁRIAS PLATAFORMAS DE MICROTAREFAS	Entender as condições de trabalho e comparar com a nossa pesquisa. A metodologia utilizada na pesquisa.
Machado, Zanoni (2022) *Livro	Visa indicar a quantidade de usuários ativos de aplicativos e fazer uma análise de perfis e trajetórias profissionais em diferentes trabalhos em plataformas.	Utiliza o site Similarweb para estimar os dados de tráfego na web + entrevistas em profundidade e questionário com 492 trabalhadores (dentre eles trabalhadores de microtarefas)	Demonstra que o trabalho plataformizado se insere em diferentes realidades sócio-ocupacionais, abarcando diferentes perfis socioeconômicos. *A PESQUISA NÃO É EXCLUSIVA COM TRABALHADORES DE MICROTAREFAS.	Dados sobre o alcance da plataforma, e quantidade de usuários. O funcionamento da gestão algorítmica do trabalho.
TOTAL	6 PESQUISAS			

Fonte: elaborado pelo autor.

## 2.4. Pesquisa documental

Para atingir os objetivos da pesquisa, além da pesquisa bibliográfica fizemos uma pesquisa documental.

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (Severino, 2010, p. 122-123)

Averiguamos na pesquisa que em plataformas de microtrabalho, a própria plataforma disponibiliza poucos dados sobre o funcionamento desse trabalho e a dispersão geográfica é a nível global, isso dificulta as formas de organizações destes trabalhadores, desta forma, plataformas como o YouTube e grupos de mensagens como o Telegram podem funcionar como uma ferramenta de resistência e comunicação, com muita informação disponível para análise.

Buscamos, ainda, compreender os modos de subjetivação na atualidade brasileira, analisando como o trabalhador vivencia as condições de precarização encontradas no microtrabalho.

Desta forma, dividimos a pesquisa documental em 04 fases, conforme descrita no Quadro 3 abaixo:

**Quadro 3 - Fases da pesquisa documental**

FASES	CAPÍTULOS UTILIZADOS	IMPRESSIONES PARA REFLETIR NA PESQUISA
<p><b>Fase 1:</b> Relatórios da Amazon</p>	<p>Para o Capítulo 3 intitulado: CROWDWORK E MICROTRABALHO: particularidades do trabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk. O relatório está disponível no site. O site traz informações como os valores da empresa, o que faz, o ambiente de trabalho, seu impacto e sua atuação no Brasil.</p>	<p>Entender o funcionamento da Amazon a partir da visão da empresa.</p>
		<p>As questões norteadoras foram: Quem são os diretores? Quantidade de trabalhadores ao redor do mundo? Sua forma de funcionamento?</p>
<p><b>Fase 2:</b> Documentos do site da plataforma Amazon Mechanical Turk</p>	<p>Para complementar o Capítulo 3, elaboramos uma pesquisa nos documentos da plataforma presentes no site da MTurk. <a href="https://www.mturk.com/">https://www.mturk.com/</a>.</p>	<p>Entender o funcionamento da plataforma a partir da perspectiva da empresa. As questões norteadoras foram: Como surgiu a plataforma? Como ela funciona? Como funciona a precificação e possíveis clientes.</p>
<p><b>Fase 3:</b> Plataforma de Vídeos do YouTube</p>	<p>Para o Capítulo 3 fizemos a seleção de 3 vídeos na plataforma.</p>	<p>Entender o funcionamento da plataforma Amazon Mechanical Turk.</p>
		<p>As perguntas norteadoras aos vídeos foram: como se cadastrar na plataforma? Como são as tarefas? Possíveis formas de gestão algorítmica e como se dá a forma de pagamento? Refletir qualquer forma de percepção do trabalhador em relação ao trabalho na MTurk.</p>
<p><b>Fase 4:</b> Grupo no aplicativo de mensagens Telegram</p>	<p>Para o capítulo 4 intitulado As condições de trabalho na plataforma da Amazon Mechanical Turk no Brasil, nos inserimos em um grupo, onde os usuários são trabalhadores da plataforma MTurk, no aplicativo de mensagens do Telegram.</p>	<p>Em que medida a precarização na plataforma MTurk presente na literatura é percebida pelos trabalhadores?</p>

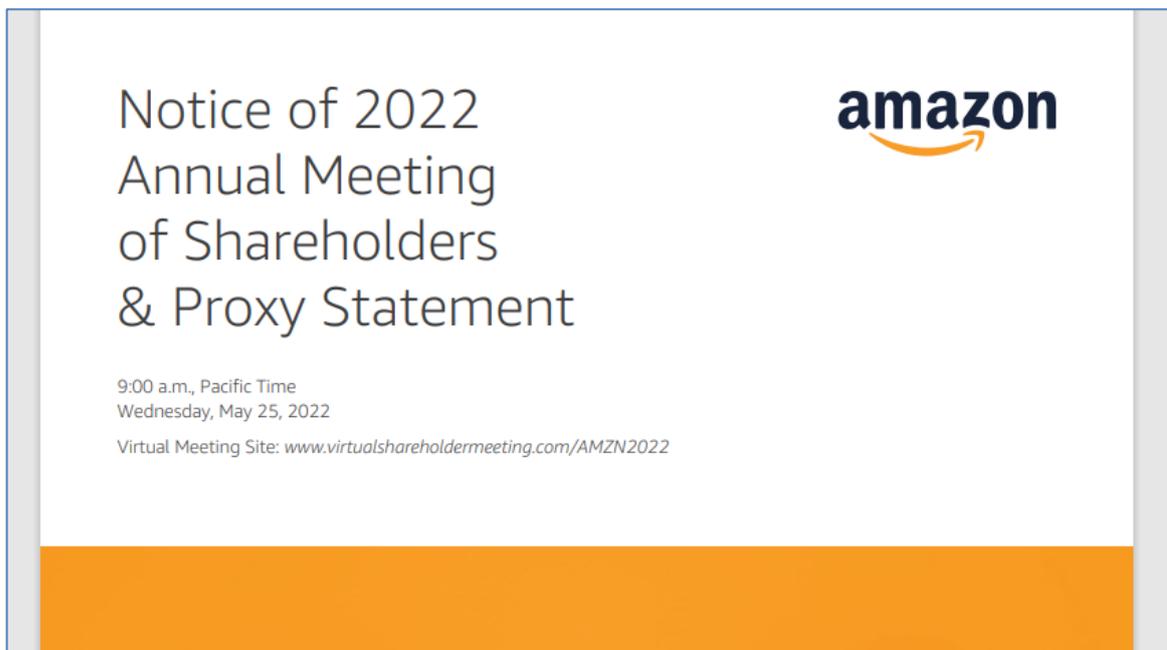
Fonte: elaborado pelo autor.

### 2.4.1. Site da Amazon e Relatórios da Amazon

A Amazon é uma das grandes plataformas de tecnologia disponíveis no mundo hoje. É uma plataforma atuante no capitalismo movimentando bilhões de dólares<sup>11</sup>. Para atingir os objetivos da pesquisa, achamos necessário descrever seu funcionamento e o seu impacto no mundo do trabalho.

Desta forma, utilizamos então como fonte de dados da nossa pesquisa, além dos artigos, livros, dissertações e teses dispostos anteriormente, a partir da pesquisa documental acesso ao site da Amazon (Aboutamazon, 2023) e o relatório anual da Amazon de 2022<sup>12</sup>. Conforme exemplifica Figura 1, abaixo:

**Figura 1 - Capa do Relatório anual da Amazon para os acionistas**



Fonte: Captura de tela, da capa do Relatório da Amazon (Amazon, 2023c).

O relatório está disponível no site da Amazon e traz informações para os acionistas da empresa, com uma visão geral do ano de 2022 e seu impacto global. Já o site traz informações

<sup>11</sup> De acordo com o site o Globo a receita da Amazon no segundo trimestre de 2023 foi de US\$ 134,4 bilhões. Cf.: notícia intitulada “Amazon registra receita e lucro bem maiores do que o estimado no segundo trimestre”, publicada no site do jornal O Globo em 03/08/2023: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/noticia/2023/08/03/amazon-registra-receita-e-lucro-bem-maiores-do-que-o-estimado-no-segundo-trimestre.ghtml>, O Globo (2023).

<sup>12</sup> Cf.: AMAZON. Notice of 2023c Annual Meeting of Shareholders & Proxy Statement [Relatório anual da Amazon 2022]. Disponível em: <https://ir.aboutamazon.com/annual-reports-proxies-and-shareholder-letters/default.aspx>. Acesso em: 19 jan. 2023.

para toda a população como os valores da empresa, o que faz, o ambiente de trabalho, seu impacto e sua atuação no Brasil. Além disso, para complementar utilizamos o artigo intitulado *Amazon's antitrust paradox* (Khan, 2017) buscando compreender a políticas econômicas da empresa e a obra de Delfanti, intitulado: *Amazon: trabalhadores e robôs* (Delfanti, 2023).

As questões norteadoras foram: Quem são os diretores? Quantidade de trabalhadores ao redor do mundo? Sua forma de funcionamento? Sua política econômica?

#### 2.4.2. YouTube

Para o Capítulo 03, com o objetivo de entender o funcionamento da plataforma Amazon Mechanical Turk, fizemos uma pesquisa documental na plataforma de vídeos YouTube. As perguntas norteadoras aos vídeos foram: como se cadastrar na plataforma? Como são as tarefas? Possíveis formas de gestão algorítmica e como se dá a forma de pagamento? Se possível ainda, buscamos refletir qualquer forma de percepção do trabalhador em relação a plataforma MTurk.

O YouTube é uma plataforma de vídeos online criada em 2005. Em 2006 foi comprado pela gigante da tecnologia Google e se tornou uma das maiores plataformas no seu segmento de atuação. Na plataforma os usuários podem criar conteúdo de vídeos e compartilhar com usuários dispersos ao redor do mundo, permite ainda, a interação por meios de comentários.

No ano de 2023, segundo levantamento feito pela plataforma online Cuponation que mediu a performance do YouTube ao redor do mundo, revelou que a plataforma de vídeos é a segunda mais acessado do mundo e possui cerca de 2 bilhões de usuários ativos. No Brasil tem cerca de 142 milhões de usuários e está em 3º lugar no ranking internacional, só perdendo para a Índia e os EUA<sup>13</sup>

Para a pesquisa, utilizamos o descritor de busca “Amazon Mechanical Turk” sendo percebido que aparece uma série de vídeos oferecendo ajuda para trabalhar na plataforma. A maioria dos vídeos é no idioma inglês. Os parâmetros de filtragem em nossa pesquisa foram: vídeos no idioma português e datados a partir do ano de 2020. Desta forma, conforme Quadro 4 abaixo, solicitamos 3 vídeos.

---

<sup>13</sup> Cf. notícia intitulada “Ranking do YouTube: Brasil é o 3º país com mais usuários na plataforma em 2023”, publicada no site Olhar Digital em 06/05/2023: <https://olhardigital.com.br/2023/05/06/pro/ranking-do-youtube-brasil-e-o-3o-pais-com-mais-usuarios-na-plataforma-em-2023/>, Ventura (2023).

**Quadro 4 - Síntese dos vídeos no YouTube utilizados na pesquisa documental**

VÍDEOS DA PLATAFORMA YOUTUBE			
Nome do canal	Nome do vídeo	Conteúdo	Impressões para refletir na pesquisa
Bianca Ferraz - Renda Extra Em Casa	<b>Como Trabalhar Na Amazon Home Office (Amazon MTurk)</b>	Como se cadastrar na plataforma. Como executar tarefas na plataforma.	Refletir como a plataforma distribui as tarefas, como é a forma de pagamento, e como é a gestão algorítmica.
Canal com 39,2 mil subscritores Link do vídeo: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=tKXniCqc_Tk&amp;t=404s">https://www.youtube.com/watch?v=tKXniCqc_Tk&amp;t=404s</a> Vídeo com: 29 mil visualizações Data do vídeo: 04/08/2021			
Jennifer Quirino	<b>Amazon MTurk na prática</b>	Mostra em detalhes a trabalhadora executando uma tarefa.	Observar que tipo de tarefas são executadas pelo trabalhador.
Canal com 276 inscritos Link do vídeo: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=rwGICGBfiZg&amp;t=103s">https://www.youtube.com/watch?v=rwGICGBfiZg&amp;t=103s</a> Vídeo com: 3,6 mil visualizações Data do vídeo: 22/02/2022			
Trabalho Virtual	<b>Ganhar Dinheiro na Internet: Pontos Negativos Do Mechanical Turk (Experiência Pessoal)</b>	Explicar pontos negativos a partir da percepção da trabalhadora em relação a plataforma da Amazon.	Refletir a percepção negativa em relação a plataforma.
Canal com 400 mil inscritos. Link do vídeo: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=iPTlryk-Ajk&amp;t=583s">https://www.youtube.com/watch?v=iPTlryk-Ajk&amp;t=583s</a> Vídeo com: 42 928 mil visualizações. Data do vídeo: 24/01/2020.			
			<b>TOTAL 3 vídeos</b>

Fonte: elaborado pelo autor (vídeos acessados em novembro de 2023).

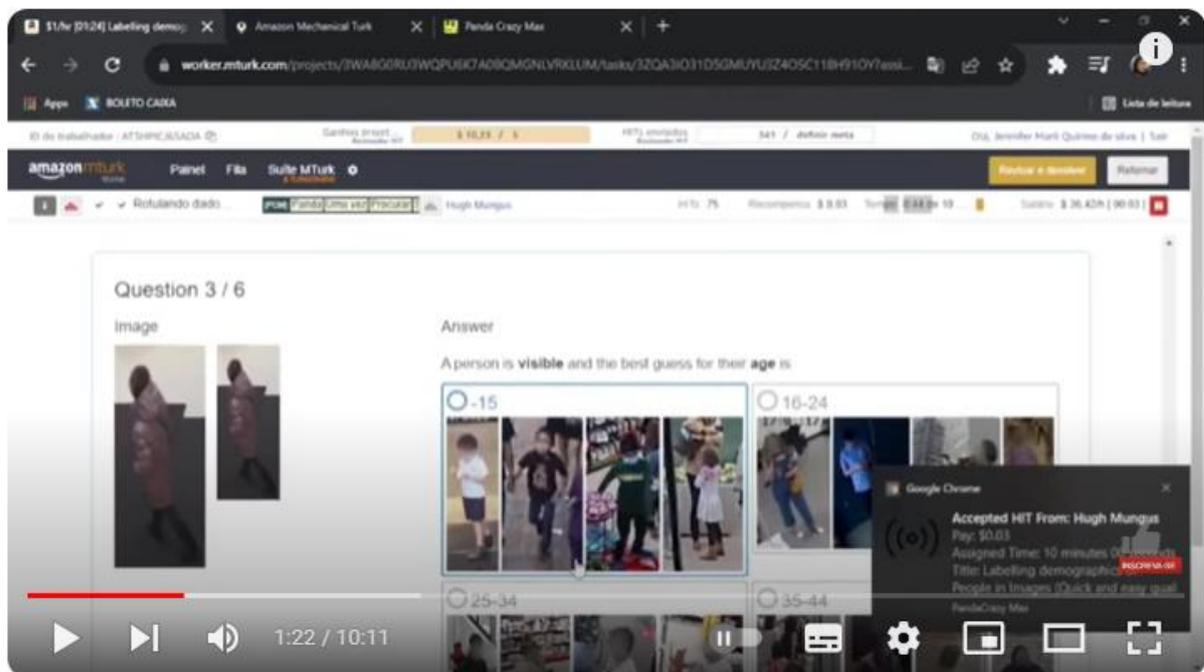
Na pesquisa realizada, identificamos através dos vídeos analisados, como se dá o processo de trabalho na plataforma da Mturk. No vídeo *Como Trabalhar Na Amazon Home Office (Amazon MTurk)* é possível identificar como é feito o cadastro na plataforma e como executar tarefas na plataforma. Além disso, o vídeo já identifica o valor mínimo pago pelas tarefas: o trabalhador iniciante precisa executar muitas tarefas que pagam 0,01 centavos de dólar

para poder no futuro receber tarefas que paguem valores acima desse. Outra informação importante é que tarefas podem ser rejeitas e consequentemente não serem pagas. Ainda assim, a trabalhadora incentiva o uso da plataforma.

Também no vídeo *Amazon Mturk na prática*, pudemos averiguar em detalhes, como uma trabalhadora executa em tempo real uma tarefa na plataforma MTurk. Na tarefa, algumas imagens de pessoas são apresentadas e ela tem que sinalizar, conforme a sua percepção, a idade que ela acha que a pessoa na imagem tem.

A Figura 2 abaixo, ilustra um exemplo de tarefa executada na plataforma Mturk

**Figura 2 - Exemplo de tarefa executada na plataforma MTurk**



Fonte: captura de tela de vídeo do YouTube (Amazon...,2023), vídeo acessado em novembro de 2023.

Na análise do vídeo, é possível compreender que uma das formas da gestão algorítmica do trabalho se dá a partir da disposição das tarefas, em uma fila de tarefas a trabalhadora precisará executar todas, pois somente assim ela continuará recebendo mais tarefas a sua disposição para execução. Além disso, a trabalhadora comemora o pagamento aproximado que ela receberá de 10 dólares por 3 horas de trabalho e 341 tarefas executadas, exaltando a condição de não ser CLT. Segundo o vídeo, ela tem um filho e gosta de trabalhar na plataforma porque isso lhe traz flexibilidade e a renda da plataforma complementa a renda da casa.

No vídeo *Ganhar Dinheiro na Internet: Pontos Negativos Do Mechanical Turk (Experiência Pessoal)* o enfoque é nos pontos negativos da plataforma MTurk. A trabalhadora

elencar alguns pontos que ela considera negativo: 1) a falta de treinamento inicial para o uso na plataforma, segundo a trabalhadora os primeiros contatos com a plataforma são difíceis e o suporte de treinamento é praticamente inexistente; 2) o trabalhador não pegará tarefas que pagam “melhor” logo de cara, assim como no vídeo *Como Trabalhar Na Amazon Home Office (Amazon Mturk)* o trabalhador vai ter que fazer muitas tarefas com rendimentos a partir de 0,01 centavos de dólar para ter acesso a tarefas com maior rendimento. 3) Para a trabalhadora, as tarefas que pagam 0,01 centavos de dólar são chatas, simples e demoradas. 4) As tarefas podem ser rejeitadas pelo cliente solicitante, sem motivo, assim o trabalhador não recebe pagamento.

### 2.4.3. Site da Amazon Mechanical Turk

Para complementar o Capítulo 3 intitulado: *CROWDWORK E MICROTRABALHO: particularidades do trabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk*, elaboramos uma pesquisa nos documentos da plataforma presentes no site: <https://www.mturk.com/>. A pesquisa perpassou por todos os itens do menu da página: visão geral, características, preços, Ajuda, Recursos para desenvolvedores e clientes.

A pesquisa teve como objetivo entender o funcionamento da plataforma a partir da perspectiva da empresa. As questões norteadoras foram: Como surgiu a plataforma? Como ela funciona? Como funciona a precificação e possíveis clientes.

**Figura 3 - Captura de tela do site da Amazon Mechanical Turk (Traduzido)**



Fonte: Amazon Mechanical Turk (2023b).

#### 2.4.4. Grupo de mensagens no Telegram

Para a pesquisa documental, referente ao terceiro objetivo específico de nossa pesquisa qual seja: identificar a percepção dos trabalhadores sobre a precarização das condições de trabalho, nos inserimos em um grupo no aplicativo de mensagens Telegram<sup>14</sup>, com membros que se identificam como trabalhadores da MTurk e utilizamos em nossa pesquisa as mensagens disponíveis no grupo procurando explorar o que as mensagens dos trabalhadores nos documentos desvelam, além disso, identificaremos se eles utilizam estratégias de resistência.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba e teve o seu Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética e pesquisa aprovado. O documento se encontra disponível no Anexo.

É importante destacar que a análise das mensagens do grupo, foi importante para nos trazer a percepção do trabalhador, já que o mesmo é quem vivencia a experiência desse tipo de trabalho no dia a dia. Pois, percebemos que no grupo do aplicativo de mensagens os trabalhadores se mostram mais espontâneos, e relaxados, o que enriquece a pesquisa.

Compreendemos ainda, que atentar para as justificativas morais que eles dão para o que estão fazendo, como eles processam isso, e quais as suas estratégias de resistências.

Em plataformas de microtrabalho, a dispersão geográfica é a nível global, isso dificulta as formas de organizações destes trabalhadores, desta forma, grupos de mensagens como o Telegram podem funcionar como uma ferramenta de resistência e comunicação, com muita informação disponível para análise. Outro ponto importante é que poucas pesquisas foram realizadas com trabalhadores de microtrabalho no Brasil: Braz (2021); Santos (2021); Moreschi, Pereira, Cozman (2020); Kalil (2019), além de Machado e Zanoni (2022) que fizeram uma pesquisa com 492 trabalhadores (dentre eles trabalhadores de microtarefas).

Para a análise no aplicativo de mensagens do Telegram, utilizamos como *Técnica Adaptada* a análise de conteúdo. Segundo Bardin:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo das frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução e na inferência (Bardin, 2016, p. 15).

---

<sup>14</sup> A inserção no grupo se deu a partir de um link disponível a todos em um dos vídeos pesquisados no YouTube. (Mturk..., 2021)

O objetivo é utilizar a análise de conteúdo, a partir das mensagens, como uma ferramenta que ajuda a identificar a percepção do trabalhador, que vivência a experiência na plataforma MTurk, que transpareçam nas mensagens trocadas entre os trabalhadores.

Na pesquisa evidenciamos que os integrantes do grupo se identificam como trabalhadores da MTurk, denominados por meio de um “nome de usuário”.

A amostragem utilizada foi não probabilística, no qual se preocupa em capturar a diversidade do universo e frequentemente usada em pesquisas qualitativa. No período da pesquisa, foram coletados dados arquivais das mensagens de texto, e imagens e vídeos publicados espontaneamente pelos membros do grupo, sem que haja intervenção do pesquisador.

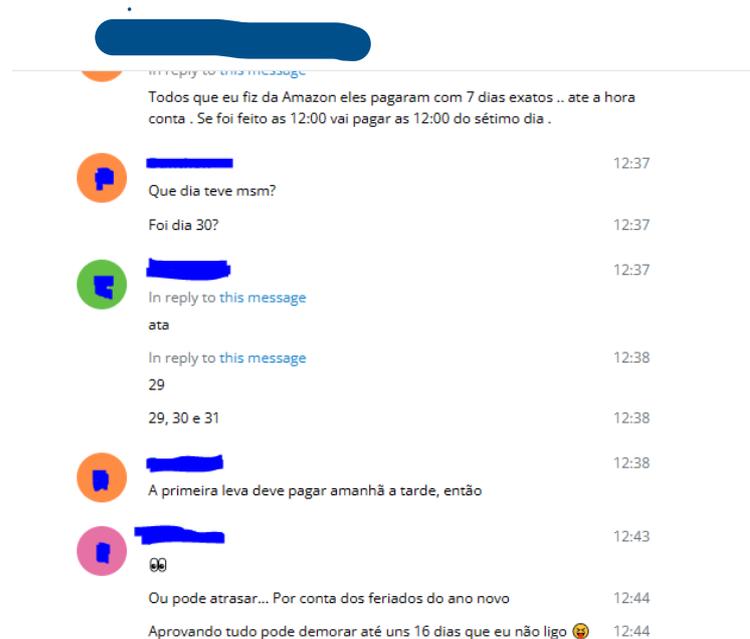
A análise de conteúdo se baseou em três etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência.

Na pré-análise, selecionamos o grupo que fizemos a pesquisa, no caso um grupo do aplicativo de mensagens denominado Telegram. O *Telegram Messenger*<sup>15</sup> é um aplicativo de mensagens instantânea, gratuito, disponível para download em celular Android, iPhone (iOS), etc. Após baixar o aplicativo, o usuário pode conversar com os seus contatos de celular por meio de textos, enviar mensagens, imagens, vídeos e áudios. Na descrição inicial do grupo, a indicação é de que o grupo tem como objetivo tirar dúvidas sobre a plataforma e indicar links de trabalhos para os integrantes do grupo.

---

<sup>15</sup> O Telegram, criado em 2013, é um aplicativo de mensagens que foi criado pelos irmãos russos Durov. Segundo o site G1, tem mais de 500 milhões de usuários no mundo (dados de abril de 2023), G1 (2023). Notícia intitulada “O que é o Telegram? Saiba como funciona o aplicativo”, publicada no site do G1 em 27/04/2023: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/04/27/o-que-e-o-telegram-saiba-como-funciona-o-aplicativo.ghtml>.

**Figura 4 - Captura de tela do arquivo HTML**



Fonte: Captura de tela do aplicativo do grupo de mensagens no Telegram.

Para a amostra da pesquisa, definimos o recorte temporal, que vai do dia 03 de janeiro a 30 de junho de 2023. O número de mensagens foi bastante expressivo, um total de 6658 mensagens, entre as quais mensagens de texto, áudio e vídeos, conforme apresentamos no Quadro 5.

**Quadro 5 - Formato das mensagens**

TIPO DE MENSAGENS	TOTAL
Mensagens em forma de texto	6455
Mensagens em forma de imagem	156
Mensagens em forma de áudio	37
Mensagens em forma de vídeo	10
<b>TOTAL</b>	<b>6658</b>

Fonte: elaborado pelo autor.

Definimos como o primeiro passo fazer um backup das mensagens do Telegram, o backup transferiu as mensagens para arquivos em formato HTML. Para facilitar a manipulação dos dados convertemos o arquivo HTML para a versão XLS de tabelas que poderão ser manipuladas no software Excel. Desta forma, através das mensagens, construímos um banco de dados de tabelas no Excel.

Quando convertemos para o Excel, a tabela ficava desorganizada, conforme ilustra Figura 5:

**Figura 5 - Mensagens convertidas para o Excel**

	A	B	C	D	E	F
223	16:32					
224						
225						vc é a primeira pessoa que conheço q teve conta aceita em 2021. Vc lembra o mês que criou?
226	16:32					
227						
228						se eu soubesse desde do inicio
229	16:32					
230						
231						In reply to this message
232						Né Lê...
233	16:33					
234						
235						In reply to this message
236						Eu tenho uma que foi 2021 tbm em outubro a minha
237						
238	16:33					
239						
240						In reply to this message
241						Nossa talvez foi aí que tive sorte
242						Como não mexia muito quando não entendia eu nem fazia

Fonte: elaborado pelo autor.

Então, o segundo passo foi organizar as tabelas no Excel. Como o número de mensagens era muito grande, inicialmente separamos as tabelas por meses. Esse processo de organização foi realizado em duas semanas. Inicialmente, cada tabela foi organizada conforme ilustra Figura 6:

**Figura 6 - Organização das mensagens no Excel**

	A	B	C	D	E	F	G	H
1	JANEIRO: TOTAL DE MENSAGENS: 1039							
2	Data	Hora	imagem OU vídeo	autor	dica	mensagem	pergunta	COMENTÁRIO DA PESQUISADORA
3	3 January	21:13		T1		Hoje o Mturk ficou caindo O DIA TODO		
4	3 January	21:14		T1		Mesmo eu usando apenas o panda e mais nada		
5	3 January	21:17		T2		Aqui parou de cair graças a Deus, faz uns 15 dias que não cai mais		
6	3 January	21:24		T1		Fez algo diferente?		
7	3 January	21:25		T2		Não, tudo igual antes do nada parou de cair faz uns 15 dias já que não caiu mais		
8	3 January	22:05		T1		Acabou de aprovar aqui. Confere aí		
9	3 January	22:06		T3		Aqui tbm. Que alívio kkk		
10	3 January	22:07		T1		Hahahah MT bom neh		
11	3 January	22:07		T1		Só é demoradinho pra fazer		
12	3 January	22:07		T3		Sim sim		
13	4 January	10:26		T4		cade os lotes		
14	4 January	10:27		T5		Estou fazendo o hit da " Rebel "		
15	4 January	10:27		T5		Verificar perfil do Instagram		
16	4 January	10:30		T4		quando n tem email vc coloca oq ?		

Fonte: elaborado pelo autor.

Em função do grande volume das mensagens, optamos por organizar uma leitura flutuante (Bardin, 2016) nas mensagens do mês de janeiro e compreendemos que existia um padrão aos tipos de conteúdo relacionados com a forma de trabalho na plataforma MTurk. A partir daí, começamos a pensar em um instrumento de coleta a partir de uma forma de codificação que nos auxiliasse a extrair os dados referentes ao objetivo específico dessa etapa da pesquisa.

A codificação iniciou na fase de coleta de dados, para isso utilizamos a técnica de codificação da análise de conteúdo: selecionar semelhanças no conteúdo das mensagens procurando por elementos de marcação para extrair das comunicações a essência de sua mensagem, assim, fizemos um recorte em unidades de registros (Bardin, 2016). Desta forma, foi possível formular indicadores temáticos para serem categorizados. Para isso, se fez necessário buscar nas mensagens as percepções dos trabalhadores das condições de trabalho presentes na plataforma da Amazon.

Para fins de analisar a precarização do trabalho foram utilizadas como base as condições materiais e instrumentais de trabalho fundamentadas no conceito de Trabalho decente da OIT (2023), além das condições definidas como precarização pelos autores que qualificam a fundamentação teórica dessa pesquisa.

Observamos na pesquisa, que a OIT utiliza vários indicadores para qualificar o trabalho decente, entre eles: oportunidades de emprego, rendimentos adequados e trabalho produtivo, jornada de trabalho decente, combinação entre trabalho, vida social e familiar; estabilidade e segurança no trabalho; seguridade social; entre outros.

Conforme ilustra o Quadro 6, inicialmente, codificamos as mensagens através da escolha de temas a partir dos indicadores da OIT.

**Quadro 6 - Elementos-guia para criação do instrumento de coletas de dados com base nos parâmetros da OIT**

QUESTÃO NORTEADORA (TEMAS)	FOCO DA PESQUISA QUALITATIVA	PERGUNTAS PARA INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS
Jornada de Trabalho	Mapeamento da duração da jornada de trabalho na plataforma. Como o trabalhador percebe a jornada de trabalho.	Qual a percepção sobre a jornada de trabalho?
Rendimentos adequados (salário)	Compreender como é feita a remuneração do trabalhador, as formas de precificação, qual a percepção do trabalhador sobre os rendimentos	Qual a percepção do trabalhador sobre os rendimentos? Qual o valor da tarefa?
Igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego	Investigação se o trabalhador compreende alguma forma de discriminação com o emprego.	As mensagens indicam frases que demonstram compreender algum tipo de discriminação?
Satisfação com o trabalho realizado	Investigação sobre o tipo de trabalho/atividade realizados Investigação sobre a satisfação com o trabalho realizado.	As mensagens indicam frases que demonstram satisfação com o trabalho realizado? As mensagens indicam frases que demonstram insatisfação com o trabalho realizado? As mensagens indicam frases que demonstram quais problemas com a plataforma?
Percepção da gestão algorítmica (como se realiza as avaliações e as penalizações)	Investigação sobre como o trabalhador entende as regras da plataforma. Investigação se o grupo ajudar a decifrar as regras. Investigação sobre tipos de bloqueios e desligamentos. Investigação sobre a percepção do trabalhador sobre as punições. Investigação sobre a forma como é feita a comunicação com a plataforma e com o cliente solicitante.	O que as mensagens indicam sobre o gerenciamento algorítmico (punições e qualificações, cancelamento de conta?)
Formas de resistência do trabalhador	Investigação sobre como o trabalhador se utiliza de formas de resistências para “driblar” a gestão algorítmica do trabalho a seu favor.	Que tipo de dicas e dúvidas as mensagens disponibilizadas no grupo que indicam alguma forma de resistência do trabalhador?
Outras percepções	Outras questões que surgiram durante o processo de categorização.	

Fonte: elaborado pelo autor.

Desta forma, ainda a partir do banco de dados de planilhas no Excel, com as escolhas de perguntas foi executado a categorização inicial a partir de perguntas para o instrumento de coleta de dados. Foi um processo minucioso, linha por linha, que durou aproximadamente duas semanas. Conforme demonstrado na Figura 7.

**Figura 7 - Visualização da categorização da tabela, a partir das perguntas**

JANEIRO: TOTAL DE MENSAGENS: 1039							
Data	Hora	imagem OU vídeo	autor	dica	mensagem	pergunta	COMENTÁRIO DA PESQUISADORA
3 January	21:13		T1		Hoje o Mturk ficou caindo O DIA TODO	As mensagens indicam frases que demonstram quais problemas com a plataforma?	Plataforma fica fora do ar
3 January	21:14		T1		Mesmo eu usando apenas o panda e mais nada	As mensagens indicam frases que demonstram quais problemas com a plataforma?	
3 January	21:17		T2		Aqui parou de cair graças a Deus, faz uns 15 dias que não cai mais	As mensagens indicam frases que demonstram quais problemas com a plataforma?	
3 January	21:24		T1		Fez algo diferente?	As mensagens indicam frases que demonstram quais problemas com a plataforma?	
3 January	21:25		T2		Não, tudo igual antes do nada parou de cair faz uns 15 dias já que não caiu mais	As mensagens indicam frases que demonstram quais problemas com a plataforma?	
3 January	22:05		T1		Acabou de aprovar aqui. Confere aí	Que tipo de dicas e dúvidas as mensagens disponibilizadas no grupo que indicam alguma forma de resistência do trabalhador?	indica que um lote de tarefas começou a ser aprovado
3 January	22:06		T3		Aqui tbm. Que alívio kkk	As mensagens indicam frases que demonstram satisfação com o trabalho realizado?	Alívio porque a tarefa foi aceita, e assim será remunerada

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao final desse processo, para fins de análise, selecionamos somente as mensagens que foram categorizadas e assim respondiam as perguntas e excluímos as mensagens que não foram categorizadas porque não respondiam ao interesse da pesquisa. E assim, das 6658 mensagens iniciais, chegamos a um total de 2463. Conforme demonstra o Quadro 7 com o quantitativo de mensagens utilizadas na pesquisa:

**Quadro 7 - Quantitativo de mensagens utilizadas na pesquisa**

Mensagens no grupo			Total de usuários no grupo → 146
Mês	Total de mensagens no mês	Total de mensagens categorizadas por mês	Quantos usuários interagiram nos 6 meses coletados  59
Janeiro	1039	563	
Fevereiro	1612	511	
Março	2295	714	
Abril	845	422	
Maió	471	182	
Junho	396	71	
<b>TOTAL</b>	<b>6658</b>	<b>2463</b>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Com as mensagens categorizadas, passamos para a fase de construção do quadro matricial para cada questão norteadora determinada no Quadro 6. Os quadros foram os instrumentos utilizados para o tratamento dos dados que posteriormente serviram de sustentação para a análise de dados. Os quadros matriciais estão disponíveis no apêndice.

Com base nos quadros matricial, fizemos a inferência e interpretação dos dados à luz das categorias.

Apresentadas essas considerações, sobre os caminhos metodológicos percorridos na pesquisa, agora teceremos uma análise da produção teórica sobre o capitalismo de plataforma e a precariedade do trabalho mediado por plataformas.

## CAPÍTULO 2

### **CAPITALISMO DE PLATAFORMA: elementos para compreender a precarização do trabalho no uso das tecnologias digitais**

Ao contrário da eliminação completa do trabalho pelo maquinário informacional-digital, estamos presenciando o advento e a expansão monumental do *novo proletariado da era digital*, cujos trabalhos, mais ou menos intermitentes, mais ou menos constantes, ganharam novo impulso com as TICs, que conectam, pelos celulares, as mais distintas modalidades de trabalho. Portanto, em vez do *fim do trabalho na era digital*, estamos vivenciando o *crescimento exponencial do novo proletariado de serviços*, uma variante global do que se pode denominar *escravidão digital*. (Antunes, 2020, p.32)

### 3.1. Trabalho, forças produtivas, ideologia e precarização para pensar o uso das tecnologias digitais

Neste capítulo, o olhar se volta para a revisão da literatura, a partir da síntese de autores reconhecidos. A pesquisa consistiu numa análise exploratória das principais categorias que permitem compreender a totalidade considerando que o nosso objeto de estudo é o microtrabalho a partir da precarização, optamos pela adoção de categorias que facilitem a explicação do objeto a partir de suas raízes. Para Marx:

[...] as categorias expressam formas de ser, determinações de existência, com frequência somente aspectos singulares dessa sociedade determinada, desse sujeito, e que, por isso, a sociedade, também do ponto de vista científico, de modo algum só começa ali onde o discurso é sobre ela enquanto tal (Marx, 2011, p. 59).

A partir da teoria social crítica, visamos analisar os elementos do âmbito mais geral para o particular, decompondo as categorias para entender as suas manifestações singulares e nos próximos capítulos estabelecemos uma relação com o microtrabalho. Esse movimento possibilitou descrever, relacionar e inferir sobre a realidade em análise.

[...]o conhecimento teórico é o *conhecimento do objeto - de sua estrutura e dinâmica - tal como ele é em si mesmo*, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. *A teoria é*, para Marx, *a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa*: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta **reprodução** (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto (Netto, 2011, p. 20-21).

Portanto, compreendemos que utilizar as categorias de análise nos ajuda a compreender a essência do nosso objeto, na medida que nos permite analisar diferentes formas de desenvolvimento e as conexões entre elas.

Assim, para o desenvolvimento deste estudo, inicialmente, nos pautamos nas seguintes categorias: trabalho, forças produtivas, ideologia e precarização. São categorias fundamentais para entender o conceito de trabalho digital e especificamente do microtrabalho.

- Trabalho

A perspectiva marxista considera que o **trabalho** é quem constitui a sociedade como ela é, e que, o trabalho em um processo histórico transformou o homem em um *ser social* “os seres vivos compõem um novo tipo de ser uma nova esfera ontológica” (Lessa, 2007, p. 140).

O trabalho atende à produção dos meios de produção e de subsistência, sem os quais nenhuma vida social existiria. Segundo Marx:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana (Marx, 2013, p. 120).

Ou seja, o homem transforma a natureza para satisfazer as suas necessidades, somente o trabalho é que pode garantir ao homem a verdadeira condição humana, pois através dele o homem pode atingir a sua essência, na medida em que se objetiva.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (Marx, 2013, p. 255).

Somente através do trabalho o homem tem acesso a novos conhecimentos e habilidades, o acúmulo histórico permite que homem acumule esse conhecimento, conseguindo assim atingir novas possibilidades de desenvolvimento e novas necessidades, completamente diferente da natureza, os homens evoluem em suas relações estabelecidas e assim garantem a sua reprodução social e o seu desenvolvimento. “Não há, para Marx, sociabilidade sem trabalho” (Lessa, 2007, p. 146).

No capitalismo, com a sobreposição do capital ao ser social, o capital subordina as funções produtivas e o controle do processo de trabalho. Conforme aponta Antunes, “As funções produtivas e de controle do processo de trabalho social são radicalmente separadas entre aqueles que produzem e aqueles que controlam” (Antunes, 2009, p. 24). Assim, o capitalismo, transforma o sentido do trabalho em uma ferramenta (força de trabalho reduzida a mercadoria) para produzir valor ao capitalista.

A dinâmica do capitalismo se constitui em um antagonismo entre duas classes, os capitalistas (donos dos meios de produção) e o trabalhador (que vende a sua força de trabalho) que se confrontam na produção de mercadorias, sobrepondo assim o ser social ao capital.

Através da compra da força de trabalho, o capitalista paga o trabalhador pelo seu valor de troca e se apropria da sua capacidade transformadora (da condição da produção do valor de uso). A mais-valia é o valor criado pela força de trabalho, a parte que excede a sua produção e reprodução é apropriada pelo capitalista, consiste na expropriação do excedente devido ao produtor de direito (o trabalhador). Assim, a teoria marxista entende que a riqueza produzida é fruto do trabalho, e que o valor de uma mercadoria é determinado pelo tempo socialmente necessário para sua produção. A partir da mais-valia o capitalista se apropria de uma parte pequena para cobrir gastos pessoais e converte o restante em capital (comprando máquinas, contratando mais força de trabalho etc.), e assim Marx definiu como se realiza a acumulação do capital. (Marx, 2013).

Marx compreende que o trabalho é o componente singular que é capaz de produzir mais-valia, desta forma, controlar o processo de trabalho é parte fundamental para os capitalistas. No capitalismo contemporâneo, o processo de reestruturação da força de trabalho ganha força com o avanço das tecnologias que é capaz de potencializar em larga escala a utilização da força de trabalho.

Portanto, as teses<sup>16</sup> que ditam o fim da centralidade do trabalho não se sustentam, tendo em vista que o capitalismo contemporâneo amplia novas formas geradoras de mais-valor, ainda que de forma difusa e não aparente. Com a incorporação das tecnologias digitais introduzem-se novas formas de potencialização e apropriação de trabalho excedente (Antunes, 2023).

Neste sentido, o processo de trabalho ganha uma nova materialidade no algoritmo digital. Isto ocorre à medida que cada vez mais se automatiza o processo tecnológico capaz de imitar e materializar eletronicamente os processos subjetivo e objetivo que coordenam a atividade humana em seu caráter produtivo (Araújo, 2022, p. 25).

Com as grandes plataformas, o capitalismo vem demonstrando uma enorme capacidade de articular atividades industriais e de serviços, desta forma, a produção de mais-valor se desenvolve não apenas na produção de mercadorias, mas em todo o processo de circulação

---

<sup>16</sup> Autores como André Gorz, Offe, Meda e Habermas defendem tese sobre o fim da centralidade do trabalho. As teses partem da hipótese que no capitalismo contemporâneo repleto de inovações tecnológicas o trabalho de predominante imaterial perderia cada vez mais a possibilidade de ser mensurado, assim a ciência informacional estaria substituindo o trabalho vivo. Cf.: Antunes (2005, 2020)

(Antunes, 2023). Assim, a teoria do valor continua sendo a base para o entendimento do processo do trabalho.

De tal modo, para estudar o nosso objeto de estudo, essa pesquisa tem o trabalho como eixo central a partir do qual se organiza a vida social.

- Forças produtivas

Outra categoria de Marx, importante, para entender a tecnologia, é a categoria **forças produtivas**, ela abarca os meios de produção e a força de trabalho.

Assim, a grandeza de valor de uma mercadoria permanece constante se permanece igualmente constante o tempo de trabalho requerido para sua produção. Mas este muda com cada mudança na força produtiva do trabalho. Essa força produtiva do trabalho é determinada por múltiplas circunstâncias, dentre outras pelo grau médio de destreza dos trabalhadores, o grau de desenvolvimento da ciência e de sua aplicabilidade tecnológica, a organização social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais (Marx, 2013, p. 118).

O desenvolvimento das forças produtivas compreende fenômenos históricos e de modificações no processo de trabalho, como o desenvolvimento das máquinas, as descobertas científicas, a educação que transforma o trabalhador.

Partimos de uma perspectiva marxista, tomando como referência a centralidade do trabalho para pensar as relações sociais de produção, sendo a tecnologia parte constitutiva do conjunto das forças produtivas.

E sendo as forças produtivas responsáveis pela produção social da própria existência dos homens e pelo aumento da riqueza material da sociedade; seu desenvolvimento e o nível de cientificização dos processos produtivos ao longo do século XX a serviço da acumulação, possibilitou que a ‘aplicação tecnológica da ciência’, para usar os termos de Marx em *O Capital* (2017), alcançasse seu grau mais elevado e contraditório com a automatização e o uso das tecnologias digitais impulsionadas por meio de dados e organizadas mediante os algoritmos. À vista disso, Marx continua sendo uma referência fundamental para o entendimento do atual estágio das forças produtivas, porque explica à sua contradição com as relações sociais de produção no capitalismo. (Gomes; Vasconcelos; 2024, p.15-16).

Montoro destaca a importância de entender as forças produtivas acima da perspectiva tecnicista. Para isso, é fundamental compreender essa categoria em conjunto com as relações de produção “[...] são as relações de produção que se estabelecem entre as diferentes classes

sociais no processo social de produção” (Montoro, 2020, p. 37). Partindo dessa premissa, o desenvolvimento das forças produtivas é fator essencial para o processo de reprodução social.

Sob esta perspectiva, qualquer sociedade organiza a produção estabelecendo certas relações entre seus membros; relações que não são apenas técnicas, em termos de divisão técnica do trabalho; mas derivam da conformação particular da estrutura de classes de cada tipo de sociedade, quer dizer, uma divisão social. De modo que, obviamente essa organização de produção não será a mesma em todos os tipos de sociedade. Nas sociedades estruturadas em classes, essas relações não ocorrem entre os membros considerados individualmente, mas entre as classes que os integram (bem configurados precisamente em torno do papel que as pessoas ocupam no processo de produção social, vinculado, por sua vez, à forma de apropriação dos meios de produção (Montoro, 2020, p. 37).

Com base nisso, a tecnologia é compreendida como a forma utilizada para desenvolver as forças produtivas, e são as forças produtivas que permitem o aumento da riqueza material da sociedade, assim, permitem que a tecnologia seja mensurável (seu avanço e/ou retrocesso) através da produtividade; volume dos meios de produção e pelo grau de automatização (Katz, 1996).

Para o marxismo, o estudo da tecnologia é, em primeiro lugar, a análise da forma material adotada pelo desenvolvimento das forças produtivas. O processo inovador expressa a capacidade do homem em transformar a natureza por meio do trabalho; a mudança tecnológica é a exteriorização desta potencialidade (Katz, 1996, p. 09).

Diante disso, não é difícil constatar que, apesar das forças produtivas serem um produto do trabalho para a produção material, é o modo de produção que determina seu caráter social e impulsiona ou afeta o seu desenvolvimento. Portanto, no capitalismo, as forças produtivas subsumidas pelo trabalho alienado, leva ao grau máximo o emprego da ciência e da tecnologia no processo de trabalho a alcançar esse fim. O uso das tecnologias e o seu potencial será utilizado em favor do capital, cuja “exploração é o impulso central de mudança tecnológica sob o capitalismo” (Katz, 1996, p. 12).

Essa tendência se maximiza no século XX com a revolução técnico científica informacional<sup>17</sup> que acelera o desenvolvimento capitalista contemporâneo a um dinâmico processo de inovação radical, inaugurado pelo uso das novas

---

<sup>17</sup> Na verdade, à medida em que toda forma de automatização comporta uma dupla função (de substituição e de prolongamento de funções informacionais), se o sistema sócio-econômico privilegia a substituição, “eis o reforço de um sistema de dominação”, se, ao contrário, privilegia o prolongamento, volta-se para uma lógica de direção. (Lojkine, 2002, p. 138-139)

tecnologias, cujo impacto econômico, social e político é um marco na atual crise do capitalismo (Gomes, Vasconcelos, 2024, p. 19).

Por isso, é importante pensar em como a tecnologia pode afetar as relações sociais e o desenvolvimento humano. Ao abordarmos o capitalismo através do trabalho, é necessário compreender a natureza social das forças produtivas, já que a tecnologia, além de aumentar a composição orgânica do capital e a produtividade geral, também contribui para o aumento da mais-valia relativa, reduzindo o valor da força de trabalho (Gomes, Vasconcelos, 2024).

Conforme destaca Lima jr *et al*:

A produção de mais-valia (relativa) é o lugar em que algumas inovações científicas e tecnológicas se encontram com as relações sociais da exploração capitalista em uma via de mão dupla. A questão da produção de mais-valia é sempre crucial para que um capitalista decida incorporar ou não inovações tecnológicas à sua produção, e o fato de que certas tecnologias são mais prontamente empregadas na produção de mais-valia do que outras influencia decisivamente nas direções em que avançam a ciência e a tecnologia (Lima Jr *et al.*, 2014, p. 184).

Esses elementos nos ajudam a compreender as mudanças ocorridas na gestão e consumo da força de trabalho a partir da exploração do trabalho combinado ao uso das novas tecnologias digitais. Portanto, compreender as novas tecnologias digitais, a partir da perspectiva das relações sociais, onde interesses e correlações de forças existentes vão influenciar o seu desenvolvimento e seus impactos em favor da sociedade ou do capital.

- Ideologia<sup>18</sup>

A partir do nosso objeto de pesquisa, é preciso compreender como o trabalhador dessas plataformas digitais internalizou o discurso da classe dominante do “empreendedor de si mesmo”, onde a perda dos direitos trabalhistas se justifica, ou o aumento da carga horária de trabalho é aceito. Ou seja, a relação entre **ideologia** e valor sobre as formas tecnológicas de dominação social.

Marx e Engels em sua obra *A ideologia alemã* nos auxilia a compreender como o modo de produção se apropria de um discurso ideológico para justificar seu modo de desenvolvimento. O conceito de ideologia nos ajuda a compreender como as ideias dominantes

---

<sup>18</sup> O debate da ideologia no campo da sociologia e da filosofia é vasto e complexo. Cf.: Notas introdutórias à crítica da ideologia. A terra é redonda, 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/notas-introdutorias-a-critica-da-ideologia/>. Acesso em 15 Jun. 2024. (Araujo, 2023). Nossa pesquisa não aprofunda o debate, mas pode ser uma abertura para uma próxima pesquisa.

são sempre as ideias advindas da classe dominante, uma vez que dependem das transformações das relações sociais.

A produção de ideias, de representações, da consciência está, inicialmente, entrelaçada diretamente na atividade material e no intercuro material dos homens, a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercuro intelectual dos homens aparecem aqui ainda como emancipação direta do seu comportamento material. O mesmo se aplica à produção intelectual, tal como ela se apresenta na linguagem política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, sua ideias etc., mas homens reais, ativos, condicionados por um desenvolvimento determinado de suas forças produtivas e do intercuro a estas correspondente, alcançando suas formações mais avançadas (Marx; Engels, 2023, p. 20-21).

Marx na obra *O capital* reflete sobre as questões das condições objetivas e sua relação com a subjetividade do trabalhador que se expressa na forma dos costumes, tradições, educação etc.

Não basta que haja, de um lado, condições de trabalho sob a forma de capital e, de outro, seres humanos que nada têm para vender além da sua força de trabalho. Tampouco basta força-los a se venderem livremente. Ao progredir a produção capitalista, desenvolve-se uma classe trabalhadora que por educação, tradição e costume aceita as exigências daquele modo de produção como leis naturais evidentes (Marx, 1985, p. 854).

Essa perspectiva teórica contribui para entender que a ideologia é um processo social complexo, não é um conjunto de ideias. As ideias “não nascem do nada”, são construídas em um determinado momento histórico e são produto dos homens.

Ainda na perspectiva marxista, encontramos em Marilena Chaui (Ideologia.[..], 2022) uma interpretação sobre a ideologia a qual é sempre contemporânea daquele momento histórico e é expressão da base econômica. No caso do capitalismo, a ideologia, por exemplo, diz que o salário é justo, o que não é verdade, segundo a crítica de Marx, já que o que gera valor e acumulação para o capital é a parte não paga pelo trabalho. Assim, a ideologia se torna um instrumento de dominação da classe dominantes que transformam suas ideias em legítimas e validas para toda a sociedade, como se todos fossemos iguais. Percebe-se então que, para a ideologia funcionar, ela tem que ocultar a realidade.

A ideologia, forma específica do imaginário social moderno, é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência(que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo

imediatamente e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. Fundamentalmente, a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos "ensinam" a conhecer e a agir (Chauí, 2006, p.15).

Assim, o discurso ideológico pretende engendrar uma lógica de identificação que unifique o pensamento para a imagem da classe dominante. Chauí (2006), esclarece, a diferença entre o *saber* e a *ideologia*. Segundo a autora, no saber as ideias são produto de um trabalho e na ideologia as ideias assumem forma de conhecimento a partir de ideias instituídas pela classe dominante daquele período histórico.

No caso do capitalismo de plataforma, com os avanços das forças produtivas, principalmente a partir do uso da informação como o principal ativo na chamada sociedade do conhecimento (Castels, 1999), as grandes empresas de tecnologia transformam a ciência em formas de melhorar as forças produtivas para a absorção do capital. O saber se desloca da educação para a produção econômica, tornando o conhecimento em uma forma de poder, ocultando a divisão social das classes e a origem das ideias (Ideologia[...], 2022).

Assim, envolvida pelos braços da ciência, que no período moderno tornou-se a suprema instância avalizadora da realidade, a tecnologia adquire cada vez mais poder de condicionar o imaginário e ditar o comportamento. Ao infiltrar-se no imaginário pela transformação do cotidiano, a tecnologia se transmuta em ideologia (Porto, 2006, p. 73).

Chauí (2006), chamará esse discurso ideológico de discurso competente. O discurso competente é o discurso instituído. “É aquele no qual a linguagem sofre uma restrição que poderia ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância (Chauí, 2006, p.19)”. Ou seja, a ideia instituída pela classe dominante transforma os chamados especialistas em detentores do conhecimento, que ensina todos os saberes. Aqueles que possuem o conhecimento técnico e científico estão destinados a mandar, a definir a ordem, cabe aos não detentores de conhecimento obedecer.

O discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado (estes termos agora se equivalem) porque perdeu os laços com o lugar e o tempo de sua origem. Assim, não é paradoxal nem contraditório em um mundo como o nosso, que cultua patologicamente a cientificidade, surgirem interdições ao discurso científico. Podemos dizer que exatamente porque a ideologia contemporânea é cientificista, cabe-lhe o papel de reprimir o pensamento e o discurso científico. É nesse contexto de hipervalorização do conhecimento dito científico e de simultânea repressão ao trabalho científico que podemos melhor apanhar o significado daquilo que aqui designamos como discurso competente (Chauí, 2006, p.19).

No tocante à nossa pesquisa, Chauí (Ideologia[...],2022) considera que, na contemporaneidade, o discurso competente se alia ao discurso neoliberal. O discurso neoliberal considera que todas as relações sociais se organizam como uma empresa, inclusive o Estado, ou seja, todo cidadão passa a se gerir como uma empresa, os direitos sociais passam a ser considerados serviços. A ideologia “de empresa” determina que o indivíduo é uma empresa individual, o trabalhador empresário de si mesmo, treinado para vencer na vida. Desta forma, o desemprego se transforma em uberização do trabalho, onde o indivíduo é identificado não pela classe, mas pela sua ocupação. E assim, o trabalhador vai absorvendo esse discurso.

É em decorrência de a tecnologia servir a essa ideologia que o conhecimento torna-se propriedade privada e determina que a pesquisa e a produção se voltem unicamente a maximizar o lucro dos detentores desse bem. Dessa forma, o conhecimento e a tecnologia que dele pode decorrer, são postos a serviço da exclusão, etapa necessária ao sucesso em qualquer estratégia de competição (Porto, 2006, p. 74).

Sob o ponto de vista de Dardot e Laval (2016) o neoliberalismo vai muito além de uma doutrina ou ideologia, mas molda uma *nova racionalidade* no mundo:

[...]o neoliberalismo não é apenas uma ideologia um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, entendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e as todas as esferas da vida (Dardot; Laval, 2016, p.7).

Nesse entendimento, essa racionalidade neoliberal transforma toda a sociedade em um mercado, e cada sujeito se transforma em empreendedor de si mesmo e precisa estar em constante concorrência com os demais sujeitos empreendedores. “Mas não devemos ignorar as mutações subjetivas provocadas pelo neoliberalismo que operam no sentido do egoísmo social, da negação da solidariedade e da redistribuição [...]” (Dardot; Laval, 2016, p. 9).

Do ponto de vista do trabalho, todo o discurso neoliberal passa a se tornar naturalizado. O trabalhador “pode escolher” se ele quer ter direito a um plano de saúde, a previdência, a educação. O cidadão passa a naturalizar a precarização do trabalho e ganha visibilidade a responsabilização individual pelas consequências de problemas que são estruturais na sociedade.

A flexibilização das relações de trabalho no capitalismo de plataforma, seja na uberização, seja no microtrabalho, seria um exemplo dessa nova razão do mundo.

Em termos conceituais, observa-se que Dardot e Laval, em sua obra, apesar da análise crítica ao neoliberalismo, se propõem a manter uma certa distância do marxismo clássico. Para

os autores, o neoliberalismo não advém de uma ideologia constituída a partir da lógica do capital, procurando se reestruturar após os seus ciclos de crises gerada pela lei geral de acumulação capitalista. Em relação a essa teoria, o neoliberalismo se constituiria a partir de um capitalismo singular “embora seja inegavelmente uma sociedade capitalista, *essa* sociedade diz respeito a uma figura singular do capitalismo que exige ser analisada como tal em sua refutável especificidade” (Dardot; Laval, 2016, p. 26).

Desta forma, o neoliberalismo iria além de sua ligação com uma reformulação econômica, ou com o modo de produção, representaria um novo momento singular a partir de novos sujeitos, não devendo ser associado somente ao poder político do Estado ou mesmo ao modo de produção.

A partir desses princípios, entendemos que a nossa pesquisa pode ajudar a revelar que no discurso ideológico contido nas mensagens dos trabalhadores podem existir perspectivas mais próximas das necessidades dos trabalhadores e outras mais alinhadas com as visões da classe dominante.

### **3.2. O debate da precarização e precariedade**

No tocante a categoria precarização, buscamos entender quais as relações entre trabalho precário no uso das tecnologias digitais que permitem compreender a sua materialidade na realidade de modo que possamos, após, analisar a manifestação delas no contexto do microtrabalho na plataforma MTurk.

O estudo da precarização do trabalho envolve um debate complexo e amplo que vem se desdobrando ao longo dos anos na sociologia do trabalho. Autores discutem o termo precariedade e precarização e tentam delimitar em conceitos e categorias as particularidades do trabalhador a partir do crescimento das novas tecnologias.

Em atenção a essas especificidades e com base na perspectiva teórica que fundamenta essa pesquisa, apreendemos que a crise da década de setenta revela o traço estruturante do capital na era da acumulação flexível, que tem na precarização do trabalho, sua marca fundante. Embora a *precariedade* seja uma determinação do trabalho sob o modo de produção capitalista, relacionada intimamente com a exploração; a *precarização* é a o determinante histórico contemporâneo que adiciona novos elementos à realidade e, logo, às análises que retratam o mundo do trabalho. Destaca Valencia ao discutir precariedade e precarização do trabalho:

O primeiro é uma condição inerente do trabalho assalariado no capitalismo, enquanto o segundo corresponde a reposição e atualização do primeiro e o cristaliza em leis, e regulamentos trabalhistas, efetuando-se geralmente após um período de crise e mediante reestruturações dos processos de produção e de organização do trabalho (Valencia, 2016, p. 100).

A Reestruturação Produtiva, fundada na acumulação flexível,<sup>19</sup> resulta na precarização e na desestruturação das relações clássicas de trabalho, consolidadas no período precedente. Ou seja, essa flexibilização articula-se à desregulamentação dos direitos sociais e do trabalho e as privatizações, onde se acarreta transformações na produção, na organização, gestão e consumo da força de trabalho, na constante tentativa de adequar os (as) trabalhadores (as) a esta lógica, no advento das novas tecnologias aliadas ao processo de produção trazendo, por conseguinte, a revolução informacional.

Nesse sentido, diversos autores têm se dedicado a estudar as particularidades dessa conjuntura. Tais estudos revelam como a categoria precarização vem sendo determinante para explicar o aprofundamento da extração de mais-valia através das novas formas de organização do trabalho e das inovações tecnológicas.

O século XXI apresenta, portanto, um cenário profundamente contraditório e agudamente crítico: se o trabalho ainda é central para a criação do valor – reiterando seu sentido de perenidade – estampa, em patamares assustadores, seu traço de superfluidade, da qual são exemplos os precarizados, flexibilizados, temporários, além do enorme exército de desempregados(as) que se esparramam pelo mundo (Antunes, 2009, p. 238).

Tratamos de uma perspectiva que levanta o pressuposto que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho com a incorporação de novas tecnologias não alteraram apenas a divisão internacional do trabalho, mas operou modificações também nas características da classe trabalhadora e estas transformações assumem um caráter mundial (Lojkine, 2002).

As pesquisas de Antunes (2009; 2020), Druck, Franco e Borges (2007), Alves (2009) analisam no âmbito da produção as novas formas de gestão do trabalho via implantação do modelo toyotista de acumulação flexível. Expandem suas análises também para o setor de serviços, que ganha relevância como um novo foco de exploração.

Segundo Alves,

A base objetiva da precarização do trabalho se caracteriza pela intensificação (e a ampliação) da exploração (e a espoliação) da força de trabalho, pelo

---

<sup>19</sup> A acumulação flexível se mostra, no mínimo, como uma nova configuração, requerendo, nessa qualidade, que submetamos a escrutínio as suas manifestações, com o cuidado e a seriedade exigidos, empregando, não obstante, os instrumentos teóricos concebidos por Marx. (Harvey, 1992, p. 176).

desmonte de coletivos de trabalho e de resistência sindical-corporativa; e pela fragmentação social nas cidades em virtude do crescimento exacerbado do desemprego em massa (Alves, 2009, p. 189).

A partir disto, para explicar as movimentações ocorridas nas classes a partir do século XXI, com o processo de precarização e desregulamentação do trabalho, como também da flexibilização e financeirização, alguns autores propuseram nomear a camada do proletariado como: *precariado* (Stading, 2013; Braga, 2015; Alves, 2014), *infoproletariado* (Antunes; Braga, 2009), *cibertariado* (Huws, 2017). O objetivo aqui não é adentrar em uma discussão sociológica, mas achamos importante levantar alguns pontos trazidos por esses autores.

Para Stading o precariado seria uma nova classe social em formação na sociedade globalizada e financeirizada que surge após o declínio do período fordista. No Brasil, Alves e Braga discordam de Stading. Para Braga, o precariado não seria uma nova classe social, mas permaneceria desde os primórdios do capitalismo, pertencente assim a classe social do proletariado, seria como um proletariado precarizado, que se encontra em situação degradante de trabalho, são trabalhadores inseridos em setores menos protegidos. Ele retira dessa categoria os desempregados de longo tempo, sem possibilidades de retornar ao mercado de trabalho.

Para Alves, o precariado é uma nova camada da classe social do proletariado “é a camada média do proletariado urbano constituída por jovens-adultos altamente escolarizados com inserção precária nas relações de trabalho e vida social” (Alves, 2014, p. 189). Ele acredita que a distinção categorial do precariado é muito importante para o plano heurístico dentro da dialética.

Alguns autores discordam dessa categoria, como Adrián Valencia, ao qual considera suficiente o conceito de proletariado de Marx<sup>20</sup> advindo de Marx (2013) para definir o movimento contemporâneo das classes sociais.

Para nós, o correto, mesmo correndo o risco de nos acusarem de essencialistas e dogmáticos, é falar de precarização como processo histórico-social de atualização e reestruturação da precariedade do trabalho na era do capitalismo neoliberal e depredador, que vai atingindo e cobrindo a maioria das categorias socioprofissionais da classe trabalhadora e do proletariado independente da idade, sexo, etnia, origem racial, cultura ou categoria profissional (Valencia, 2016, p. 9).

---

<sup>20</sup> Segundo Marx, proletário seria a classe social daqueles que sem propriedades e sem deter os meios de produção só restaria vender a própria força de trabalho para garantir o seu meio de sobrevivência (Marx, 2013).

Úrsula Huws criou o conceito cibertariado para designar esse novo proletariado de serviços na sociedade cada vez mais globalizada, baseada no uso intenso de tecnologias da informação. A autora parte da premissa que na crise de 1970 do padrão fordista, a reestruturação trouxe a flexibilização, a queda dos direitos trabalhistas, precarização e terceirização. Para ela, a reestruturação trouxe duas características: a reorganização do trabalho e o desenvolvimento de novas mercadorias.

Já Ricardo Antunes e Rui Braga, inspirados no conceito de Huws (2017), vão denominar de infoproletário, o trabalhador de serviços, que está associado com novas formas de precariedade, através da era digital.

Na mesma perspectiva, Antunes (2020) chamou a reorganização do trabalho, de nova *morfologia do trabalho*, que cria um novo proletariado da era digital, a partir, principalmente de um crescimento desse novo ator no setor de serviços.

Essa nova morfologia compreende não só o operariado herdeiro da era taylorista e fordista, em relativo processo de encolhimento especialmente nos países centrais (mas que segue um movimento diferenciado em vários países do Sul, como China, Índia, Brasil, México, Coreia, África do Sul etc.), mas deve incluir também os novos proletários precarizados de serviços, parte integrante e crescente da classe-que-vive-do-trabalho. Trabalhadores e trabalhadoras que com frequência oscilam entre a heterogeneidade em sua forma de ser (gênero, etnia, geração, qualificação, nacionalidade etc.) e a homogeneização que resulta da condição crescentemente pautada pela precarização, cada vez mais desprovida de direitos do trabalho e de regulamentação contratual (Antunes, 2020, p. 66).

Para essa pesquisa, entendemos que o trabalhador da plataforma de microtarefa que vamos aferir em nossa pesquisa pode ser enquadrado na categoria infoproletariado defendida por Antunes e Braga (2009).

Pois, corroboramos com a hipótese que ao invés de trazer o fim da classe trabalhadora, a nova morfologia do trabalho trouxe a expansão do novo proletariado de serviços na era digital que através do microtrabalho fomenta novas formas geradoras de mais-valor, ainda que não aparentes. Acreditamos que essas formas geradoras de mais-valor trazem consigo mais precarização ao trabalho.

[...]parece exprimir muito mais uma nova condição de assalariamento no setor de serviços, um novo segmento do proletariado da indústria de serviços, sujeito à exploração do seu trabalho, desprovido do controle e da gestão do seu labor e que vem crescendo de maneira exponencial, desde que o capitalismo fez deslanchar a chamada era das mutações tecnológico-informacionais-digitais (Antunes, 2020, p. 83).

Embora o trabalho precário seja parte constitutiva do sistema capitalista, ele agora exerce um lugar estratégico no capitalismo, pois agora a precariedade se institucionaliza em todo o mundo. E assim, busca transferir do empregador toda a responsabilidade para o trabalhador no processo de trabalho (Antunes, 1995), acarretando uma precarização em vários âmbitos do mercado de trabalho.

No Brasil, a partir do olhar de um país dependente e periférico (Fernandes, 2009) é preciso considerar que a precariedade é um elemento historicamente estruturante do mercado de trabalho fomentado com base em baixos índices de formação onde predominam trabalhos de baixa qualificação e diversos tipos de informalidade (Abílio, 2022).

Assim, corroboramos com a hipótese de que no Brasil, um país que possui uma alta taxa de desemprego<sup>21</sup>, com 8,6 milhões de desempregados no segundo trimestre de 2023, segundo dados do IBGE (2023a) e postos de trabalho precarizados, plataformas como a da Amazon encontram um exército industrial de reserva a disposição. Os trabalhadores que encontram muitas vezes nessas plataformas uma alternativa de sobrevivência.

Pelos aspectos aqui apresentados, pelos diversos autores e suas definições, essa pesquisa, voltada para os trabalhadores brasileiros, entende a categoria precariedade como sendo parte constituinte do mercado de trabalho dos países periféricos, e no caso brasileiro isso é ainda mais tangente, já que, no Brasil nunca tivemos verdadeiramente um estado de bem-estar social<sup>22</sup>, a informalidade e a terceirização sempre foram uma realidade. Assim, achamos importantes destacar dados sobre a informalidade, e apresentar como a terceirização se potencializa a partir do uso das novas tecnologias.

Já a precarização é entendida na realidade brasileira como a perda de direitos, o desmantelamento da classe trabalhadora, e outras formas de intensificação da terceirização e informalidade. A informalidade carrega boa parte do mercado de trabalho brasileiro. Conforme dados atualizados: segundo dados da Pnad Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no segundo trimestre de 2022 atingiu o recorde de 38,8 milhões de trabalhadores informais<sup>23</sup>, assim, 40% dos trabalhadores brasileiros estavam no mercado informal.

---

<sup>21</sup> Cf. notícia página “desemprego”, publicada no site do IBGE: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>, IBGE (2023a).

<sup>22</sup> O Estado de Bem-Estar social (Welfare State em inglês) é um conceito usado para designar um Estado com as políticas assistenciais que garantam padrões mínimos de sobrevivência a partir da perspectiva de direitos sociais, baseados em cidadania (Behring; Boschetti, 2011).

<sup>23</sup> Cf. notícia intitulada “40% dos trabalhadores são informais no Brasil; no Norte são mais de 50%”, publicada no site do CUT Brasil em 15/08/2022: <https://www.cut.org.br/noticias/40-dos-trabalhadores-sao-informais-no-brasil-no-norte-sao-mais-de-50-e3d9>, Rocha (2022).

Conforme destacamos, a precarização caminha junto e entrelaçadamente com a terceirização. Druck, Franco e Borges destacam que essas novas formas de trabalho, inspiradas na acumulação flexível, tem na terceirização uma das suas principais práticas combinada a precarização do trabalho.

[...] a terceirização tem se demonstrado como principal forma de flexibilização do trabalho, já que a transferência de responsabilidades de gestão e de custos da força de trabalho para um terceiro garante é empresa uma desobrigação que a liberta de compromissos trabalhistas ainda cobertos para a legislação ao tempo em que lhe permite contratos flexíveis (contratos por tempo determinado, por tempo parcial, por tarefa ou por empreita, por prestação de serviço, sem cobertura legal) através e sob reponsabilidade de “terceiros” (Druck; Franco; Borges, 2007).

Segundo Antunes, a terceirização vem sendo um grande impulsionador do mais-valor,

[...]a terceirização vem se tornando a modalidade de gestão que assume centralidade na estratégia empresarial, uma vez que as relações sociais estabelecidas entre capital e trabalho são disfarçadas em relações interempresas, baseadas em contratos por tempo determinado, flexíveis, de acordo com os ritmos produtivos das empresas contratantes, com consequências profundas que desestruturam ainda mais a classe trabalhadora, seu tempo de trabalho e de vida, seus direitos, suas condições de saúde, seu universo subjetivo etc (Antunes, 2020, p.34).

Desta forma, podemos constatar que, o capitalismo se reproduz, a partir da exploração da força de trabalho; que se atualiza por meio da precarização. Isso acontece agora, através da era digital. A plataforma se torna a ferramenta que garante a subsunção do capital. No caso do nosso objeto, a Amazon investiu no desenvolvimento de uma tecnologia que lhe permite a gestão e o controle sobre o trabalhador.

No tocante ao objeto da nossa pesquisa - o microtrabalho, compreendemos que a precarização se entrelaça a terceirização, mas a partir de contornos diferenciados. No microtrabalho as tarefas são oferecidas a uma multidão de trabalhadores disponíveis no mundo, através de plataformas mediadoras como a Amazon Mechanical Turk.

Esse fenômeno de externalizar trabalho a multidão é chamado de *crowdsourcing*.

Se o crowdsourcing é o ato de externalizar trabalho à «multidão», as plataformas digitais de trabalho (crowdwork platforms) são os serviços digitais (sítios web ou aplicações) que facilitam o crowdsourcing. Essas plataformas fornecem a infraestrutura técnica que permite aos requisitantes divulgar tarefas a um grande número de potenciais trabalhadores, abrangendo uma vasta diversidade de circunstâncias geográficas e económicas (a

«multidão»), recuperar e avaliar os resultados das tarefas concluídas e pagar aos trabalhadores individuais pelos serviços prestados (ILO, 2018, p.3).

### Complementa Abílio,

Podemos entender o crowdsourcing como um novo tipo de terceirização que caminha junto e entrelaçadamente com uma perda de formas do trabalho. Há um deslocamento da constituição de uma identidade profissional forjada no trabalho para a de trabalho amador (DUJARIER, 2009), definição que aqui nomeia um trabalho sem forma trabalho bem estabelecida, que tem alta flexibilidade e transita entre consumo, lazer, trabalho não remunerado e trabalho temporário (Abílio, 2020, p. 15).

Embora a terceirização em escala mundial já existisse, a nível industrial<sup>24</sup>, ela ganha novos impulsos com as TICs, que conectam, pelos computadores e celulares, as mais distintas modalidades de trabalho o que permite a plataforma de microtarefa oferecer recursos humanos e tarefas executadas, em resposta a pedidos, 24 horas por dia. Isso dá à empresa uma maneira mais rápida de desenvolver seus projetos.

Assim, o *crowdsourcing* se manifesta como uma nova forma de controle da organização do trabalho, a partir de uma terceirização a nível global, já que, recruta trabalhadores de diferentes continentes.

No que tange o nosso objeto, se manifesta também pela informalidade, uma vez que o trabalhador de microtarefa da plataforma da Amazon não tem vínculo empregatício e arca com todas as despesas inerentes ao trabalho, como energia, computador, sem uma carga horária definida. E assim, produz um trabalho difícil de qualificar como trabalho profissional, já que vem envolvido pela perda de direitos.

No que toca às exigências imediatas do grande capital, é possível conceber que com a terceirização e a informalidade, a precarização se torna o aporte central na dinâmica do capitalismo contemporâneo, e como as grandes empresas, proprietária dessas plataformas, são detentoras de grande poder econômico esse movimento se torna uma tendência em escala global “[...]a informalidade (um problema classicamente associado aos países periféricos, mas que se alastra, resignificando-se, por toda a economia mundial), especialmente pela ótica da periferia global” (Véras de Oliveira, 2023, p.98).

---

<sup>24</sup> Ricardo Antunes usa o caso da China como exemplo, e da Apple para ilustrar a terceirização em escala global, ao qual, os produtos eletrônicos da Apple são produzidos na China em situações de trabalho, muitas vezes análoga a escravidão (Antunes, 2020, p. 29-30).

É importante destacar, que a informalidade é levantada por alguns autores a partir da reflexão do conceito de *Gig economy* (traduzida no Brasil como economia de bicos), é um conceito muito utilizado nos países do norte global, De Stefano (2016) o define como uma economia baseada em trabalho informal. Abílio, Amorim e Grohmann (2021) ressaltam que o termo é complexo de ser utilizado em países onde a informalidade se constituiu historicamente na classe trabalhadora das periferias. A economia de bicos no Brasil é a regra, não é uma exceção ou forma transitória (Abílio, 2021).

Ao priorizarmos a perspectiva da periferia, buscamos ao mesmo tempo realçar o caráter estruturalmente *informal/flexível/precário* do padrão de relações de trabalho historicamente vigente no país e as pressões que favorecem novos processos de *informalização/flexibilização/precarização*, como as que derivam do fenômeno da *plataformização/uberização* (Véras de Oliveira, 2023, p.114).

Portanto, em relação à informalidade, o capitalismo de plataforma se utiliza da informalidade como condição para proliferação de plataformas, padronizando novas condições de trabalho de forma centralizada (Abílio, 2022), principalmente sobre os trabalhadores sob demanda. Além disso, elas fomentam o aumento da informalidade quando desestruturam atividades antes reguladas, plena ou parcialmente (Véras de Oliveira, 2023).

No que tange a perda de direitos, pela vasta literatura revisada, o trabalho na plataforma da Amazon se encontra tão precarizado que aparece distante, inclusive, do conceito de trabalho decente, qualificado pela OIT.

Formalizado pela OIT em 1999, o conceito de trabalho decente sintetiza a sua missão histórica de promover oportunidades para que homens e mulheres obtenham um trabalho produtivo e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas, sendo considerado condição fundamental para a superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável (OIT, 2023).

Segundo a OIT (2023), o trabalho decente precisa atender quatro pontos: respeito aos direitos no trabalho; promoção do emprego produtivo e de qualidade, ampliação da proteção social e o fortalecimento do diálogo social.

A OIT utiliza vários indicadores para qualificar o trabalho decente, entre eles: oportunidades de emprego, rendimentos adequados e trabalho produtivo, jornada de trabalho decente, combinação entre trabalho, vida social e familiar; estabilidade e segurança no trabalho; seguridade social; entre outros. Pretendemos, com base nesses elementos da OIT, pesquisar nas

mensagens no grupo de trabalhadores do Telegram, aspectos da precariedade no microtrabalho a partir da plataforma *Amazon Mechanical Turk*, correlacionando com as categorias da economia política.

### 3.3. O conceito capitalismo de plataforma

Diversos autores criaram termos para denominar suas percepções para as mudanças tecnológicas que ocorriam no mundo capitalista a partir da crise da década de 1970 (Netto, 2012). Em nossa pesquisa, entendemos que o conceito que melhor explica como se realiza o capitalismo contemporâneo é chamado de “capitalismo de plataforma”. Assim, inicialmente, fizemos uma revisão bibliográfica buscando compreender como essas mudanças foram conceituadas por seus autores.

Lojkin (2002), dialogando com a perspectiva marxista, denominará esse fenômeno de *revolução informacional*. A revolução informacional teria como base não mais a matéria física (como na industrialização), mas a informação e o conhecimento (o domínio do trabalho intelectual). Havia uma mudança em como os trabalhadores usam a informação.

Seu contemporâneo, Castells (1999), no livro, *A Sociedade em Rede* (1999), faz um resgate histórico para compreender o impacto das tecnologias na sociedade. Ele destaca essas mudanças como um terceiro momento de uma nova transformação, ao qual uma nova economia e uma nova sociedade estão surgindo. Ele denominará de *capitalismo informacional*.

Com o avanço das contradições geradas pela revolução informacional, autores como Sundararajan (2019) compreendem que o desenvolvimento tecnológico e informacional produziu uma espécie de transição para um capitalismo de multidão. O autor faz uma análise mais positiva do uso das tecnologias. Sua obra retrata uma *economia do compartilhamento* (*sharing economy*) que seria mais comunitária, uma possibilidade de dar condições melhores ao exército industrial de reserva, que agora poderia se autogerenciar, se tornar uma espécie de “empreendedores”.

Em contrapartida a essa romantização da economia compartilhada, Tom Slee (2019), no livro *Uberização: a Nova Onda do Trabalho Precarizado*, desmistifica a ilusão com que a Economia do Compartilhamento foi encarada em seus princípios. Argumenta que as promessas da economia compartilhada não se realizaram. O que se realizou foi uma reconfiguração do capitalismo para lidar com suas crises.

Seguindo uma linha crítica, Nick Srnicek (2018), utilizando uma abordagem marxista com ênfase econômica, intitulará esse novo momento do capitalismo de um regime de

acumulação chamando-o de *capitalismo de plataforma*, cujo nome intitula seu livro. O seu enfoque é na dinâmica do capital em nova forma de extração de valor. O autor “[...] se debruça sobre o novo modelo de negócios adequado a um capitalismo voltado para a exploração econômica dos dados: plataformas” (Silva Neto, 2019, p. 449).

Para Srnicek é uma nova modalidade, continua sendo capitalismo, mas operando de outra forma. É preciso assim, entender o sentido da economia de forma mais ampla. O capitalismo de plataforma se consolidaria então como uma nova economia, operada pelo uso intenso da tecnologia, que passará a regular todas as instâncias da sociedade, fazendo emergir um novo regime de acumulação pautado na exploração econômica de dados. Assim, as plataformas criaram um novo modelo de negócios capaz de extrair e controlar uma grande quantidade de dados.

[...] As plataformas não apenas organizam os mercados a que se dedicam, mas também plasman o formato que esse mercado tomará ao definirem as regras de interação, geração de valor e distribuição do valor dentro de seu ecossistema (Srnicek, 2017, p. 47, tradução nossa).

Kalil (2023) indica que a força explicativa do uso do termo capitalismo de plataforma, está em colocar as plataformas digitais no centro do debate, ou seja, tratar esse fenômeno como uma das expressões do capitalismo e não, como algo isolado. E colocar o capitalismo em evidência, como forma organizadora dominante da sociedade, com grande capacidade de adaptação, e por último, dar visibilidade aos efeitos concretos das novas tecnologias sobre o trabalho, como a fragmentação e a precarização.

Quando algumas dessas obras foram escritas na década de 1990, havia uma perspectiva de que essa revolução informacional pudesse contribuir para uma sociedade do conhecimento, onde as tecnologias poderiam ser utilizadas para uma vida de diminuição do trabalho penoso e de que o trabalho seria mais intelectualizado. Contudo, suas posições, não se sustentam na realidade concreta, pois, na verdade, a generalização da inovação tecnológica só levou o capitalismo a mudar sua forma de operar o uso e controle da força produtiva do trabalho, reduzindo o tempo de trabalho necessário à produção e tornando residual o capital variável do processo produtivo (Coggiola; Katz, 1996), aprofundando com isso, a desigualdade social com a criação de uma massa de trabalhadores cada vez mais supérfluos e precarizados.

Outro conceito que é importante destacar, utilizado para denominar o trabalho mediado por plataforma, é o conceito Uberização, que se tornou mais popular e ganhou força nos meios de comunicação. A denominação, parte do nome da empresa Uber, que foi uma das pioneiras

no trabalho mediado por plataformas. “A Uberização, na verdade, se trata da transformação do trabalhador nesse profissional *just-in-time* [...] é consolidar uma forma de subordinação e gerenciamento do trabalho inteiramente apoiada em um trabalhador desprotegido.” (Abílio, 2021, p. 85). A uberização deve ser vista como uma tendência global de gerenciamento e controle do trabalho, a qual nasceu muito antes do controle via plataformas digitais<sup>25</sup>.

### 3.4. Características do trabalho mediado por plataformas

Partindo da perspectiva teórica que sustenta essa pesquisa, consideramos que a produção capitalista regula todas as relações econômicas com base na chamada lei do valor, em que o valor da mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção:

[...] a lei do valor das mercadorias determina quanto do tempo total de trabalho disponível a sociedade pode gastar na produção de cada tipo particular de mercadoria. Mas essa tendência constante das diferentes esferas de produção de se pôr em equilíbrio é exercida apenas como reação contra a constante supressão desse mesmo equilíbrio (Marx, 2013, p. 430).

Desta forma, como já assinalado no anteriormente, o capitalismo precisa do trabalho para conseguir acumular capital. A acumulação é vital para o capitalismo, caso contrário ele entra em crise a fim de buscar aumentar a taxa de lucros.

Assim, quando o capitalismo entra em crise ele deságua numa reestruturação produtiva que atinge em primeiro plano a classe trabalhadora, uma vez que, a acumulação do capital depende da exploração da força de trabalho.

Os anos 1970 e 1980 vivenciaram um período enorme de reestruturação da economia [...] no espaço social criado por todas essas oscilações e incertezas, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social e política começou a tomar forma, essas experiências podem representar os primeiros ímpetus da passagem de um regime de acumulação inteiramente novo, associado com um regime de regulamentação política e social bem distinta [...] a mudança tecnológica, a automação, a busca por novas linhas de produtos e nichos de mercado, a dispersão geográfica para zonas de controle de trabalho mais fácil, as fusões e medidas para acelerar o tempo de giro do capital passaram ao primeiro plano das estratégias

---

<sup>25</sup> Conforme explica Ludimila Abílio em sua pesquisa com as revendedoras da empresa Natura. Cf. ABÍLIO, Ludimila. C. **Sem maquiagem**: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos. São Paulo: Boitempo, FAPESP, 2014

corporativas de sobrevivência em condições gerais de deflação. (Harvey, 1992, p. 137-140).

Nesse sentido, a lógica da acumulação flexível explicita um processo de organização do trabalho fragmentado, terceirizado e precarizado, demandando então, uma força de trabalho que atenda a essas exigências. Os aspectos até aqui apresentados reforçam a hipótese de que o trabalho mediado por plataformas, executados especificamente nas plataformas de microtrabalho atendas as essas exigências.

Voltando as categorias da economia política, a intenção aqui é compreender que, no que toca às exigências imediatas do grande capital, o trabalho mediado por plataformas cria uma nova estrutura para a criação do valor, como destacou Antunes (2020, p.70), “[...]as formas vigentes de valorização do valor trazem embutidos novos mecanismos geradores de trabalho excedente”.

Como observado também por Katz,

A mudança tecnológica veicula a ação da lei do valor-trabalho, a qual rege o funcionamento do capitalismo. Através da inovação alteram-se as proporções de trabalho contidas nas mercadorias. Esta mudança é o transformador e essencial de toda a trama de preços que orienta a produção e a circulação de mercadoria (Katz, 1996, p. 11).

Ekbia (2021) chamou de heteromação do trabalho esses novos mecanismos na lógica da extração do mais-valor, mediante exploração da força de trabalho gratuita ou de baixo custo, mediada por plataformas. Ao contrário da dita automação, a heteromação objetiva conservar os trabalhadores. É a atuação de seres humanos fazendo o que a máquina não consegue fazer (sem grandes investimentos e grandes dificuldades), mas é a máquina quem recebe os créditos. No caso do microtrabalho isso fica em evidência, já que, o trabalhador pode alimentar a inteligência artificial quando executa uma tarefa.

É a atuação de trabalhadores, mas de forma escondida, conforme Moreschi, Pereira e Cozman, o termo “trabalhadores fantasmas” foi definido por Mary L. Gray e Siddharth Suri como “[...]trabalho humano que alimenta muitos aplicativos para celular, sites e sistemas de Inteligência Artificial [que] podem ser difíceis de ver. De fato, muitas vezes é intencionalmente escondido” (Moreschi; Pereira; Cozman, 2020, p. 46).

Nessa perspectiva, como descrito por Braz (2021, p. 137) “as tecnologias não estariam substituindo totalmente o trabalho humano, mas o reconfigurando na forma de trabalho heteromatizado”.

Casilli (2021b), em controvérsia à teoria marxista, acredita que as plataformas digitais criam um triplo valor. Primeiro, através dos dados produzidos pelos usuários, aos quais as plataformas precisam qualificar esses dados, o que ele vai chamar de *valor de qualificação*. Segundo a plataforma, cria um *valor de monetização*, para produzir fluxos de dinheiro. O terceiro valor será a capacidade da empresa em investir em inovação, ao criar algoritmos para alimentar a inteligência artificial, que vão melhorando a maneira de extração de mais valor, ele vai chamar de *valor de automação*.

No caso do nosso objeto, o microtrabalho, partimos do pressuposto que a plataforma MTurk, cria esse valor quando faz a intermediação entre o contratante e o trabalhador e recebe uma porcentagem da transação.

No capitalismo contemporâneo, em todos os espaços existentes de trabalho, é possível transformar em propulsores de mais-valor (Antunes, 2020). Corroboramos com a hipótese de Antunes, de que o aparente trabalho invisível, está encobrindo a real geração de mais-valor em todas as esferas do mundo do trabalho.

Outros autores, sustentam que:

Reside em compreender as plataformas digitais como um novo meio poderoso pelo qual as relações de trabalho vêm se reestruturando, sem, entretanto, incorrer em um determinismo tecnológico que mistifique os processos sociais que envolvem décadas de flexibilização e transformação no trabalho, e que se materializam nas plataformas digitais, embora de forma obscura (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021, p.28).

Desta forma, a expansão do capitalismo de plataforma conduziu a proliferação das plataformas digitais de trabalho, que se utilizam de novos mecanismos na lógica da extração do mais-valor, aumentando continuamente sua importância social e econômica. Elas precisam ser compreendidas como tendências contemporâneas para o mundo do trabalho, embora utilizem técnicas de gerenciamento e controle de trabalho que não são novidades no capitalismo, principalmente em países periféricos como o Brasil, como a informalidade, a terceirização etc.

Entende-se assim, que o trabalho mediado por plataforma tem um efeito implacável na vida das pessoas, é preciso buscar entender como esses sujeitos se posicionam (empresa, trabalhador, Estado etc.), procurar distinguir essas diferenças, pois só assim é possível lutar por políticas que melhorem as condições desses trabalhadores.

### 3.5. Gestão da força de trabalho no capitalismo de plataforma

Para Marx, uma das características do capitalismo na obtenção do lucro é o controle da força de trabalho:

O trabalhador labora sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida para que o trabalho seja realizado corretamente e que os meios de produção sejam utilizados de modo apropriado, a fim de que a matéria-prima não seja desperdiçada e o meio de trabalho seja conservado, isto é, destruído apenas na medida necessária à consecução do trabalho (Marx, 2013, p. 262).

Para entender o funcionamento da gestão da força de trabalho no capitalismo de plataforma, é preciso entender que o grande diferencial desse fenômeno é a capacidade de capturar, analisar, gerir e processar dados. A conversão da informação em matéria-prima - o dado - é um dos eixos do capitalismo de plataforma (Grohmann, 2020). Os dados estão na nossa vida cotidiana e nas nossas práticas e relações sociais.

Podemos exemplificar o uso de dados no nosso cotidiano: a partir da plataforma do Google, quando fazemos uma pesquisa através do site (nos tornamos um consumidor em potencial), a plataforma captura esses dados e passa a direcionar conteúdo pago<sup>26</sup>; quando avaliamos um motorista de aplicativo, a plataforma utiliza esses dados para gerir o trabalho, controlar e, se achar necessário, punir o trabalhador (Woodcock, 2020); quando damos o nosso Cadastro de Pessoa Física - CPF na loja, a empresa passa a poder vender os dados do nosso consumo para outras empresas<sup>27</sup>.

Para denominar esse movimento, utilizaremos o conceito dataficação: “Entre os mecanismos das plataformas estão **dataficação** – com a captura e circulação de dados -, a seleção e a personalização dos conteúdos, permeados de vigilância e controle” (Grohmann, 2020, p. 95). A dataficação é tanto um modo de extração de valor na forma de dados quanto um modo de governança do trabalho por ciclos de gerenciamento algorítmico (Rosenblat; Stark, 2016).

No que se refere aos dados, Srnicek, apresenta, as seguintes vantagens do seu uso para a economia:

---

<sup>26</sup> Cf.: notícia intitulada “Como o Google ganha dinheiro?”, publicada no site FourWeekMBA em 04/02/2024: <https://urls.grow.me/lejvoDlze>. Cuofano (2024)

<sup>27</sup> Cf.: notícia intitulada “Site revela como farmácias usam seus dados; veja seus direitos”, publicada no site Olhar Digital em 01/09/2023: <https://olhardigital.com.br/2023/09/01/seguranca/site-revela-como-farmacias-usam-seus-dados-veja-seus-direitos/>. Ferreira (2023).

Educam e dão aos algoritmos uma vantagem competitiva; Permitir a coordenação e realocação de trabalhadores; Permitem a otimização e flexibilidade de processos de produção; a possibilidade de transformar produtos de baixa margem para serviços de alta margem (Srnicek, 2018, p. 44, tradução nossa).

Assim, se fez necessário um novo modelo de negócios que extraísse todas as vantagens dos dados (Srnicek, 2018). Desta forma, nascem as plataformas, que, mediadas por algoritmos, passam a ocupar lugar de destaque, e detém grande poder econômico. A Amazon, por exemplo, empresa de Jeff Bezos, nos Estados Unidos, é uma empresa multinacional de tecnologia que exerce influência no mundo inteiro através de seus inúmeros produtos e serviços. São empresas que controlam infraestruturas digitais, capturam dados e os gerenciam através da gestão de algoritmos.

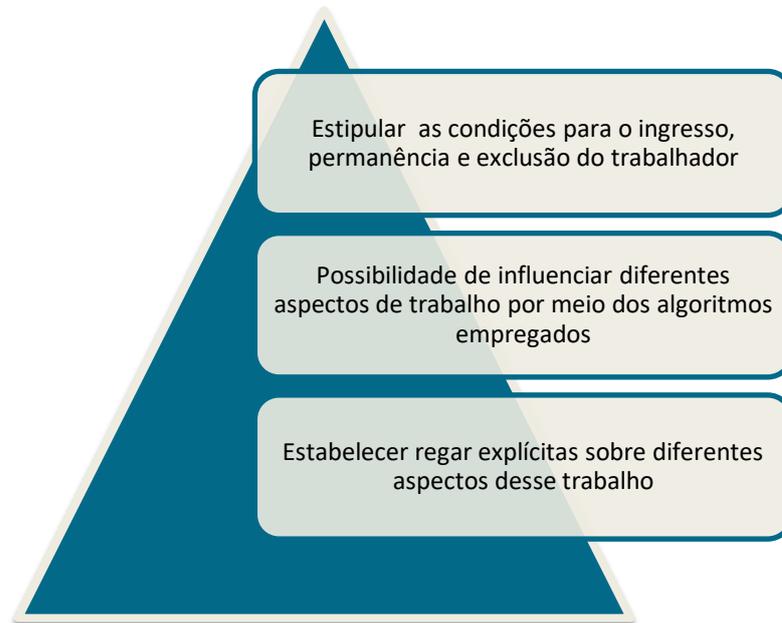
[...] o gerenciamento algorítmico assenta-se no conjunto de instruções automatizadas, capaz de combinar uma enormidade de variáveis resultantes da extração e processamento de dados em escalas gigantescas – que envolvem desde estratégias cotidianas dos trabalhadores até as dinâmicas do consumo (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021b, p.28).

As plataformas funcionam como mediadoras entre diferentes grupos (Srnicek, 2018), assim, ela é a proprietária da infraestrutura, o que lhe proporciona uma vantagem expressiva na captura de dados, já que passa a poder capturar dados em todas as suas mediações.

As plataformas podem também ter o poder de influenciar ou estipular diferentes aspectos do trabalho, seja por meio de regras explícitas ou por meio de estímulos e desestímulos via algoritmos – que possuem objetivos bem definidos voltados à otimização da plataforma para ganhar participação no mercado e/ou voltados à maximização do lucro. (Machado; Zanoni, 2022, p.57)

Deste modo, as plataformas ganham acesso a esses dados sem o controle do governo, e embora se digam isenta, são elas quem comanda esse espaço de negócios, e isso faz com que a plataforma tenha um controle muito grande sobre a gestão da força de trabalho. (ver Figura 8).

**Figura 8 - Papel das empresas no controle e gerenciamento da força de trabalho**



Fonte: elaborado pelo autor, com base em Manzano e Krein (2022).

Diversas pesquisas estão disponíveis sobre o uso do algoritmo na gestão do trabalho, aos quais podemos citar: o Bureau Internacional do Trabalho (ILO, 2018) que pesquisou a gestão algorítmica de trabalhadores de microtarefas (principalmente americanos e indianos) nas plataformas *on-line*. Jamie Woodcock (Woodcock, 2020) ao tentar desvelar o papel de mensuração, vigilância e controle, na perspectiva do trabalhador de plataformas de entrega, e a pesquisa organizada por Sidnei Machado e Alexandre Zanoni (Machado; Zanoni, 2022) que estuda o modelo de negócio das empresas de plataformas com ênfase na regulação jurídica do trabalho.

Na mesma direção, Woodcock (2020), em sua pesquisa com trabalhadores de aplicativos da empresa Deliveroo<sup>28</sup> (na Inglaterra) entende que os algoritmos são usados para medir e supervisionar o trabalho, atuando no controle dos processos de gerência do trabalho:

[...]deve-se começar com uma compreensão do local de trabalho como um lugar de conflito, no qual os algoritmos são concebidos e implementados pelos gestores. O algoritmo e, é claro, a mensuração necessária para que ele seja eficaz, são, portanto, parte de uma longa história de gestão do trabalho, um

<sup>28</sup> Cf. Mais informações sobre a empresa no site disponível na internet: <https://deliveroo.co.uk>. Deliveroo, (2023).

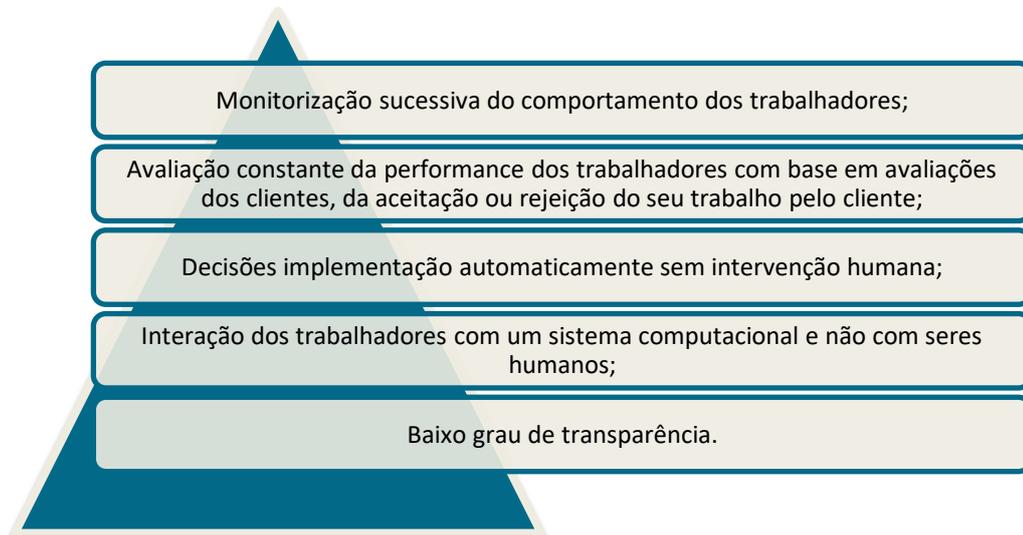
processo que envolve, impreterivelmente, tentativas de supervisionar, controlar, motivar e disciplinar os trabalhadores (Woodcock, 2020, p. 31).

Em relação aos algoritmos, as contribuições das pesquisas citadas nos permitem compreender que os eles não são neutros, são resultados de interações de pessoas, que além de ajudar a gerar ativos, servem para controlar o trabalhador (vigiar e punir).

Abílio, ao se referir especificamente a gestão do trabalho nas plataformas de microtrabalho: “as plataformas estabelecem mecanismos de controle sobre o trabalhador voltados para a verificação da sua atenção e da checagem sobre se está de fato realizando o trabalho designado” (Abílio, 2022, p. 158).

ILO (2018, p. 33), com base em Möhlmann e Zalmanson (2017), destacam cinco características da gestão algorítmica, conforme ilustra a Figura 9:

**Figura 9 - Características da gestão algorítmica**



Fonte: elaborado pelo autor, com base em Möhlmann e Zalmanson (2017)

É importante destacar que as empresas de plataformas possuem tendências monopolistas. Se os dados são o principal ativo desse novo negócio, segundo Srnicek (2018), a plataforma precisa estar capturando mais e mais dados para poder ampliar seu ativo. O fato delas possuírem uma infraestrutura digital e custo marginal baixo<sup>29</sup>, as permite diversificar e modificar rapidamente suas atividades, e assim conforme surgem as inovações vão se

<sup>29</sup> Há muita discussão em torno das práticas utilizadas por essas empresas para manter seu monopólio: cf.: Sambrana (2022); Khan (2017)

posicionando em atividades-chave, o que acaba permitindo a elas a monopolização, ainda que seja momentânea, já que, uma nova inovação pode surgir e alterar o processo.

Podemos identificar que trabalhadores humanos e máquinas se entrelaçam em estruturas cada vez mais complexas, treinam e são treinados de volta por sistemas de Inteligência Artificial, conforme Schmidt:

Embora isso crie uma nova classe de trabalhadores qualificados, a precariedade desse trabalho permanece alta porque tarefas individuais estão continuamente sob ameaça de serem automatizadas ou terceirizadas para uma região do mundo com uma mão de obra ainda mais barata (Schmidt, 2021, p.144).

Portanto, podemos inferir que, embora se digam mediadoras, as plataformas possuem um papel determinante no controle e no gerenciamento do trabalho, pois, na prática, os trabalhadores estão subordinados a uma gestão obscura e organizada por algoritmos, sujeita a regras de mão-única. Assim, o trabalho no capitalismo de plataforma deve convencer trabalhadores a obedecer aos comandos de um algoritmo e a seguir um compasso ditado, forçando os trabalhadores a se sincronizarem.

A partir dos conceitos e categorias descritos e analisados em nossa pesquisa, entendemos que a produção científica nos ajuda a revelar como a precarização possui contornos expressivos no microtrabalho. Com o processo de precarização e desregulamentação do trabalho, como também da flexibilização e financeirização ocorridas nas classes a partir do século XXI, e o avanço da tecnologia, permitiu que as plataformas encontrassem terreno fértil para sua proliferação, desta forma, o microtrabalho ainda em fase de experimentação, tem sido um recurso utilizado de padronização das condições de trabalho precário. Assim, entendemos que as categorias citadas são importantes chaves interpretativas para a nossa pesquisa.

Diante dos estudos empreendidos até aqui, na próxima seção discorreremos uma investigação da precarização no microtrabalho a partir do *crowdwork*, tomando como referência a plataforma MTurk.

## **CAPÍTULO 3**

### ***CROWDWORK E MICROTRABALHO:* precarização na plataforma Amazon Mechanical Turk**

A Amazon incorpora o poder disruptivo da tecnologia e o excesso do consumismo moderno, ao mesmo tempo que sinaliza uma degradação nova do trabalho. O capitalismo da Amazon, como foi chamado o sistema econômico que sustenta a empresa, é um predador voraz de trabalhadores, de outros negócios e do meio ambiente. E pode-se oferecer resistência a ele também. (Delfanti, 2023, p. 22-23)

Nesta seção, o objetivo é apresentar o conceito de *crowdwork* e suas novas formas de trabalho, fazendo um recorte para uma de suas especificidades, o microtrabalho buscando extrair, a partir da bibliografia, como funciona a plataforma Amazon Mechanical Turk e como se manifesta a precarização.

#### 4.1. Definição de *crowdwork* e dados sobre as plataformas de microtrabalho

Como já assinalamos, inúmeros autores trazem novos termos para tentar definir o trabalho digital. Até o presente momento, há uma bibliografia sem muito consenso, dado em vista a dificuldade de lidar com as variações de tipos de trabalho e as mudanças de inovações constantes, o que dificulta o entendimento entre o trabalho dito tradicional e as “novas” formas de trabalho plataformizado. Schmidt (2021) ressalta a importância dos pesquisadores em concordar uma nomenclatura que seja precisa na diferenciação das plataformas e na sua classificação, pois só assim será possível algum avanço.

A OIT (ILO, 2021), que realizou uma ampla pesquisa em 2021, intitulada: *World Employment and Social Outlook: the role of digital labour platforms in transforming the world of work*, utiliza a seguinte terminologia: classifica as plataformas digitais em duas categorias, *location-based platforms* e *online web-based platforms*. A primeira é aquela que realiza atividades com base na localização (como Uber, ifood, etc), a segunda é composta por atividades que realizam atividades na internet (aqui se insere nosso objeto de pesquisa).

A referida pesquisa apresenta os seguintes dados: no mundo, existem 777 plataformas ativas<sup>30</sup>, sendo 494 *location-based platforms* e 283 *web-based platforms*, conforme ilustrador no Quadro 8. No que tange essa pesquisa, nos deteremos no segmento *web-based platforms*. Destacamos que o nosso recorte são as plataformas de microtarefas com 46 plataformas.

---

<sup>30</sup> Em operação em janeiro de 2021

**Quadro 8 - Quantidade de plataformas digitais no mundo**

Categorias	Setor	Total
<i>location-based platforms</i> (494)	Setor de entrega	383
	Setor de táxi	106
	Híbridas com serviços variados	05
<i>web-based platforms</i> (283)	Plataformas freelance	181
	Microtarefas	46
	baseada em concurso	37
	Plataformas de programação competitiva	19
	TOTAL	777

Fonte: elaborado pelo autor, com base em ILO (2021)

\*Dados de janeiro de 2021

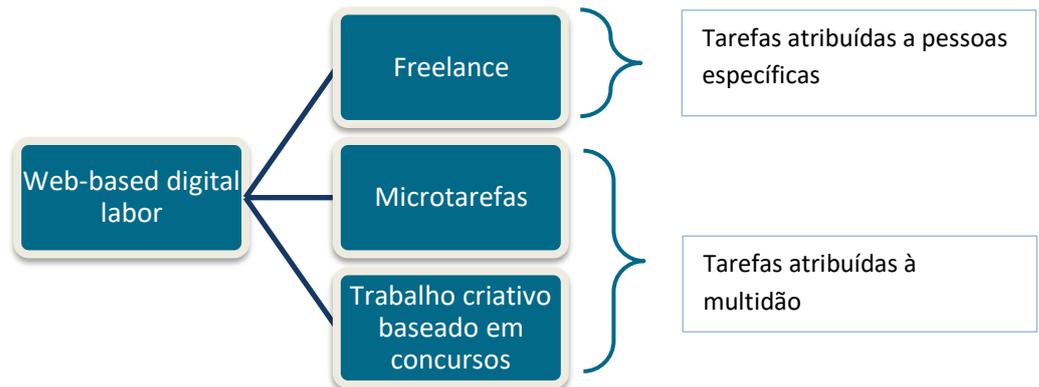
De Stefano (2016), classifica em duas categorias os trabalhos mediados por plataformas: trabalho de multidão (*crowdwork*) e trabalho sob demanda via aplicativo (*work on demand*). O termo trabalho sob demanda via aplicativo (*work on demand*), é o termo utilizado, por exemplo, para as plataformas de entrega como Uber, *Ifood* etc. Mas, como não é o recorte do nosso objeto de estudo, não cabe à discussão<sup>31</sup>.

O termo *crowdwork* (traduzido como trabalho de multidão) significa oferecer serviços a indivíduos espalhados na internet, não vinculando o trabalho todo a uma única pessoa. As plataformas de *crowdwork* são plataformas que fornecem acesso a trabalhadores dispersos pelo mundo, ou seja, uma mão-de-obra abundante e flexível, cujo objetivo é executar inúmeras tarefas. O contratante consegue, assim, repassar parcelas do seu trabalho a um custo menor. (ILO, 2018).

Na Figura 10, podemos ver a categorização das plataformas digitais de trabalho na Web. Alguns autores dividem os trabalhos de *crowdwork* em categorias: Schmidt (2017), categoriza o *crowdwork* em: freelance, microtarefas e trabalho criativo baseado em concursos. *Freelance* são trabalhos *on-line* atribuídos a pessoas específicas. O microtrabalho e o trabalho criativo baseado em concursos são aqueles trabalhos em que as tarefas são atribuídas à multidão.

<sup>31</sup> De acordo com as nossas pesquisas, existe uma preocupação em tentar desvelar as particularidades de cada tipo de trabalho executado através das plataformas digitais. No caso de De Stefano (2016) ele faz uma separação entre os trabalhos em plataformas feitos sobre demanda - **work-on-demand** via apps, que se caracteriza pela execução de trabalhos, como transporte e limpeza, e outras formas de trabalhos tradicionais, mediados por aplicativos, e o **crowdwork** explicado em detalhes em nossa pesquisa. Já a OIT (ILO, 2021) classifica como **location-based** composto por trabalhos que são realizados pessoalmente em localizações específicas, como os serviços de entrega, transporte e serviços para a casa, etc, e **on-line web-based**, é caracterizado por tarefas e trabalhos realizados de forma on-line ou remotamente pelos trabalhadores

**Figura 10 - Categorização de plataformas digitais de trabalho na web**



Fonte: elaborado pelo autor, adaptado de Schmidt (2017); Manzano e Krein (2022)

Assim, partindo de uma perspectiva mais ampla, com base na bibliografia consultada e na análise de modos de operação das plataformas, em nossa pesquisa, utilizaremos a terminologia de De Stefano (2016), e optamos em nosso trabalho pelo termo microtrabalho<sup>32</sup> (*microwork*) contemplado pela categoria *crowdwork*, pois compreendemos ser uma boa definição para os trabalhos executados em plataformas de microtarefa (*microtasking crowd work*).

As plataformas de microtarefas foram criadas para armazenar e classificar a inteligência artificial (ILO, 2018).

[...]trabalhos que usualmente não requerem altos níveis de qualificação ou experiência e que consistem em pequenas tarefas parceladas. Nessas plataformas, cada trabalhador realiza uma tarefa que equivale a uma pequena parte de um todo, sendo completada em segundos ou minutos (Manzano; Krein, 2022, p. 60).

Assim, observamos que quando a plataforma divide empregos em pequenas tarefas, ela propõe uma nova forma de mercantilização do trabalho, os clientes que demandam as tarefas não arcam com nenhum ônus de direito trabalhista ao trabalhador e muito menos a plataforma que faz essa mediação, assim, os clientes contratantes passam a ter um espaço para oferecer um volume de trabalho dividido em parcelas menores a um custo menor. Podemos destacar, por exemplo, como mediadora a plataforma pioneira no mercado, a MTurk.

<sup>32</sup> Apesar de decidirmos utilizar o termo microtrabalho, é preciso salientar que existe um debate em torno do uso da palavra para representar o trabalho executado por trabalhadores das plataformas de microtarefas. “O prefixo da palavra é derivado da noção de microtarefa, porém, ainda que se trate de uma forma de trabalho fragmentada, repetitiva e que exige amiúde baixa qualificação, tal noção parece produzir um efeito colateral de reduzir e talvez depreciar o trabalho realizado pelos sujeitos” (Braz, 2021, p. 142).

Assim, como existe uma diversidade de tarefas oferecidas nas plataformas, é importante compreender como essas tarefas são categorizadas.

Na pesquisa documental que iniciamos, inferimos que a OIT em sua ampla pesquisa publicada em 2018, intitulada *As plataformas digitais e o futuro do trabalho: promover o trabalho digno no mundo digital* apresenta um relatório com estudos comparativos das condições de trabalho em cinco plataformas de microtarefas (em língua inglesa), no período de 2015 a 2017, que abrange 3500 trabalhadores residentes em 75 países (ILO, 2018).

A partir das respostas dos trabalhadores, categorizou as tarefas executadas nas plataformas de *crowdwork*, conforme exposto no Quadro 9 abaixo:

**Quadro 9 – Categorização de tarefas em plataformas de *crowdwork***

CATEGORIZAÇÃO	TAREFA
<b>Recolha de dados:</b>	Os trabalhadores devem recolher metadados específicos de que os clientes necessitam. Ex.: Descobrir um determinado endereço físico e digitar no formulário adequado.
<b>Categorização:</b>	As tarefas de categorização envolvem a classificação de entidades em grupos. Exemplo: categorizar música por estilos, livros por gêneros, roupa por cores etc.
<b>Acesso a conteúdos:</b>	O acesso a conteúdo refere-se a tarefas que envolvem a promoção de um produto específico, incluindo a otimização dos motores de busca (geralmente servem para criar tráfego artificial). Exemplo: assistir a um vídeo no YouTube e curtir, compartilhar uma postagem nas redes sociais.
<b>Verificação e validação:</b>	É pedido aos trabalhadores, ou que confirmem a validade de algum conteúdo. Exemplos: Verificar se uma imagem corresponde ao seu rotulo.
<b>Moderação de conteúdos:</b>	Verificar se algum do material publicado na internet viola leis locais, normas sociais ou as diretrizes da respectiva plataforma.
<b>Estudos de mercado e avaliações:</b>	Nesta categoria pode ser pedido aos trabalhadores que avaliem ou classifiquem um produto, serviço ou local.
<b>Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas</b>	Esta categoria consiste em tarefas relacionadas com a recolha de material destinado à aprendizagem de máquinas ou à inteligência artificial. Exemplo: Desenhar uma caixa à volta do objeto especificado.
<b>Transcrição:</b>	Transcrever para a forma de texto escrito informação de áudio, texto, fotos ou vídeos. Exemplos: digitar os números e/ou letras visíveis numa imagem.
<b>Criação e edição de conteúdos:</b>	Criar novo conteúdo ou releia, edite ou traduza materiais existentes. Exemplo: criar um texto para um blog sobre biologia.
<b>Inquéritos e experiências:</b>	Pesquisadores utilizam as plataformas para solicitar que a multidão responda suas pesquisas, pode incluir experiências sobre o pensamento ético e jogos colaborativos.

Fonte: elaborado pelo autor, com base no relatório da OIT (ILO, 2018, p. 16-21)

Em relação à quantidade de plataformas de microtarefas que operam no Brasil, no estudo detalhado, realizado em novembro de 2020, disponível no artigo intitulado *Heteromação e microtrabalho no Brasil*, Braz (2021) analisa as diferentes formas de microtrabalho remunerado presente no Brasil. O estudo utiliza o método netnográfico a partir de 22 grupos de Facebook e de WhatsApp, com uma base de cerca de 20 mil perfis registrados, por sete meses.<sup>33</sup>

No levantamento que fizemos do referido documento, notamos que Braz (2021, p. 144) identificou 54 plataformas em atuação. As quais ele classificou em cinco categorias, conforme exposto no Quadro 10 abaixo.

- ✓ **A:** Plataformas de microtrabalho para produção e treinamento de dados
- ✓ **B:** Plataformas de microtrabalho para realização de pesquisas de mercado
- ✓ **C:** Plataformas de microtrabalho para impulsionamento de redes sociais, também conhecidas como fazendas de cliques (click farms)
- ✓ **D:** Plataformas de microtrabalho para pequenos serviços de freelancing
- ✓ **E:** Plataformas de microtrabalho para testes de usabilidade remota, em que os trabalhadores são pagos para testar novos produtos (sites, versões de software, aplicativos, jogos etc.)

**Quadro 10 - Nacionalidade das plataformas de microtrabalho em operação no Brasil**

PAÍSES QUE POSSUEM PLATAFORMAS EM OPERAÇÃO NO BRASIL						
País de origem	A	B	C	D	E	Total
Alemanha	1	1			1	3
Argentina		1				1
Austrália	1				2	3
Áustria					1	1
<b>Brasil</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>13</b>
Bulgária			1			1
China	1					1
<b>Estados Unidos da América (EUA)</b>	<b>12</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>22</b>
França					1	1
Grécia					1	1
Inglaterra	1	1			1	3
Israel		1				1
Malásia					1	1
Não identificado	1		1			2
<b>TOTAL</b>						<b>54</b>

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Braz (2021, p.167)

<sup>33</sup> O estudo de Braz (2021) faz parte de um projeto mais amplo, conduzido no Laboratório de Trabalho, Saúde e Processos de Subjetivação (LATRAPs).

Em relação aos estudos de Braz (2021), podemos verificar que o Brasil está dominado por plataformas de microtrabalho para impulsionamento de redes sociais, também conhecidas como fazendas de cliques (*click farms*). Segundo estudos recentes (Grohmann *et al.*, 2022) as fazendas de cliques têm plataformas no Brasil (GanharNoInsta, Dizu, FarmarSocial e SigaSocial, sediadas em cidades como Goiânia/GO e Santa Rosa/RS), e diferentemente das outras plataformas de microtrabalho, todas as tarefas das fazendas de cliques são realizadas em português, aumentando o potencial do seu crescimento no Brasil.

Outro dado importante da pesquisa de Braz (2021), tem relação com as plataformas de microtrabalho para produção e treinamento de dados (caso da MTurk), por elas se concentram nos EUA as tarefas são disponibilizadas no idioma inglês, e mesmo assim, o Brasil é o terceiro maior país com acesso a MTurk (só atrás dos EUA e da Índia).

É muito difícil identificar a quantidade de trabalhadores que operam nessas plataformas, visto que, o acesso a esses trabalhadores não é fácil, já que se encontram muitas vezes dispersos. As empresas tendem a não divulgar esses dados e quando o fazem, elas divulgam a quantidade de contas abertas, o que muitas vezes não representa o número real de trabalhadores regulares e ativos na plataforma (Manzano; Krein, 2022). E, existe ainda a própria dificuldade e limitações na análise de pesquisas.

Seguindo o levantamento da nossa pesquisa, verificamos que Machado e Zanoni, organizaram em um livro, no ano de 2022, intitulado *O trabalho controlado por plataformas digitais: dimensões, perfis e direitos* uma pesquisa feita por pesquisadores da Unicamp e estudantes da UFPR, com apoio do Ministério Público do trabalho<sup>34</sup>, e apresentam como resultado uma estimativa aproximada para a média trimestral móvel no Brasil (ano 2021<sup>35</sup>): Os trabalhadores de plataformas no Brasil tem se mantido próximo a 1,5 milhão de indivíduos. Destes, 92% se encontram nas atividades realizadas em território geográfico determinado (como os aplicativos de transporte, manutenção predial etc.). 5% são representados pelos trabalhadores que exercem funções exclusivamente por meios da internet, onde se encontram os trabalhadores de microtrabalho, o restante engloba trabalhadores da educação e da saúde que trabalham com plataformas digitais em território geográfico determinado e/ou por meios de internet, conforme ilustra Figura 11.

---

<sup>34</sup> A pesquisa foi executada em 2021 e conta com a contribuição de autores como Ludmila Costhek Abílio, Marcelo Manzano e André Krein. Pesquisas mais recentes de 2023 mantem dados similares, cf.: IBGE (2023b).

<sup>35</sup> A pesquisa utiliza os dados da Similarweb, que faz uma análise de tráfego para realizar a contagem do número de visitantes únicos dos sites referentes as plataformas pesquisadas. (ver páginas 82,88-89,117)

Figura 11 - Tabela com estimativa de trabalhadores em diferentes plataformas

**TABELA 1 – ESTIMATIVA DO NÚMERO DE TRABALHADORES SOB CONTROLE DAS PLATAFORMAS NOS DIFERENTES TIPOS DE TRABALHO, POR GRUPAMENTO (MÉDIA MÓVEL TRIMESTRAL: ANO DE 2021)**

Ecosistema	Grupamento	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Location-Based (LB)	Entregas duas pontas	148.143	149.404	156.945	166.832	181.269	187.382	166.452	139.972
	Entregas três pontas	299.764	319.463	344.690	345.125	331.975	281.490	227.378	191.095
	Fretes	103.950	113.741	125.648	136.495	138.783	130.666	119.069	117.253
	Transporte de passageiros	825.304	830.372	829.495	828.763	812.982	817.952	800.397	858.516
	<b>Subtotal setor de transportes</b>	<b>1.377.161</b>	<b>1.412.981</b>	<b>1.456.777</b>	<b>1.477.215</b>	<b>1.465.009</b>	<b>1.417.490</b>	<b>1.313.296</b>	<b>1.306.836</b>
	Serviços gerais	14.652	16.545	18.629	19.424	18.188	18.217	18.299	21.457
	Serviços profissionais	16.959	18.697	20.515	20.091	18.809	19.184	20.067	22.930
	Outros serviços	2.071	2.081	2.049	1.958	1.613	1.547	1.504	1.730
	<b>Subtotal Serviços</b>	<b>33.682</b>	<b>37.323</b>	<b>41.193</b>	<b>41.473</b>	<b>38.610</b>	<b>38.948</b>	<b>39.870</b>	<b>46.118</b>
Online Web-Based (OWB)	Serviços profissionais	47.521	47.982	48.107	45.843	43.659	43.931	45.998	48.757
	Microtrabalho	11.272	13.205	15.460	26.330	35.542	41.910	34.949	27.822
	Outros serviços	1.279	984	887	767	985	1.016	1.009	895
	<b>Subtotal Serviços</b>	<b>60.073</b>	<b>62.171</b>	<b>64.453</b>	<b>72.939</b>	<b>80.187</b>	<b>86.856</b>	<b>81.956</b>	<b>77.474</b>
Location-Based e/ou Online Web-Based (LB+OWB)	Educação	15.025	15.538	16.945	17.103	15.672	14.373	12.854	13.423
	Saúde	16.094	17.010	17.958	18.355	18.232	18.011	17.332	18.036
<b>TOTAL</b>		<b>1.502.035</b>	<b>1.545.023</b>	<b>1.597.328</b>	<b>1.627.085</b>	<b>1.617.710</b>	<b>1.575.677</b>	<b>1.465.307</b>	<b>1.461.887</b>

FONTE: Similarweb. Elaboração: CDT/UFPR (2021).

Fonte: Krein e Manzano (2022, p. 117)

## 4.2. A Amazon Mechanical Turk

Em nossa pesquisa, verificamos que a *Amazon Mechanical Turk* (MTurk) é um sistema *online* que permite aos usuários distribuir tarefas para um grande número de trabalhadores. Seu nome é baseado no jogador de xadrez mecânico “Turk”, que em 1769 derrotou quase todos os oponentes que enfrentou, com um manequim de madeira em tamanho natural.

Ele os convenceu de que havia construído uma máquina que tomava decisões usando inteligência artificial. O que eles não sabiam era o segredo por trás do Turco Mecânico: um mestre de xadrez habilmente escondido dentro (Amazon Mechanical Turk, 2023b).

Criada em 2005, ela é a pioneira na mediação de trabalho por microtarefas. Foi inventada inicialmente para identificar e eliminar entradas em duplicação, feita pelos vendedores que utilizavam sua plataforma para vender. Para resolver esse problema criou um site que oferecia aos seus próprios funcionários, uma renda extra, para identificar e corrigir essas duplicações. O potencial foi tão grande, que ela expandiu para trabalhadores fora da sua empresa (Amazon Mechanical Turk, 2023b), e assim, criou o primeiro *crowdsourcing* relacionado a microtarefas.

A Figura 12 apresenta a página inicial da Amazon Mechanical Turk:

**Figura 12 - Página do Amazon Mechanical Turk destaca acesso a “força de trabalho global, sob demanda, disponível 24 horas, 7 dias por semana”**



Fonte: Captura de tela. (Amazon Mechanical Turk, 2023c).

Pouco se sabe sobre os clientes que se cadastram na plataforma para solicitar tarefas, segundo o site oficial, a Amazon Mechanical Turk tem como clientes contratantes empresas de grande porte como: Pinterest, wikiHow, Allen Institute for Artificial Intelligence (AI2), parte do Johnson & Johnson Institute, Baidu Inc, Zignal Labs, Radiant Solutions da Maxar, subsidiária da US Foods, Collider e ScaleHub. Essas empresas utilizam a MTurk para alimentar a inteligência artificial de suas plataformas. O Quadro 11 resume os depoimentos dos clientes solicitantes disponíveis no site da MTurk:

**Quadro 11 - Depoimentos de clientes solicitantes da Amazon Mechanical Turk**

CLIENTE SOLICITANTE	DESCRIÇÃO DO CLIENTE	DEPOIMENTOS DOS CLIENTES SOLICITANTES SOBRE A MTURK
Pinterest	O Pinterest é um mecanismo de descoberta visual para salvar e descobrir ideias.	Aproveitando a poderosa plataforma de crowdsourcing do Amazon Mechanical Turk, construímos um sistema de avaliação humana de alta qualidade que pode ser dimensionado de acordo com nossas necessidades.
wikiHow	WikiHow é um site colaborativo no estilo wiki com o objetivo de ensinar a todos no mundo como fazer qualquer coisa.	A MTurk nos forneceu um grupo de trabalhadores qualificados que foram capazes de nos ajudar a avaliar a relevância das questões e editá-las para obter concisão e clareza.
Allen Institute for Artificial Intelligence (AI2)	Contribuir para o bem humano por meio de pesquisa e engenharia de alto impacto em inteligência artificial.	Em particular, usamos plataformas de crowdsourcing, como o Amazon Mechanical Turk, para construir conjuntos de dados que ajudam nossos modelos a aprender o conhecimento do senso comum, que muitas vezes é necessário para responder a perguntas básicas que são fáceis para os humanos, mas ainda assim bastante difíceis para as máquinas.
O C-SATS, parte do Johnson & Johnson Institute	Sistema de gestão de desempenho para profissionais de saúde avaliarem e melhorarem de forma contínua, precisa e objetiva.	Desenvolvido pela Amazon Mechanical Turk, permite que os cirurgiões carreguem vídeos cirúrgicos para avaliação por cirurgiões e revisores especialistas que fornecem feedback objetivo e confidencial sobre habilidades técnicas.
Food Genius	Nosso objetivo é revelar insights do consumidor e identificar tendências emergentes, para que nossos clientes possam responder de forma eficaz com estratégias eficazes.	Os funcionários do Amazon Mechanical Turk respondem às nossas solicitações de coleta de informações de menus, sites e outros canais. Somos capazes de aproveitar esses insights coletivos humanos para entender melhor as necessidades dos clientes e descobrir tendências importantes do mercado.
A Radiant Solutions da Maxar	Na Radiant Solutions, obtemos trilhões de pixels de satélite todos os dias, e compreender cada objeto, localização e ação neste planeta é um enorme desafio.	Usando a plataforma de crowdsourcing do Amazon Mechanical Turk, grandes comunidades de usuários analisam grandes volumes de dados para marcar objetos, recursos ou locais importantes. Esses conjuntos de dados rotulados servem como informações básicas que nos ajudam a treinar e refinar nossos algoritmos geoespaciais avançados.
A Baidu Research	A clonagem de voz é um recurso altamente desejado para interfaces de fala personalizadas. Apresentamos um sistema de clonagem de voz neural que aprende a sintetizar a voz de uma pessoa a partir de apenas algumas amostras de áudio.	Usando o Amazon Mechanical Turk, conseguimos acessar um grande número de ouvintes para avaliar a qualidade do áudio e compará-lo com a gravação humana original.

Fonte: elaborado pelo autor, com base no site da Amazon Mechanical Turk, 2023g).

Além de clientes solicitantes de grande porte, qualquer pessoa pode se cadastrar como cliente solicitante, inclusive pesquisadores de universidades renomadas cadastram pesquisas.

Mas como ela funciona?

No site da MTurk você encontra a seguinte descrição:

O MTurk oferece aos desenvolvedores acesso a uma força de trabalho diversificada e sob demanda por meio de uma interface de usuário flexível ou integração direta com uma API simples. As organizações podem aproveitar o poder do crowdsourcing via MTurk para uma variedade de casos de uso, como microtrabalho, percepções humanas e desenvolvimento de aprendizado de máquina (Amazon Mechanical Turk, 2023d).

O primeiro usuário é *requester* (cliente solicitante), o qual é aquele que pode incluir uma tarefa (*HIT*, “tarefa de inteligência humana”) para o segundo usuário, que são os *worker*, trabalhadores (conhecidos como *turkers*) que recebem o que a plataforma chama de *Reward* (recompensa) e bônus. A recompensa ela recebe do cliente solicitante, e a plataforma indica que só precisa ser pago o trabalho considerado satisfatório. Já o bônus o trabalhador só recebe se as suas indicações forem de um desempenho de alta qualidade. A plataforma como mediadora fica com parte das transações.

O solicitante pode especificar quantos trabalhadores ele deseja que aceitem e concluam cada tarefa. O trabalhador pode enviar resultados até o “vencimento” do HIT.

Este trabalho é geralmente apresentado em forma de tarefas simples para uma pessoa humana. Essas tarefas são, frequentemente, aquelas mais difíceis para os computadores. O Quadro 12, a seguir, ilustra os conceitos básicos criados e utilizados pela MTurk:

**Quadro 12 - Conceitos básicos criados e utilizados pela plataforma Amazon Mechanical Turk**

CONCEITO	SIGNIFICADO
Human Intelligence Task A Human Intelligence Task (HIT)	(HIT) é uma tarefa que um solicitante envia ao Amazon Mechanical Turk para que os trabalhadores executem. Um HIT representa uma tarefa única e independente, por exemplo, "Identifique a cor do carro na foto".
Requester (cliente solicitante)	Um Solicitante é uma empresa, organização ou pessoa que cria e envia tarefas (HITs).
Assignment (atribuição)	Especifica quantas pessoas podem enviar trabalhos concluídos para o seu HIT. Quando um Worker aceita um HIT, o Amazon Mechanical Turk cria uma atribuição para rastrear o trabalho até a conclusão. A atribuição pertence exclusivamente ao Trabalhador e garante que o Trabalhador possa apresentar resultados e ser elegível a uma recompensa até o momento em que o HIT ou atribuição expirar.
Reward (recompensa)	Uma recompensa é o dinheiro que você, como Solicitante, paga aos Trabalhadores pelo trabalho satisfatório que realizam em seus HITs.
Worker (trabalhador, conhecido como Toker)	Um trabalhador é uma pessoa que executa as tarefas especificadas por um solicitante em um HIT.

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Amazon Mechanical Turk (2023b).

Em nossa pesquisa documental na plataforma de vídeos YouTube<sup>36</sup> verificamos, a partir de relatos de *turkers*, que as tarefas podem ser: rotular uma imagem (ajudar o algoritmo a diferenciar um rato de um gato), transcrever clips de áudio, assistir um vídeo e escrever como se sente, avaliar uma música, assistir um vídeo e avisar se tem crianças, etc. Esses são alguns exemplos, de tarefas consideradas como microtrabalho, que ajudam a alimentar a inteligência artificial das plataformas. Desse modo, a Amazon criou um imenso mercado (*marketplace*)<sup>37</sup> para microtrabalho, através de uma força de trabalho dispersa pelo mundo. Vale salientar que além da Amazon, existem outras plataformas de microtrabalho, como a *Clickworker*, *Microworkers* e *Lionbridge*.

Com base no método que postula esse trabalho, é preciso verificar, além das aparências, o que realmente está por trás dessa plataforma. Segundo Milland (2021), a Amazon criou um novo mundo de atividades de trabalho com diretrizes próprias e um novo vocabulário e sem documentos claros para que o trabalhador compreenda o seu funcionamento. A pessoa

<sup>36</sup> No canal Jennifer Quinino podemos encontrar muitos vídeos com relatos das atividades em tempo real. Vídeo intitulado "Amazon Mturk na pratica", publicada no canal do YouTube em 22/02/2022: <https://youtu.be/rwGICGBfiZg?si=4tzx9bUuz0jTnSJD>. Amazon[...], 2021

<sup>37</sup> Marketplace é um espaço de venda na internet que reúne diferentes empresas vendendo produtos.

determinada a trabalhar na plataforma encontra uma série de dificuldades iniciais só para ser aceita.

Na nossa pesquisa documental a partir das mensagens disponíveis no grupo do *Telegram*, no período de 03 de janeiro a 30 de junho de 2023, evidenciamos inúmeros relatos de brasileiros que demonstram as dificuldades em adquirir uma conta para poder trabalhar na plataforma. A plataforma delimita pela nacionalidade se aceita ou não um trabalhador, e essas delimitações são alteradas regularmente, ou seja, não é sempre que ela aceitará trabalhadores brasileiros.

Quando o trabalhador consegue a conta, ele fica subjugado a plataforma. É ela quem determina quais solicitações serão submetidas e regula as aprovações dessas. Qualquer pessoa ou empresa pode ser o cliente solicitante (sujeito a aprovação da plataforma da Amazon) e oferecer uma tarefa, inclusive, dezenas de universidades, utilizam a plataforma para levantar dados para suas respectivas pesquisas (Milland, 2021).

O sistema pode determinar qualificações para os trabalhadores, com base nas tarefas executadas, localização etc. E isso pode ser utilizado para suspender a até retirar o trabalhador da plataforma.

Identificamos em nossa pesquisa bibliográfica, uma trabalhadora da MTurk que se identifica por Millland (2021) e trabalhou por 13 anos com a referida plataforma, executando microtarefas e como cliente solicitante (ou seja, ela esteve nos dois lados da plataforma) e decidiu se tornar pesquisadora dessa comunidade. Classificou as condições de trabalho como precário, salário baixo e com atividade em si perigosa.

A plataforma tem um fluxo de trabalho próprio, desde a competição para aceitar um HIT até a pressa para submeter sua proposta, observando rejeições e aprovações. A aprovação significa que o trabalhador é pago pelo tempo que gastou fazendo a atividade, enquanto a rejeição ocorre quando um solicitante decide manter o trabalho, mas não paga por isso. Esse é um dos principais problemas com o sistema: roubo de salário (Milland, 2021, p.133).

Essas informações revelam, que ainda que o trabalho seja rejeitado, e o trabalhador não seja pago, o solicitante fica com o resultado da tarefa.

### 4.3. Perfil dos turkers brasileiros

Observamos durante à pesquisa e conforme sinalizado anteriormente, que é difícil quantificar e qualificar os dados sobre o trabalho na plataforma, primeiro porque a plataforma dificulta o acesso, segundo a opacidade da própria plataforma e terceiro, a dificuldade de fazer pesquisa com esses trabalhadores.

Desta forma é difícil expressar com precisão o perfil dos turkers brasileiros, pois existem poucas pesquisas feitas no Brasil. Mas, com base nas poucas pesquisas anteriores encontradas na literatura feitas com trabalhadores da plataforma MTurk: Santos (2021), Moreschi, Pereira, Cozman (2020), Kalil (2019), conseguimos nessa seção traçar um perfil dos trabalhadores buscando apontar as similaridades e contradições encontradas nas pesquisas anteriores.

Segundo a Tese de Kalil (2019), com 52 pessoas, o perfil traçado foi: 73% dos trabalhadores são homens e 27%, mulheres. A grande maioria é solteira (88,4%) e a média de idade é de 30,1 anos.

Em relação à escolaridade, 71,4% possuem ensino superior, 7,6% mestrado e 5,7% doutorado. Para Kalil, esse alto grau de escolaridade se deve às tarefas serem em sua grande maioria em língua inglesa.

A pesquisa revelou que a maioria das pessoas que trabalha com microtrabalho obtém renda complementar (42,4%).

Sobre o tempo de trabalho, 72,2% realizam até 10 horas de trabalho na semana. Sobre a insatisfação: A remuneração é baixa, e a falta de atividades disponibilizadas para brasileiros e as rejeições.

Outro dado importante, antes de iniciar no MTurk, metade dos trabalhadores respondeu que gerenciava uma empresa, os demais estavam em um trabalho diferente (42,3%), desempregados (32,7%), estudando (30,8%) ou cuidando de crianças, idosos ou pessoas.

Moreschi, Pereira, Cozman (2020) em sua pesquisa a partir de um questionário com 149 trabalhadores brasileiros na plataforma MTurk, chegaram ao seguinte perfil: os entrevistados em sua maioria são brancos (64%) do gênero masculino (66,4%), com idade média de 29 anos. Os brasileiros trabalham, na plataforma, uma média de 17 horas, com mediana de 10 horas por semana, o que corrobora com a pesquisa de Kalil (2019).

Sobre sua remuneração: 57% dos brasileiros, da pesquisa, têm algum tipo de trabalho fora da plataforma da MTurk. O que corrobora com a pesquisa anterior, pois indicam que a MTurk serve como forma de complementar a renda.

É importante destacar, sobre a ausência de direitos: 54,4% dos brasileiros responderam “sim”, quando perguntados se é justa a ausência de leis regulatórias.

Sobre as más condições de trabalho, segundo Moreschi, Pereira, Cozman (2020) envolvem baixa renda, alta carga de trabalho e diferentes formas de estresse e ansiedade. Além de poderem ser expostos a conteúdo pornográfico ou violento. Uma grande quantidade de entrevistados afirmou estar em situação de desemprego formal há muito tempo.

Sobre os pontos positivos creditados pelos trabalhadores: A pesquisa revela que a flexibilidade dessa forma de trabalho é um grande atrativo, permite ao trabalhador se manter no ambiente doméstico.

Sobre as formas de resistências, o autor destaca a importância do WhatsApp para a organização dos trabalhadores.

Santos (2021), em sua dissertação de mestrado, aplicou um questionário a 34 trabalhadores de diferentes plataformas de microtrabalho. O perfil traçado foi: 71% dos respondentes possuem até 29 anos, 64,7% se declararam brancos, o que corrobora com as pesquisas anteriores. Em relação à escolaridade: 41,2% têm ensino superior completo e 20,6% estão cursando o ensino superior, o que corrobora com a pesquisa de Kalil (2019), que o trabalhador tem elevado grau de ensino.

A maior parte das pessoas trabalha com microtrabalho como uma forma de complementar sua renda principal, corroborando as pesquisas anteriores.

Sobre a ausência de direitos: para 52,9% dos participantes da pesquisa, a inclusão de direitos trabalhistas no microtrabalho é considerada “muito importante” (44,1%) ou “importante” (8,8%).

Sobre a satisfação: 61,8% demonstram estar satisfeitos com o trabalho em plataformas de microtarefas. Em relação à insatisfação: a renda que não é expressiva para os trabalhadores que se encontram desempregados e as rejeições.

Sobre as formas de resistências: 82,4% dos respondentes disseram considerar muito importante ou importante os fóruns.

O Quadro 13, ilustra o perfil encontrado em pesquisas anteriores:

**Quadro 13 - Síntese do perfil dos trabalhadores a partir das pesquisas anteriores**

PESQUISA	TEMPO NA PLATAFORMA	PERFIL	PONTOS POSITIVOS DA PLATAFORMA
Moreschi, Pereira, Cozman (2020), questionário com 149 pessoas.	Uma média de 17 horas, com mediana de 10 horas, por semana. 57% dos turkers brasileiros têm algum tipo de trabalho fora da plataforma da MTurk.	Em sua maioria é branca (64%) e masculina (66,4%), com idade média de 29 anos.	A flexibilidade dessa forma de trabalho.
Kalil (2019), 52 pessoas.	72,2% realizam até 10 horas de trabalho na semana. Metade dos trabalhadores respondeu que gerenciava uma empresa, os demais estavam em um trabalho diferente (42,3%), desempregados (32,7%), estudando (30,8%) ou cuidando de crianças, idosos ou pessoas.	73% dos trabalhadores são homens e 27%, mulheres. A grande maioria é solteira (88,4%) e a média de idade é de 30,1 anos. Escolaridade: 71,4% possuem ensino superior, 7,6% mestrado e 5,7% doutorado.	Complementação de renda (42,4%) e a possibilidade de trabalhar de casa (15,4%).
Santos (2021)  34 trabalhadores de diferentes plataformas	58,8% trabalham em mais de uma plataforma.	71% dos respondentes possuem até 29 anos, 64,7% se declararam brancos.  41,2% têm ensino superior completo e 20,6% estão cursando o ensino superior.	Complementar sua renda principal.
<b>Perfil</b>	<p>Maioria homens e brancos</p> <p>Média de idade 30 anos</p> <p>Alta escolaridade</p>		Complementar a renda e jornada de trabalho flexível.

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Moreschi, Pereira e Cozman (2020), Kalil (2019) e Santos (2021).

Com base nas pesquisas anteriores podemos perceber que a flexibilidade e a complementação da renda são as principais motivações para permanecer no trabalho da plataforma MTurk. O Perfil das pesquisas anteriores aponta para uma maioria de trabalhadores brancos, homens e com alta escolaridade.

Apesar do resultado na plataforma MTurk, o estudo da OIT (ILO,2018) destaca que em **outras plataformas de microtarefas** a maioria de trabalhadores brasileiros eram mulheres, e os estudo de Braz, Tubaro e Casilli (2023) apurou que 03 em cada 05 trabalhadores que executam microtrabalho são mulheres.

#### 4.4. Elementos para compreender a precarização no microtrabalho

Com base na nossa pesquisa bibliográfica e documental, e considerando as análises dos autores estudados, elencamos três elementos, que queremos destacar inicialmente para expressar elementos de precarização no microtrabalho: a) Assimetria da informação, b) A falta de regulamentação e c) A diversificação da mão de obra. Essas características vão mediar as relações da plataforma e no microtrabalho.

- Assimetria da informação

Nas plataformas de microtrabalho, operam três sujeitos. O usuário da plataforma (cliente solicitante) que oferece as microtarefas (que equivale a uma parte do todo), o trabalhador que vai executá-las (em segundos, ou minutos) e a empresa da plataforma que mediará a operação e por isso recebe um percentual da transação (Schmidt, 2017).

Afirmamos anteriormente que a plataforma opera como mediadora e detém o controle das negociações. O ponto inicial para a entrada na plataforma, seja como cliente solicitante, seja como trabalhador, é aceitar os termos de condições da plataforma. E isso acontece da seguinte forma: quando o trabalhador se inscreve na plataforma e aceita, a relação fica regida por uma espécie de documento de condições de serviço (ILO, 2018), no caso da MTurk, por exemplo, se chama *Acordo de participação da Amazon Mechanical Turk* (Amazon Mechanical Turk, 2023a). Esses “contratos” não têm margem para negociação, a maioria dos trabalhadores os aceita sem se quer ler e/ou entender como se dará o vínculo. Outro problema é que esses “contratos” são constantemente alterados pela plataforma. Por exemplo, muitas vezes, a forma de pagamento muda e o trabalhador não fica sabendo de imediato, só percebe as alterações quando as tarefas são aprovadas e aceitas para pagamento.

Outro ponto a destacar na assimetria é a falta de transparência das plataformas em relação ao não pagamento de trabalho executado, nos bloqueios de trabalhadores ou nos cancelamentos das contas sem nenhuma explicação.

Todos esses elementos tornam o processo de comunicação entre o trabalhador e a plataforma muito insatisfatório, os estudos de ILO (2018) ressaltam que o suporte ao trabalhador muitas vezes vem de fóruns online ou grupos de aplicativos de mensagens.

A pesquisa de Moreschi, Pereira, Cozman (2020), publicada em 2020 na revista *Contracampo* intitulada *Trabalhadores brasileiros no Amazon Mechanical Turk: sonhos e*

*realidades de trabalhadores fantasmas*<sup>38</sup>, mostra que existe diferença nas formas de pagamento entre trabalhadores de diferentes países. Colabora, ILO (2018, p.54), “diferenciais de remuneração entre países e regiões são reforçados por plataformas”. Ou seja, a falta de regras claras em relação a precificação deve ser uma reivindicação dos trabalhadores.

Sobre o assunto, Kalil (2019) destaca que existe assimetria em relação à estrutura de remuneração das tarefas. O cliente solicitante determina o valor da tarefa de maneira unilateral, ou seja, sem poder de negociação para o trabalhador. Sua pesquisa observou que a maioria da força de trabalho executa tarefas para uma pequena fração de clientes solicitantes, o que limita a oportunidade de ganhos.

Por fim, nossa pesquisa nos leva a identificar que as plataformas dificultam o acesso aos dados sobre o trabalho, a exemplo da MTurk que não divulga os dados sobre o número de trabalhadores brasileiros na plataforma. (Kalil, 2019).

- Falta de regulação

Outra característica que inferimos do microtrabalho é a falta de regulação. Nele, toda a responsabilidade dos custos, é atribuída ao trabalhador, desde o equipamento para trabalhar, a energia elétrica, a estrutura física do local de trabalho etc. Assim, as plataformas que demandam trabalhadores do mundo inteiro se aproveitam do discurso de que o trabalho na plataforma é uma condição nova para não regulamentar como um trabalho tradicional (ILO,2018).

Destaca-se na nossa pesquisa que as plataformas se eximem de qualquer vínculo empregatício ao solicitar aos trabalhadores suas condições como prestadores de serviços independentes, ou trabalhador por conta própria. A plataforma se *autoregamenta*, para poder controlar os trabalhadores e não aceita nenhuma regulação externa (ILO, 2018). Nem os provedores de plataforma, nem seus clientes assumem o papel e as responsabilidades de um empregador como leis trabalhistas e proteção ao trabalhador (Schmidt, 2017).

Os estudos mostram, ainda, que é possível constatar claramente a inexistência de proteção social. Desta forma, a plataforma não acha necessário prestar nenhum tipo de assistência ao trabalhador, conforma aponta o estudo de Moreschi, Pereira, Cozman (2020), já citado anteriormente, que concluiu que os *turkers* brasileiros trabalham sobre altas cargas de trabalho e convivem com doenças psicossomáticas como estresse e ansiedade, além de baixa remuneração.

---

<sup>38</sup> Pesquisa feita pesquisa por questionário distribuída para 149 trabalhadores brasileiros na plataforma Amazon Mechanical Turk (Mturk).

A estratégia das plataformas é mobilizar o trabalho como autônomo e contornar a regulação, alimentando a ideia de autonomia e liberdade (Machado; Zanoni, 2022).

- Diversificação da mão de obra

A terceira característica é a diversificação da mão de obra disponível. O microtrabalho permite que as plataformas tenham acesso a trabalhadores com inúmeras habilidades diversificadas que podem ser unidas em uma espécie de “cérebro coletivo” de uma força de trabalho globalizada.

Sobre o assunto, ILO (2018), detectou que os trabalhadores de países periféricos, de sua pesquisa, apresentaram um elevado nível de qualificação, o que não condiz com as microtarefas solicitadas nas plataformas, ou seja, o trabalho não está relacionado com a qualificação do trabalhador, uma pessoa com formação é contratada para executar uma tarefa simples. Esse trabalho rotineiro e repetitivo pode levar a uma desqualificação dessa mão de obra.

Vista por outro ângulo, outra questão a ser destacada é que tarefas maiores, como, por exemplo, uma tradução, que normalmente seria encaminhada para um único profissional qualificado, é dividida em microtarefas e enviada a vários profissionais que podem não ser qualificados (ter formação específica como tradutor). O relatório de ILO (2018) ressalta a preocupação de que, no futuro, essa tendência presente na microtarefa reforce a eliminação de certas formas de trabalho qualificado ou na sua substituição por trabalho não qualificado<sup>39</sup>.

Versando sobre essa discussão, Abílio (2022) destaca que em sua pesquisa com trabalhadores de plataformas de microtarefas que as plataformas estão levando os trabalhadores a uma disputa entre si o que pode levar a um rebaixamento do valor do seu trabalho. Ela exemplifica com um trabalhador que para começar a trabalhar em uma plataforma de traduções, adotou uma estratégia de cobrar 1 centavo por palavra traduzida, e assim prejudicou outros trabalhadores que já estavam na plataforma cobrando mais. Esse caso levanta à tona a importância de uma regulação dos preços das tarefas.

Destaca-se, ainda, que ao se referir ao microtrabalho na perspectiva de Marx, entendemos que a MTurk ao fragmentar mais ainda um trabalho em tarefas pequenas faz com o que trabalhador não entenda qual relação dessas tarefas com a mercadoria final que contribuem, fenômeno que Marx chamou de alienação (Marx, 2013).

---

<sup>39</sup> Sobre desqualificação em plataformas de microtarefa, ILO (2018) destaca o trabalho de, Aniket Kittur et al.. Cf. Kittur, A.; Nickerson, J.V.; Bernstein, M.S.; Gerber, E.M.; Shaw, A.; Zimmerman, J.; Lease, M.; Horton, J.J. 2013. The future of crowd work. Ata da Conferência CSCW '13, San Antonio, TX, pp. 1301–1318.

Essa discussão permite compreender que o microtrabalho uma fragmentação da jornada que pode levar a uma desqualificação profissional.

#### 4.4.1. Gestão da força de trabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk

Por se utilizar de um trabalho informal e com perda de direitos é difícil determinar e discernir como é feito a gestão de trabalho e o pagamento aos trabalhadores.

No que tange o nosso objeto, Segundo Vítor Gomes (2020), alguns fatores são fundamentais para tentar entender a gestão da força de trabalho na plataforma de microtrabalho MTurk, podemos citar como fundamentais, as métricas de performance, os scripts e a precificação.

- Métricas de performance

Na MTurk, a plataforma faz a mediação na relação entre o cliente solicitante e o trabalhador através da interface da sua plataforma. Na interface de HITs os trabalhadores escolhem as tarefas (HITs), a partir da sua distribuição em uma tabela, conforme Figura 6.

No exemplo da Figura 13, é possível ver quem é o cliente solicitante (Requester), no título (Title) você tem detalhes da tarefa, a quantidade de tarefas (HITs), o valor e o dia em que foi criada.

**Figura 13 - Captura de tela de tarefas (Hits) disponíveis a um trabalhador**

Requester	Title	HITs	Reward	Created	Actions
Amazon Requester Inc. - C	[French language proficiency requir...	61,046	\$0.01	17h ago	Preview Accept & Work
Amazon Requester Inc. - Customer Interests	Amazon Requester Inc. - Customer Interests	59,647	\$0.01	7h ago	Preview Accept & Work
Amazon Requester Inc. - C	Product to Interest Audit (single yes/...	28,379	\$0.01	1h ago	Preview Accept & Work
Amazon Requester Inc. - C	[dominio del idioma español requeri...	27,670	\$0.01	21h ago	Preview Accept & Work
Amazon Requester Inc. - C	[Proficiência no idioma português br...	19,719	\$0.01	20h ago	Preview Accept & Work
Crowdsurf Support	Transcribe up to 35 Seconds of Med...	17,485	\$0.05	3m ago	Preview Quality
TC Research	Find the Email for These Mental He...	13,896	\$0.12	5d ago	Preview Accept & Work
UnSpun Opinions	Opinion Survey	12,180	\$0.50	1m ago	Preview Accept & Work
KronoPin	Find the Website Address for a Con...	11,846	\$0.03	2/23/2018	Preview Quality
Assistive Technology Rese	1 minute survey: Smart speakers at ...	10,577	\$0.15	3d ago	Preview Accept & Work
Armin Hamzic	Tell us if a picture shows a specific f...	10,557	\$0.01	1d ago	Preview Quality
nttkKAN	Image Annotation (WARNING: This ...	8,217	\$0.05	10d ago	Preview Accept & Work

Fonte: Blog Mturk (2018)

A partir da gestão algorítmica, cada tarefa (HITs), exige uma série de métricas de performance e uma variedade de qualificações para que o trabalhador possa ser aprovado para executá-la. O trabalhador pode atingir a um topo de performance que o coloca na mais alta qualificação<sup>40</sup> que permite assim receber uma remuneração mais alta e mais tarefas a disposição. Segundo Kalil (2019) a forma como a MTurk concede essa qualificação não é muito clara para os trabalhadores, o que deixa o trabalhador muito insatisfeito.

O trabalhador, tem como monitorar o seu desempenho através dos seus índices de performance, com sua taxa de aprovação e rejeições, o número de HITs aprovados, a porcentagem de aprovação de HITs e a remuneração diária e total, como exemplifica a Figura 14. É importante salientar que com essas informações o trabalhador pode gerenciar estratégias para controlar as tarefas disponíveis e seus ganhos, em contrapartida, a MTurk monitora esses dados e se utiliza de algoritmos gerenciais para distribuir acesso às tarefas conforme o desempenho do trabalhador.

**Figura 14 - Captura de tela com o desempenho do trabalhador**

<b>aprovado</b>	82.765
<b>Taxa de aprovação</b>	99,7613%
<b>Aprovações Até</b> <input type="text" value="99,99"/> %	1.897.037
<b>Pendente</b>	11
<b>Intervalo Pendente</b>	99,7481% - 99,7613%
<b>rejeitado</b>	198
<b>Taxa de rejeição</b>	0,2386%
<b>Rejeições até</b> <input type="text" value="98,00"/> %	1.492

Fonte: Captura de tela de uma mensagem no grupo do Telegram (dados da pesquisa).

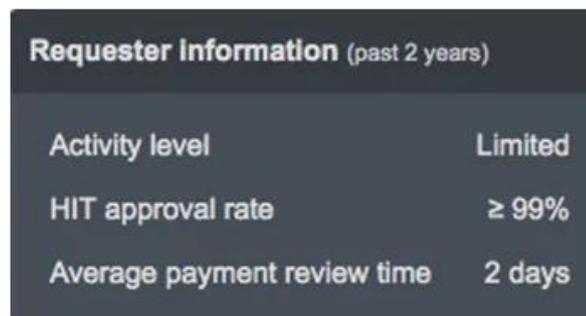
Além disso, os trabalhadores conseguiram em 2018 uma atualização na plataforma e passaram a poder ver o nível de atividade do cliente solicitante, a taxa de aprovação do cliente

<sup>40</sup> “O Amazon Mechanical Turk (MTurk) desenvolveu uma tecnologia que analisa o desempenho dos trabalhadores, identifica trabalhadores de alto desempenho e monitora seu desempenho ao longo do tempo. Os trabalhadores que demonstraram excelência em uma ampla gama de HITs recebem a Qualificação Masters. Os Masters devem continuar a passar pelo nosso monitoramento estatístico para manter a Qualificação MTurk Masters.” (Amazon Mechanical Turk, 2023b)

e o tempo médio de revisão de pagamento. A Amazon alega que isso dá ao trabalhador maior poder de decisão em aceitar a tarefa, conforme ilustrado na Figura 15.

Constata-se, de modo geral, que a alegação da Amazon é controversa, a medida que o cliente solicitante tem o poder de rejeitar uma tarefa e não é obrigado a reverter rejeição, ainda que seja uma rejeição considerada injusta pelo trabalhador, a boa qualificação do cliente não é garantia de que receberá pela tarefa executada.

**Figura 15 - Captura de tela informações sobre o cliente solicitante**



Requester Information (past 2 years)	
Activity level	Limited
HIT approval rate	≥ 99%
Average payment review time	2 days

Fonte: Blog Mturk (2019)

Vítor Gomes (2020) esclarece que a gestão feita pela plataforma, não acontece somente de maneira unilateral, os trabalhadores também se munem de estratégias para sua autogestão, assim, o autor prefere pensar em uma gestão entre todos os autores do processo.

Ao cliente solicitante, cabe, entre outras funções de gestão, criar uma gamificação por remuneração bônus em função do desempenho, é uma forma de conseguir aumentar a produtividade do trabalhador. Na MTurk, a gamificação acontece na forma de simulação de uma competição, que objetiva introjetar no trabalhador um ambiente de competição igual a um ambiente de jogo. Compete ainda criar bônus para os trabalhadores que fizerem o maior número de hits de acordo com as instruções do contratante.

Kalil, sobre o gerenciamento automático:

Em regra, os trabalhadores que desempenham atividades na MTurk são gerenciados pelo algoritmo do requerente, em um esforço de colocar a administração do trabalho nos sistemas de computador da empresa e de retirá-la das obrigações diárias dos gerentes humanos. Nesse sentido, o algoritmo coloca as atividades nas plataformas e avalia o que os trabalhadores executaram (Kalil, 2019, p. 183).

Segundo Grohmann (2020b), a gamificação é mais uma forma de gerenciar o trabalho a partir de lógicas financeiras:

Gamificação e rastreamento permanente são a concretização de um trabalho quantificado a partir de métricas de performance e desempenho geridas por algoritmos, com as técnicas de gestão indo além de o sujeito “transcender-se pela empresa” ou “motivar-se cada vez mais para satisfazer o cliente” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 331). Trata-se do transcender-se e motivar-se por si mesmo a partir de suas próprias métricas, com mecanismos de autoc coerção e autculpabilização vistos como espírito empreendedor e o ideal de empresa de si mesmo. É a “nova razão do mundo” automatizada – gerenciada a partir de lógicas algorítmicas e financeiras. (Grohmann, 2020b, p.115)

Já para os trabalhadores, sobra a resistência em tentar minimizar a precariedade envolvida nesse trabalho. Uma das técnicas utilizadas, pelos trabalhadores, para gerenciar o processo de trabalho são o uso de scripts.

- Scripts

Os scripts<sup>41</sup> são ferramentas criadas para auxiliar os trabalhadores a serem mais produtivos no MTurk, e conseqüentemente melhorar a remuneração. Eles servem, por exemplo, para o trabalhador distinguir os HITs bons dos ruins; dar ao trabalhador chance de pegar novas tarefas (HITs) primeiro; podem otimizar o layout de um HIT, adicionar atalhos de teclado para acelerar o fluxo de trabalho e até mesmo ajudar a rastrear os clientes contratantes que pagam mais e “fugir” dos que rejeitam HITs.

Da mesma forma que os trabalhadores se juntam no planejamento e criação de inúmeros scripts que auxiliam na gestão do trabalho e no aumento de sua produtividade, eles também o fazem no sentido de escapar de requesters percebidos como injustos, com altas taxas de reprovação de HITs (Gomes, Vítor, 2020, p.12).

Outra questão levantada por Vítor Gomes (2020), é a automatização imediata de tarefas após o término de uma tarefa, criando assim um sistema automático de designação de HITs, assim, conduzem a conduta dos usuários através da sugestão de suas prováveis próximas ações.

Ainda nessa discussão, além dos scripts, outra maneira de resistência entre os trabalhadores, são os fóruns de discussão, como os grupos no Reddit<sup>42</sup> e no Facebook<sup>43</sup>, e nos

---

<sup>41</sup> O trabalhador precisa instalar o Script em seu navegador Web para que ele funcione.

<sup>42</sup> Cf.: o Reddit é uma plataforma de rede social que conecta usuários de maneira que possam compartilhar, conteúdos organizados em comunidades específicas baseadas em interesses em comum. A comunidade de assuntos relacionados a MTurk foi criada em 2005, e possui 88 mil. membros. <https://www.reddit.com/t/mturk/wiki/communities/>. Reddit (2023).

<sup>43</sup> Cf.: O facebook possui várias comunidades na sua plataforma. Essas comunidades podem ser criadas por qualquer usuário. A comunidade intitulada “Amazon MTURK workers - Amazon Mechanical Turk USA” foi criada em 2022, e possui 5,2 mil membros. <https://www.facebook.com/groups/amazonmechanicalturk/>, Facebook (2023).

aplicativos de mensagens como WhatsApp e Telegram. Nesses grupos, os trabalhadores procuram tirar dúvidas, desabafar suas frustrações, pedem ajuda para aprender a usar a MTurk além de se organizarem minimamente para lutar por reivindicações de melhoria na plataforma.

- Precificação

Segundo a MTurk o cliente solicitante decide quanto pagará para uma tarefa (HITs) a um trabalhador (a taxa mínima é de US\$ 0,01 por tarefa), mais uma taxa de 20% para a MTurk sobre o valor pago aos trabalhadores. Além disso, tarefas com mais de 10 atribuições serão cobradas uma taxa adicional de 20% sobre a recompensa que você paga aos trabalhadores (Amazon Mechanical Turk, 2023e).

A MTurk concede automaticamente a Qualificação Masters a alguns trabalhadores, que a partir dos dados, a gestão do trabalho determina se o trabalhador tem demonstrado consistentemente um “alto grau de sucesso” na execução de uma ampla variedade de HITs em um grande número de clientes contratantes. Essa qualificação pode ser revogada pela MTurk a qualquer momento se o desempenho do trabalhador diminuir. Esses trabalhadores podem receber mais pelas tarefas e a MTurk recebe mais de 5% em cima.

Após a apresentação dessas discussões, constata-se que a gestão algorítmica do trabalho é feita em parte majoritária pela MTurk por meio do monitoramento dos trabalhadores e do sistema de avaliações, que além de ter o controle da plataforma, transfere de forma gradual a gestão para os trabalhadores<sup>44</sup> e para os clientes solicitantes. O trabalhador é quem se responsabiliza pelos custos dos equipamentos e infraestrutura que vai utilizar, e em tese, pelo seu próprio tempo de trabalho.

Evidencia-se, nesse recorte, que a gestão da força de trabalho na plataforma da MTurk, feita a partir da gestão algorítmica, é uma forma de controle que precariza ainda mais as condições de trabalho.

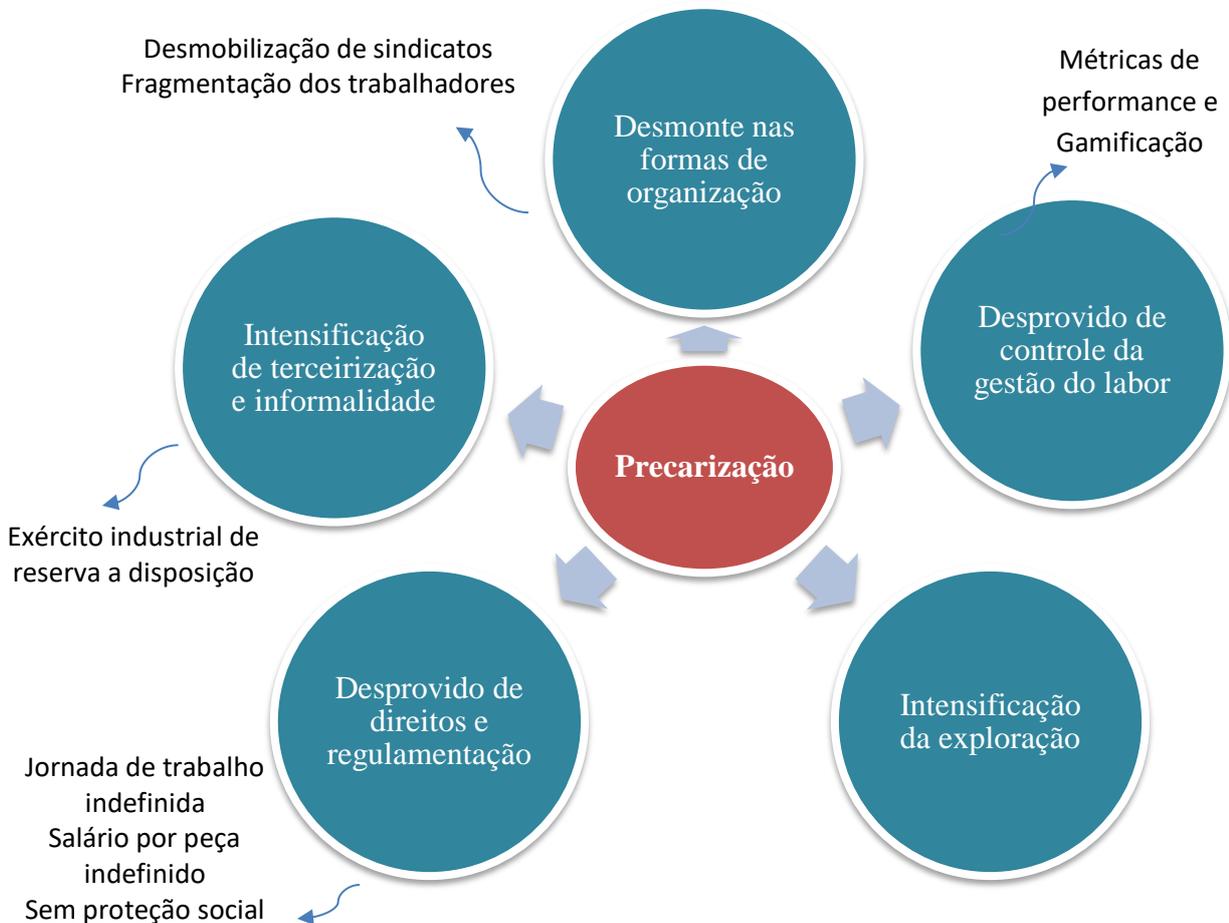
Como resposta, cabe ao trabalhador, através das suas reivindicações e resistências, criar ferramentas de subterfúgio como os scripts, grupos de ajuda, fórum de discussões. Em outras palavras, entende-se que os trabalhadores procuram sempre maneiras de resistir à precarização, buscando alternativas para minimizar as baixas remunerações e a frustração com os clientes contratantes.

---

<sup>44</sup> Abílio (2019) chama de “autogerenciamento subordinado”

Assim, o que resta das considerações até agora empreendidas é que o microtrabalho na plataforma MTurk possui os seguintes elementos de precarização expostos na Figura 16, abaixo:

**Figura 16 - Precarização no microtrabalho**



Fonte: elaborado pelo autor.

Em suma, a discussão empreendida reflete que as plataformas dispõem de um exército industrial de reserva, fator determinante para intensificação da terceirização e da informalidade que são estruturantes nesse processo de reestruturação do trabalho.

A precarização na MTurk é refletida no desmonte das formas de organização através da fragmentação dos trabalhadores, em contrapartida, é possível perceber que os trabalhadores encontram maneiras de se organizar a partir de ferramentas disponíveis na internet como fóruns e grupos.

O desprovido controle da gestão do labor se dá por meio da gestão algorítmica do trabalho, a utilização de métricas de performance e gamificação permite um controle

majoritário à plataforma e ao cliente solicitante, restando ao trabalhador buscar formas de resistência.

Com relação à falta de direitos e regulamentação, observamos que o trabalhador da MTurk se encontra sem proteção social alguma, com jornada de trabalho indefinida e sem valor de remuneração coerente com o padrão da OIT, sem proteção social. Esses recortes marcam uma intensificação da exploração do trabalho.

Dito isso, agora o foco estará voltado para o terceiro objetivo específico desta pesquisa: identificar a percepção dos trabalhadores sobre a precarização das condições de trabalho tomando como referência o grupo no Telegram.

## CAPÍTULO 4

### AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PLATAFORMA DA AMAZON MECHANICAL TURK NO BRASIL

“façam review das rejeições para mais pessoas ficarem cientes”

“GENTE façam review das rejeições deixem claro que foi injusto”

“a Amazon não intervém entre requester e trabalhador!”

“não é um “dever”, ele faz se ele quiser, pq consequência pra ele não tem”

“Vacilo demais desses solicitantes e não recebem nenhuma punição”

“Pô nem fala, não levanto da cadeira nem pra beber água kkkkkkkk”

“já deixo a garrafa aqui do lado kkkkkk pra não ter que levantar”

“por isso que tem que ficar ativo, uma hora vem alguma coisa boa pra fazer o cara não pode perder nenhuma oportunidade já que estão bem escassas”

(Mensagens de trabalhadores no grupo do Telegram)

O objetivo dessa seção é a partir da análise dos dados apresentar os resultados e as discussões que identificam a percepção dos trabalhadores sobre a precarização das condições de trabalho tomando como referência o discurso da plataforma MTurk e as mensagens contidas no grupo de trabalhadores no Telegram. Ele reconhece a precarização, apontada pela literatura, contida nas condições de trabalho?

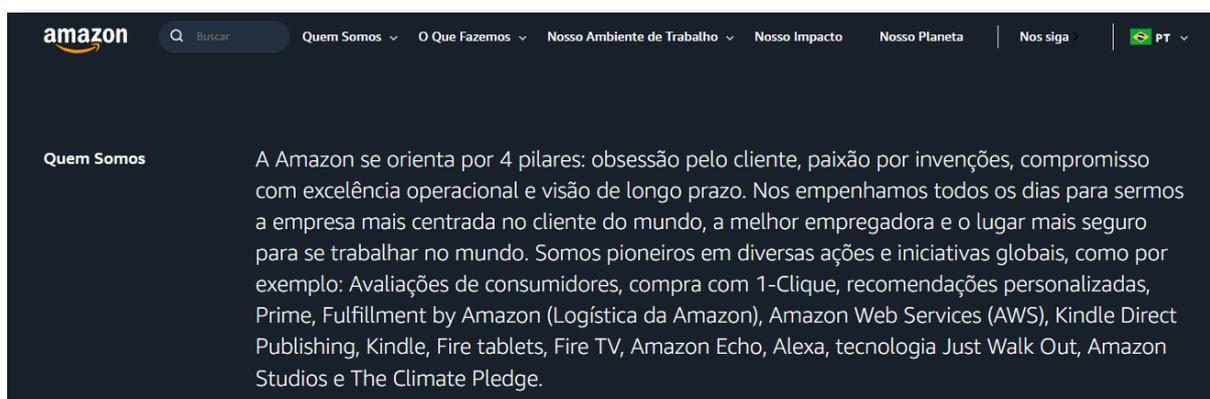
Pensando no modo como esse processo ocorre, achamos necessário, inicialmente, fazer uma breve síntese sobre o discurso da Amazon e conseqüentemente da MTurk, buscando compreender qual o discurso a MTurk utiliza para oferecer uma força de trabalho global, sob demanda, 24 horas por dia, 7 dias por semana. O que está “escondido” no discurso?

Assim, foi possível compreender melhor a percepção dos trabalhadores que se contradizem com um discurso de satisfação e insatisfação com o trabalho na plataforma.

### 5.1. A Amazon como a grande plataforma global

“Acreditamos que nosso futuro é diverso, inclusivo e acessíveis a todas as raças, gêneros, crenças, origens e comunidade”. Isso está descrito na visão geral da empresa Amazon, em seu relatório anual de 2022 (Amazon, 2022). Também, em se tratando do assunto, nas páginas do site da Amazon o discurso é parecido: “Nos empenhamos todos os dias para sermos a empresa mais centrada no cliente no mundo, melhor empregadora e o lugar mais seguro para se trabalhar no mundo” (Amazon, 2023b). Conforme exposta na Figura 17 abaixo, não há dúvidas que a empresa possui trabalhadores diversos, mas o futuro imaginado pela empresa perpassa em que tipo de trabalho?

**Figura 17 - Como a empresa Amazon se define**



Fonte: Site da Amazon (Amazon, 2023b).

A Amazon faz parte da GAFAM (Ducourtieux, 2012) acrônimo de Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft, termo utilizado na literatura para representar essas empresas que juntas representam as principais atuantes no capitalismo de plataforma por consequência na extração e conversão de dados. Elas concentram grande poder econômico e uma base imensa de usuários.

Em nossa pesquisa, identificamos a Amazon como uma empresa norte-americana, criada em 1994, que hoje é uma potência varejista do mercado econômico, além de uma das maiores empresas de tecnologia. É uma empresa “polvo” que tem braços em diversos segmentos, inclusive vendendo tecnologia de vigilância para governos<sup>45</sup>.

Dados do site Visualcapitalist<sup>46</sup>, mostram que o dono da Amazon, Jeff Bezos, é considerado o terceiro homem mais rico do mundo na categoria geral, com uma fortuna estimada em 116, 7 bilhões de dólares. E se delimitar para a parte de tecnologia ele sobe para primeiro lugar. Além disso, sua empresa em 2021 ganhou quase 1 milhão de dólares por minuto.

Segundo seu relatório anual de 2022 (Amazon, 2022), ela emprega mais de 1,6 milhões de pessoas em todo o mundo e criou mais de 750.000 empregos de período integral e meio período nos EUA desde o início da pandemia, trabalhou com mais de 2 milhões de parceiros independentes em 2022 (vendedores, desenvolvedores, autores, fornecedores etc.) só nos EUA. Mais de 130 países vedem na plataforma da Amazon, possui mais de 3.000 serviços de entrega e mais de 260.000 motoristas. Segundo Delfanti (2023) possui 200 *fulfillment centers*<sup>47</sup> no mundo inteiro e tem um capital acumulado de 1,65 trilhão de dólares<sup>48</sup>. Estes dados demonstram a dimensão do impacto da Amazon na economia mundial.

Com base nas pesquisas de Delfanti (2023) compreendemos os *fulfillment centers* como centros de distribuições da Amazon que, a partir de tecnologia avançada, organizam fluxos de mercadorias que se conectam com outros centros de economia global e procuram garantir um envio mais rápido ao cliente. Esses centros, foram instalados em cidades-chave a partir das

---

<sup>45</sup> O Amazon Rekognition é um serviço de análise de imagens e vídeos baseado em nuvem que facilita a adição de recursos avançados de visão computacional aos seus aplicativos, na prática é capaz de fazer reconhecimento fácil, desta forma é utilizado por vários governos em questões de segurança. Cf.: site de propaganda da plataforma, <https://aws.amazon.com/pt/rekognition/>, Rekognition (2023). É um serviço que sofre muitas críticas ao redor do mundo. Cf.: notícia intitulada “Amazon estende proibição de uso de reconhecimento facial à polícia”, publicada no site Isto é dinheiro em 18/05/2021: <https://istoedinheiro.com.br/amazon-estende-proibicao-de-uso-de-reconhecimento-facial-a-policia/>, Isto é dinheiro (2021).

<sup>46</sup> Cf.: notícia intitulada “The Richest People in the World in 2023”, publicada no site Visual Capitalist em 16/03/2023: <https://www.visualcapitalist.com/the-richest-people-in-the-world-in-2023/>, Neufeld (2023).

<sup>47</sup> Um centro de distribuição da Amazon é um armazém da Amazon onde os pedidos recebidos são recebidos, armazenados, embalados e enviados aos clientes.

<sup>48</sup> Segundo Delfanti (2023), tem um PIB maior que o Canadá e a Austrália.

seguintes estratégias: periferias próximas a mercados urbanos ricos com complexos logísticos e aéreas residenciais suburbanas em expansão e estradas (e/ou ferrovias); explorar força de trabalho barata com incentivo fiscal; abundância de exército industrial de reserva; cidades com muitos imigrantes<sup>49</sup>. “A empresa explora e dissemina as injustiças que acompanham a geografia de nossas cidades e nossos países” (Delfanti, 2023, p. 31). Desta forma, são nos armazéns que ela emprega a maior parte dos trabalhadores com algum tipo de direito ou proteção social.

Possui uma rede de entrega e logística, editora de livros, produtora de televisão e filmes, área de games, é pioneira no setor de e-reader<sup>50</sup> (*kindle*) e aparelhos de assistentes virtuais como Alexa<sup>51</sup>. É a pioneira das plataformas de microtarefas com a Amazon Mechanical Turk, objeto de estudo desta pesquisa, que possui mão de obra informal espalhada por vários países do mundo.

Recentemente investiu em computação em nuvem com o Web Services<sup>52</sup> tornando-se a líder no segmento, seu serviço para armazenar e analisar dados do tráfego da internet. Na pesquisa, verificamos ser da Web Services que a Amazon gera o seu maior lucro. Entre os clientes do seu Web Services estão plataformas como a Uber, Pinterest, Netflix e Airbnb. E isso faz com que plataformas de grande poder econômico dependam do seu serviço de tecnologia para funcionar. O que aumenta ainda mais o poder econômico e centralizador da Amazon.

Atrelado a esses dados, na pesquisa identificamos que, enquanto o mundo estava em crise com a pandemia de coronavírus, a Amazon viu seu negócio se expandir, com o aumento dos serviços de e-commerce e web Services. Segundo Delfnati (2023), sua receita passou dos 280 bilhões de dólares em 2019 para os 380 bilhões em 2020.

Trazendo para a nossa realidade, chegou ao Brasil em 2012 “Por meio de inovação, investimento e geração de empregos, ajudamos a desenvolver o potencial econômico de comunidades urbanas e rurais” (Amazon, 2023b) e em 2017 começou a venda de eletrônicos. Outro dado importante para o Brasil é que a partir de 2019 ele começou a abrir centros de distribuição no país<sup>53</sup>.

---

<sup>49</sup> Como o de Brompton, em Toronto – Canadá, cidade com grande incidência de sul-asiático. Cf.: Delfanti (2023).

<sup>50</sup> Leitor de livros em formato digital

<sup>51</sup> Assistente virtual desenvolvida pela Amazon. Para ver suas funções Cf.: Cláudio Gomes (2022).

<sup>52</sup> Computação em nuvem é um termo utilizado para a disponibilidade sob demanda de recursos do sistema de computador, especialmente armazenamento de dados e capacidade de computação em servidores disponíveis na internet. A AWS é uma plataforma de serviços de computação em nuvem da Amazon. Cf. AWS (2023).

<sup>53</sup> Cf. notícia intitulada “Amazon abre o primeiro centro de distribuição da América do Sul”, publicada no site do jornal Folha de São Paulo em 22/01/2019: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/01/amazon-abre-em-sp-1o-centro-de-distribuicao-da-america-do-sul.shtml>, Soprana (2019).

Compreender a empresa é uma tarefa hercúlea, nada simples devido às suas proporções. Bezos costuma dizer que a Amazon “quer ser incompreendida”. Isto é, a empresa não se importa se a concorrência, os investidores ou o público em geral são incapazes de compreender essas estratégias (Delfanti, 2023, p. 21).

Apesar de todos esses números, a Amazon tem uma política controversa. Se posicionou no centro do comércio eletrônico, gerando lucros optando por precificar abaixo do custo e assim expandir amplamente (Khan, 2017). Com essa política econômica, ela atua com uma infraestrutura que se tornou essencial, fazendo com que inúmeros negócios dependessem dela.

Também chamada de subsídios cruzados, Srnicek (2018) afirmará que esse tipo de subsídio tem como finalidade baixar o preço de um produto e, em outro ramo da mesma empresa, subir o preço de outro produto, com o objetivo de compensar a perda “Isso está muito longe do modelo de negócios austero, que visava reduzir a empresa às suas atividades principais e abandonar as partes menos lucrativas do negócio.” (Srnicek, 2018, p.49, tradução nossa). Assim, a Amazon, ao fazer subsídio cruzado, consegue capturar grupos de usuários e uma infraestrutura que controla toda a interação do modelo de negócios. “A Amazon incorpora o poder disruptivo da tecnologia e o excesso de consumismo moderno, ao mesmo tempo que sinaliza uma degradação nova do trabalho.” (Delfanti, 2023, p.22).

A partir desses dados, é possível analisar que essa dependência e controle é refletida na geopolítica do trabalho por plataformas (Casilli, 2021; Grohmann; Araújo, 2021). A Amazon, por suas estruturas física e tecnológica, pode operar a partir de qualquer lugar, e isso acaba intensificando um efeito de terceirização em escala global (Antunes, 2020), ou no mesmo sentido, utilizando o efeito *crowdsourcing* (ILO, 2018, p.3; Abílio, 2020). Assim, o trabalho mediado por plataformas abre uma geopolítica do trabalho digital a partir da divisão internacional do trabalho. É preciso pensar as determinações dos limites de empresas como Amazon, na exploração do trabalho de forma que, não é aleatório que as grandes empresas de tecnologia em sua grande maioria tenham suas sedes no norte global, e que o sul global seja um celeiro expressivo para trabalhadores de plataformas, seja dentro de um centro de distribuição, seja como trabalhador informal da sua plataforma. “As empresas baseiam essas escolhas estratégicas em fatores econômicos que são inevitavelmente influenciados por dependências globais e desequilíbrios de riqueza e poder entre os países do Norte e do Sul” (Casilli, 2021, p. 128).

Conforme destaca Porto:

A concentração de riqueza, que fez surgir as grandes corporações, permitiu transpor as fronteiras dos estados nacionais, burlando as legislações que implicavam em qualquer diminuição do lucro. Tentaculares e volúveis as corporações “leiloam” a implantação de parques industriais entre os Estados-Nação não desenvolvidos, direcionando sua atenção àqueles que se comprometem em garantir lhes menores custos e maiores benefícios. Dessa forma, concentram cada vez mais a riqueza, deixando os custos sociais e ambientais de suas empresas como um rastro nauseabundo que a população desses países deve à força engolir (Porto, 2006, p.76).

A pesquisa da OIT (ILO, 2021), reforça essa ideia de dependência ao mostrar a distribuição da oferta e demanda global de mão de obra nas principais plataformas on-line baseadas na web revela que os clientes que demandam as tarefas são em grande parte com sede nos países centrais. Em 2020, 40% dos clientes contratantes eram dos EUA.

Já em relação ao fornecimento de mão de obra, acontece o contrário, os países periféricos são os que mais oferecem esse tipo de mão de obra, em particular Bangladesh, Índia, Paquistão, Filipinas e a Ucrânia.

Não é difícil perceber que o imbricamento entre plataformas, gerenciamento algorítmico e exército industrial de reserva disponível para terceirização e informalidade está reestruturando a divisão do trabalho:

Úrsula Huws, acadêmica, socióloga do trabalho, definiu essa divisão global do trabalho como “fraturada”. Ela envolve não apenas, trabalhadores essenciais contratados diretamente por uma empresa – trabalho que a autora identificou como “dentro do nó” -, como também quem chega por meio da terceirização, trabalhando a distância, além de várias pessoas que transitam entre essas duas categorias (Delfanti, 2023, p.34).

Nesse gesto de análise, encontra-se um dos pilares do que está escondido por trás do discurso da Amazon, embora ela se proponha a ser a melhor empregadora e o lugar mais seguro para se trabalhar, ela (e outras plataformas) na verdade, estão reestruturando a divisão internacional do trabalho. Uma nova divisão apoiada numa racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016) que oferece ao trabalhador um trabalho cada vez mais precarizado. A partir dos dados citados, é importante pontuar o poder econômico que essas plataformas conseguem centralizar na mão de poucos, o que lhes permite moldar o futuro do trabalho, priorizando exclusivamente vantagens para seus próprios interesses, ou seja, no interesse do capital.

Dando sequência à análise, retoma-se o recorte do nosso objeto, o microtrabalho, pelos aspectos aqui apresentados, compreendemos que a Amazon utiliza no Brasil, cidades com as

características estratégicas citadas anteriormente como centro de distribuição e entrega<sup>54</sup>, além de experimentar mão de obra informal a partir de sua plataforma de trabalho Amazon Mechanical Turk.

## 5.2. O Discurso da MTurk

A Amazon é uma potência econômica, que investe e se utiliza da tecnologia e se tornou a vanguarda das plataformas no mundo. O que a torna “implacável no aumento da inovação tecnológica” (Delanti, 2023, p.25). Sendo assim, ela é uma das responsáveis pela mudança no modo que trabalhamos e que vamos trabalhar no futuro. Desta forma, criou um segmento para execução de microtarefas – a MTurk.

Num primeiro momento, a partir dos dados coletados na análise documental do site da MTurk, observou-se que a Amazon a partir de sua plataforma de microtarefas vende a ideia de que o microtrabalho é um serviço e por isso não cabe ser regulamentado por leis trabalhistas.

Além disso, também constatamos que ela vende ao trabalhador que “esse serviço” é para ganhar dinheiro no seu tempo livre, ou seja, para ser utilizado como uma renda extra, a partir de tarefas fáceis, transmitindo assim a ideia de flexibilidade.

O Quadro 14 e a Figura 18 ilustra essas observações:

---

<sup>54</sup> A Amazon possui 10 centros de distribuição no Brasil: quatro em Cajamar (SP), um em Betim (MG), um em Santa Maria (DF), um em Nova Santa Rita (RS), um em São João do Meriti (Rio de Janeiro), um em Cabo de Santo Agostinho (Pernambuco) e um em Itaitinga (CE) (Amazon, 2024).

**Quadro 14 - O Discurso da MTurk**

O QUE A MTURK OFERECE AO CLIENTE SOLICITANTE	O QUE A MTURK OFERECE AO TRABALHADOR
Ela se caracteriza como intermediária na relação entre o cliente solicitante e o trabalhador.	Ganhe dinheiro no seu tempo livre.
MTurk oferece acesso a uma comunidade virtual de trabalhadores que estão disponíveis para ajudá-lo a atingir seus objetivos de negócios.	Seja pago por concluir tarefas simples.
MTurk permite que os clientes solicitantes criem e publiquem HITs - um de cada vez ou em lote.	Oferece encontrar trabalho de acordo com o interesse do trabalhador.
Oferece um serviço de gerenciamento e qualificação de trabalhadores.	Oferece ser pago depois que o solicitante aprovar seu trabalho, seus ganhos estarão disponíveis para uso.
Ao aproveitar as habilidades dos trabalhadores sob demanda de todo o mundo, oferece redução de custos ao oferecer um trabalho pagando apenas pelo que usar (serviço por peça).	
O cliente solicitante decide quanto cobrar.	
Tem a obrigação de pagar uma taxa a MTurk.	

Fonte: elaborado pelo autor, com base no site da plataforma Mturk (2023d) e MTurk (2023f).

**Figura 18 - Print da página da MTurk para o trabalhador**

Fonte: captura de tela do site da Amazon Mechanical Turk (2023f)

Diante disso, voltamos o olhar para a teoria que fundamenta essa pesquisa, Marx e Engels (2003) teorizam que as ideias da classe dominante de um determinado período histórico se cristalizam na ideologia. No caso da MTurk o que está por traz do discurso é a ideologia do

capital. Ela não *oferece trabalho ela oferece uma prestação de serviços*, e assim, ela se desvincula completamente de qualquer obrigação trabalhista, e passa a oferecer um trabalho ainda mais precarizado.

Observa-se no Quadro 14, ilustrado anteriormente, que ela oferece ao cliente solicitante um trabalhador sob demanda que será pago por tarefa, avisando que o benefício consiste em não estar submetido a qualquer lei trabalhista de qualquer país em que more o trabalhador. Isso representa dizer que, nem a empresa Amazon dona da plataforma MTurk nem o cliente solicitante são responsáveis pelo direito do trabalhador.

Desta forma, a Amazon transfere ao trabalhador os custos, riscos e parte do gerenciamento do trabalho, a ideia de um *autogerenciamento subordinado*, defendida por Abílio (2019), e vende uma suposta autonomia de desempenho aos trabalhadores quando na verdade ela aumenta o seu controle sobre a força de trabalho.

Na concepção Dardot e Laval (2016) a racionalidade neoliberal se evidencia no discurso da MTurk ao trabalhador, ela vende a ideia de liberdade e flexibilidade. O trabalhador da plataforma é um empreendedor de si mesmo. Ele decide a quantidade de horas que vai trabalhar, se quer trabalhar todos os dias, se quiser ganhar mais basta fazer mais tarefas disponíveis na plataforma.

O discurso da MTurk evidencia a ideologia do capital, na qual a tecnologia se apresenta como algo neutro, onde o meio técnico é quem domina o capital, quando, na verdade, o capital se utiliza da tecnologia para incorporar novas formas de exploração do trabalho. “[...] o capital se esconde atrás dos meios tecnológicos, para atribuir fatores “objetivos”, extrassociais – incorporados nos processos produtivos -, as novas formas de exploração do trabalho” (Antunes, 2023, p.45). Complementa Delfanti, ao se referir ao discurso da Amazon: “A Amazon tem a habilidade para reformular nosso tecido social, redefinir o papel do poder corporativo e moldar o futuro do trabalho para a vantagem do capital” (Delfanti, 2023, p.23).

Desta forma, podemos constatar que a plataforma MTurk ajuda a aumentar o poder centralizador da Amazon no mundo através do uso de tecnologias de gerenciamento da força de trabalho. Além de, apontar como tendencia que apesar da MTurk vender em seu discurso a emancipação do trabalhador, ela, na verdade, se utiliza de sua estrutura tecnológica para exploração do trabalhador.

Pensando no modo como esse processo ocorre, nas seções seguinte será dedicada a análise de conteúdo das mensagens disponíveis no grupo do Telegram, cujo proposito é entender a percepção dos trabalhadores das condições de precarização presentes nas condições de trabalho.

### 5.3. Síntese do grupo de mensagens no Telegram

Em síntese, durante o recorte de seis meses de coleta para a nossa pesquisa, faziam parte do grupo no Telegram 146 usuários. O número de mensagens total era de 6658, após a categorização das mensagens selecionamos um total de 2463 mensagens (texto, áudio e vídeo).

Dentre os 146 usuários 59 interagiam durante a pesquisa.

Conforme descrito no Capítulo 1, intitulado *O protocolo da pesquisa: aproximação sucessiva ao fenômeno do microtrabalho*, na descrição inicial do grupo, a indicação é de que o grupo tem como objetivo tirar dúvidas sobre a plataforma e indicar links de trabalhos para os integrantes do grupo, o que foi comprovado em nossa pesquisa.

Inicialmente, a partir dos dados coletados, procuramos entender que tipo de tarefas eram solicitadas. Utilizamos a categorização a partir da pergunta “O que as tarefas solicitam?” e conseguimos algumas mensagens com descrições das tarefas. Os resultados estão expostos no Quadro 15 e na Figura 19:

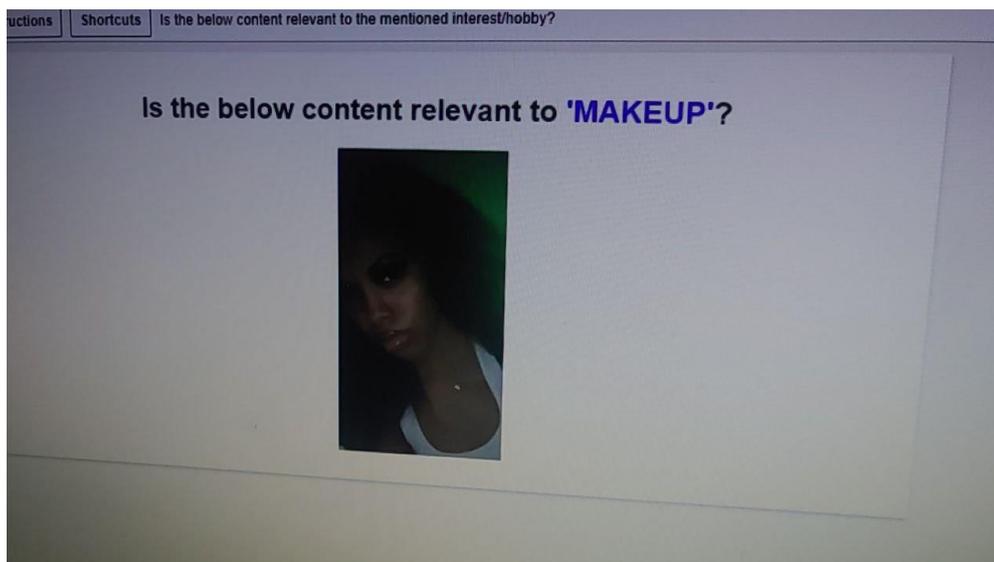
**Quadro 15 - Descrição das tarefas que aparecem nas mensagens**

TAREFA	CATEGORIZAÇÃO <sup>55</sup>
Verificar perfil do Instagram.	Moderação de conteúdos
Responder uma pesquisa.	Inquéritos e experiências
Pegar banner no e-mail.	Recolha de dados:
Descrever as imagens.	Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas
Fazer um vídeo curto de 15 segundos.	Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas
Rotular imagens de pássaros.	Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas
Rotular imagens de rostos (tristes ou com raiva).	Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas
Extrair dados de recibos.	Recolha de dados
Selecionar os peixes na foto.	Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas
Verificar se a imagem é relevante para maquiagem.	Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas
Gravar um vídeo de 1min. de um objeto qualquer.	Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas
Escutar dois áudios e selecionar aquele que o som está mais definido.	Inteligência artificial e aprendizagem de máquinas

Fonte: dados da pesquisa (análise de conteúdo das mensagens).

<sup>55</sup> Categorização com base no relatório da OIT (ILO, 2018, p. 16-21). Em nossa pesquisa é possível verificar essa categorização no Quadro 9 intitulado: *Categorização de tarefas em plataformas de crowdwork*, na página 78.

**Figura 19 - Exemplo de tarefa: Verificar se a imagem é relevante para maquiagem**



Fonte: dados da pesquisa (análise de conteúdo das mensagens).

Podemos verificar que a maioria das tarefas que aparecem nas mensagens são para treinamento da inteligência artificial e treinamento de robôs.

#### **5.4. Em que medida a precarização na plataforma MTurk é percebida pelos trabalhadores**

Conforme se discutiu anteriormente, no Capítulo 3, intitulado *Crowdwork e microtrabalho: particularidades do trabalho na plataforma da Amazon Mechanical Turk*, do ponto de vista objetivo do trabalho, a discussão dos autores sobre precarização, nos permite inferir que o trabalho da plataforma MTurk é um trabalho precarizado. Diversos autores, como Alves (2009) caracteriza o trabalho precarizado como aquele que tem a intensificação da exploração da força de trabalho, pelo desmonte das formas de organização.

Na mesma perspectiva, Antunes (2020) caracteriza a nova morfologia do trabalho resulta da condição gradual pautada pela precarização de um trabalho cada vez mais desprovido de direitos e de regulamentação e desprovido do controle e da gestão do labor.

De outro modo, a OIT, utiliza vários indicadores para indicar um trabalho como decente, entre eles: oportunidades de emprego, rendimentos adequados e trabalho produtivo, jornada de trabalho decente, combinação entre trabalho, vida social e familiar; estabilidade e segurança no trabalho; seguridade social; entre outros.

Do ponto de vista subjetivo, a partir da teoria que fundamenta esta pesquisa, entendemos que a forma como a qual a gente pensa está condicionada a forma como a gente produz e como

vivemos. Assim, tendemos a construir uma narrativa a partir de uma perspectiva histórica e vivenciamos as relações de produção acreditando nela. Nossa pesquisa então se propôs a atentar para o fato que o discurso dos trabalhadores contidos nas mensagens nos oferece dados para mapear quais as práticas se evidenciam. Sem perder o foco da nossa questão norteadora: em que medida a precarização na plataforma MTurk presente na literatura é percebida pelos trabalhadores. A partir do conteúdo das mensagens como eles enxergam a precarização contida nesse tipo de trabalho?

Logo, utilizamos a categoria precarização, ideologia e os indicadores da OIT como chave de leitura para comparar com o conteúdo das mensagens dos trabalhadores para expor nossos resultados.

Inicialmente, para entendermos quais os principais assuntos abordados no grupo e assim compreender a percepção do trabalhador, fizemos uma representação a partir de uma nuvem de palavras, como demonstrada na Figura 20<sup>56</sup>. A nuvem de palavras é um recurso que permite apontar caminhos para os principais assuntos observados em um texto.

Essa representação foi definida a partir das mensagens, utilizando um software disponível na internet que faz um ranking das palavras a partir da quantidade de vezes em que elas aparecem.

---

<sup>56</sup> Cf.: WORDCLOUDS. Wordclouds., 2024. Disponível em: <https://www.wordclouds.com/>. Acesso em: 15 jan. 2024.



Apresentamos a síntese das mensagens que demonstram satisfação e insatisfação com o trabalho realizado no Quadro 16 abaixo:

**Quadro 16 - Comparativo de mensagens que demonstram satisfação e insatisfação com o trabalho realizado**

Mensagens de satisfação	Mensagens de insatisfação
Quando tarefas são aprovadas por um cliente solicitante.	Quando esperam e não aparece tarefas.
Quando um cliente solta um lote com muitas tarefas.	Quando o cliente solicitante demora para aprovar.
Quando a tarefa é fácil.	Quando o cliente solicitante rejeita sem explicação.
Quando a tarefa paga mais que 1 dólar.	Quando tem dúvida se um cliente aprovará ou não a tarefa.
Quando conseguem reverter alguma rejeição.	Quando o cliente solicitante não responde.
Quando um cliente solicitante rejeita poucas tarefas do lote.	Reclamam da falta de suporte da plataforma.
Quando recebem bônus do cliente solicitante	Quando o cliente solicitante paga pouco por tarefas que demoram para executar.
Quando o pagamento cai na conta.	Quando são cancelados da plataforma sem motivo.
	Com a lentidão da plataforma.
	Com a queda da plataforma.
	Quando não conseguem fazer uma nova conta na plataforma.
	Reclamam da queda de rendimento da plataforma.

Fonte: dados da pesquisa (análise de conteúdo das mensagens).

Podemos inferir que as mensagens demonstram que tanto satisfação quanto a insatisfação decorrem de mecanismos internos próprio processo de precarização, como a falta de pagamento, o descaso com a comunicação, as penalizações. Cabe destacar que em nenhuma mensagem eles questionam a lógica do trabalho, mas somente questionamentos sobre os arranjos técnicos e processuais desse modo de trabalho.

Nas seções a seguir apresentaremos alguns indicadores da OIT que apareceram de forma destacada na nuvem de palavras que realizamos.

Para aprofundar essa discussão, segundo a OIT, um dos parâmetros para um trabalho decente são o acesso a rendimentos adequados, assim, qual a percepção que os trabalhadores têm sobre esse tema? Para responder a essa questão utilizamos a categorização elaborada a partir do Quadro 23 - Quadro matricial “Rendimentos adequados (salário)”, disponível no apêndice.

#### 5.4.1. Hit, hits, lote e dólar! A percepção do trabalhador sobre a remuneração

Em nossa nuvem de palavras, exposta na Figura 20, é possível verificar as palavras **hit**, **hits** e **lote** em destaque, elas representam tarefas disponíveis para executar, ou seja, significa trabalho, que significa melhor rendimento.

Conforme descrito anteriormente, o pagamento ao trabalhador é feito por Hits (tarefa) executada. O cliente contratante geralmente coloca um lote com uma quantidade X da mesma tarefa para que o trabalhador a execute. Para receber um rendimento maior, é preciso fazer muitas tarefas e geralmente eles fazem muitas do mesmo lote. Por isso, quando aparece um lote com muitas tarefas, as mensagens demonstram muita satisfação<sup>57</sup>.

Com base na teoria que sustenta essa pesquisa, isso significa (dizer) que o trabalhador da MTurk é o que Marx chamou de um *assalariado por peça*, por produção (Gontijo, 2023). Essa é uma alternativa que o capital encontrou para dizer que esse é um trabalhador autônomo, por conta própria. Segundo Marx:

A qualidade do trabalho é controlada, aqui, pelo próprio produto, que tem de possuir uma qualidade média para que se pague integralmente o preço de cada peça. Sob esse aspecto, o salário por peça se torna a fonte mais fértil de descontos salariais e de fraudes capitalistas (Marx, 2013, p.623).

As fraudes capitalistas citadas por Marx são encontradas na MTurk, já que o cliente solicitante decide unilateralmente se vai pagar ou não pela tarefa depois que ela foi executada.

Como parte do mesmo fenômeno do salário por hora, ou seja, da tentativa de remunerar o trabalhador apenas nas horas em foi conveniente ao capitalista emprega-lo, há o salário por peça, no qual só é pago trabalho efetivamente materializado em determinada mercadoria. Esse tipo de remuneração dá ao trabalhador a impressão de que o valor de uso vendido por este não é em função da sua força de trabalho, mas do trabalho já materializado na mercadoria, ou seja, em função da capacidade de produção do trabalhador, incidindo de forma perversa na sua subjetividade (Gontijo, 2023, p.130).

Do total de 2463 mensagens selecionadas para a pesquisa, o Quadro 23 - Quadro matricial “Rendimentos adequados (salário)”<sup>58</sup>, filtrou 209 mensagens. Para facilitar a análise de dados optamos por fazer um recorte a partir da síntese das 209 mensagens, e destacando

---

<sup>57</sup> De acordo com as mensagens no grupo, o valor das tarefas mais executadas variam entre 0,01 centavos à 2 dólares, as tarefas que pagam melhor são as pesquisas, porque demandam mais tempo para executar, e a valor pago mais alto citado no grupo foi no valor de 7,5 dólares por uma tarefa de pesquisa. De acordo com suas qualificações ou o seu rendimento no trabalho, ainda, podem receber um bônus.

<sup>58</sup> Disponível no apêndice.

exemplos demonstrativos sobre a percepção do trabalhador sobre o item rendimento. O resultado está ilustrado no Quadro 17 abaixo:

**Quadro 17 - Percepção do trabalhador sobre o rendimento (salário)**

Mensagens destacada	Síntese dos dados
T8 Não tem meta, vai depender da sua vontade	<p>Os dados coletados indicam que ao longo dos 6 meses da pesquisa as mensagens em relação ao rendimento foram ficando mais negativas, elas demonstram que o mês de janeiro foi um mês considerado de excelente rendimento, mas a satisfação com a plataforma foi diminuindo, entende-se assim que os rendimentos são instáveis.</p> <p>O trabalhador demonstra essa percepção no seu discurso, embora ele compreenda o trabalho na plataforma como um complemento de renda, existe uma tendência no conteúdo das mensagens de que eles trabalham de forma remota em várias plataformas e mesmo com a insatisfação em relação a pouca quantidade de tarefas muitos demonstram não querer voltar para a CLT.</p> <p>Observou-se ainda que os trabalhadores constantemente utilizam frases que demonstram a expectativa em aparecer na plataforma lotes com muitas tarefas.</p>
T7 Dando pra tirar pelo menos um salário por mês já fico feliz	
T29 Se eu fosse viver de mturk tava passando fome kkk	
T9 Eu arrisco cara, não fico aguardando as mesmisses...Se quer diferencial e uma renda boa te. Que arriscar	
deu pra fazer 2 dolzinho melhor que nada	
Só que é foda é que é muito instável Tem dia que não faço nem 0.50 cents	
T19 mturk era complemento de renda já, hoje em dia é quase caridade digital kkkkkkk contando os centavos	
T7 Medo de perder a minha [conta] e ter que voltar pra CLT kkkkkk	
T3 Ainda bem que tem outras plataformas, porque se não, mturk tá bem ruim, tomara que volte ao normal que aparece mais solicitantes com bons hits	
T3 MTurk tá difícil, se não for para outras plataformas não tem como	
T8 é pedir demais um lotezinho hoje? T7 Torcendo pra cair algum lote bom agora a noite pra salvar a semana viu	

Fonte: dados da pesquisa (análise de conteúdo das mensagens)

O Quadro 17, fornece uma visão geral dos dados coletados no grupo do Telegram, mostrando que a plataforma da Amazon vende uma ilusão de liberdade, o trabalhador inicialmente se sente como dono do seu próprio trabalho, conforme demonstra as mensagens: “Não tem meta, vai depender da sua vontade” (trabalhador identificado como T8, janeiro de 2023); “Eu arrisco cara, não fico aguardando as mesmisses...Se quer diferencial e uma renda boa te que arriscar”. (trabalhador identificado como T9, janeiro de 2023).

O trabalhador se apropria do discurso (ele desenvolve essa leitura porque faz parte da racionalidade neoliberal em que está inserido) que responsabiliza somente o trabalhador pela administração e o gerenciamento da sua própria produtividade. Não é difícil perceber que por

isso, os dados revelaram ainda que os trabalhadores ficam constantemente na expectativa de aparecer um lote com tarefas, especialmente de clientes solicitantes que eles considerem que pagam melhor, como exemplifica a mensagem: “Torcendo pra cair algum lote bom agora a noite pra salvar a semana viu”. (trabalhador identificado como T7, fevereiro de 2023).

A análise dos dados permite identificar que o discurso neoliberal está impregnado no conteúdo das mensagens e podemos problematizar se o trabalhador é forjado na subjetividade neoliberal, já que, a racionalidade neoliberal espalha na sociedade uma subjetividade neoliberal, “O neoliberalismo emprega técnicas de poder inéditas sobre as condutas e as subjetividades” (Dardot; Laval, 2016, p.21). Desta forma, a racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016) que envolve eficácia e gestão de desempenho (Grohmann, 2020) utiliza técnicas como incentivo o estímulo ao individualismo para alcançar o sucesso e assim dissimular a precarização e a flexibilização do trabalho.

Com o tempo, devido ao baixo rendimento, da falta de disponibilidade das tarefas, essa ideia de liberdade vai “caindo por terra”, ainda assim, contraditoriamente, o trabalhador se resigna à precarização por conta da flexibilidade. A título de exemplo, destacamos o seguinte trecho: “Dando pra tirar pelo menos um salário por mês já fico feliz” (trabalhador identificado como T7, fevereiro de 2023).

Assim, absorve o discurso ideológico das grandes plataformas de que é preciso se desfazer das amarras da CLT, conforme mensagem “Medo de perder a minha [conta] e ter que voltar pra CLT kkkkkk” (trabalhador identificado como T7, fevereiro de 2023). Os resultados deste recorte vão ao encontro do que observou Moreschi, Pereira e Cozman (2020), onde 54,4% dos turkers brasileiros responderam “sim” quando perguntados se a ausência de leis regulatórias na MTurk (além dos Termos de Serviço da Amazon) é justa.

Evidencia-se, nesse recorte, onde analisamos a percepção do trabalhador sobre o rendimento, que no conteúdo das mensagens o ponto em comum é um declínio na esperança de que os rendimentos na plataforma vão melhorar, ainda assim o discurso ideológico permanece na concepção dos trabalhadores, por verem o rendimento como um complemento de renda. O que vai ao encontro do que observou Santos (2021) e Kalil (2019) e ILO (2018) onde os trabalhadores alegavam que o principal motivo para o uso da plataforma era a complementação de renda.

Diante disso, durante a pesquisa, identificamos, ainda que os trabalhadores exercem trabalhos em outras plataformas de microtarefas, representada pela mensagem: Se eu fosse viver de mturk tava passando fome kkk”. (trabalhador identificado como T3, março de 2023);

“Mturk tá difícil, se não for para outras plataformas não tem como” (trabalhador identificado como T3, junho de 2023) .

Os resultados fortalecem a hipótese de que o neoliberalismo além de implementar reformas jurídicas, através do Estado, que flexibilizam as relações de trabalho, agora, no capitalismo de plataforma conseguiu constituir uma imagem de que os direitos trabalhistas são lesivos aos trabalhadores porque ferem sua liberdade de escolher como e quando trabalhar. A CLT seria parte de algo que ficou no passado, o empreendedorismo, a autonomia seria a modernidade.

Tendo em vista o exposto, no próximo tópico será mobilizado outro indicador da OIT: jornada de trabalho decente.

#### **5.4.2. Dia, hoje! Sobre a jornada de trabalho**

Em nossa nuvem de palavras, exposta na Figura 20, é possível verificar as palavras **dia** e **hoje** em destaque, elas representam mensagens onde os trabalhadores relatam ocorridos em relação a jornada de trabalho.

Conforme já indicado anteriormente, o microtrabalho se manifesta pela falta de regulação. A partir da literatura, compreendemos que o microtrabalho é um modelo de trabalho que se expande sem legislação protetora. Nessa linha de pensamento, Antunes entende: “configurando uma modalidade de trabalho que mascaram o trabalho assalariado, individualizando-o, inviabilizando-o e, assim, escapando da legislação do trabalho existente nos países onde essas plataformas atuam” (Antunes, 2023, p.21-22).

Do total de 2463 mensagens que selecionamos para nossa pesquisa, o Quadro matricial 22 - “Percepção da jornada de trabalho”<sup>59</sup> filtrou 58 mensagens dos trabalhadores. Para facilitar a análise de dados optamos por fazer um recorte a partir da síntese das 58 mensagens, e destacamos exemplos demonstrativos sobre a percepção do trabalhador sobre o item jornada de trabalho. O resultado está ilustrado no Quadro 18:

---

<sup>59</sup> Ver Quadro 22: Quadro matricial “Percepção da jornada de trabalho” no apêndice

**Quadro 18 - Percepção do trabalhador sobre a jornada de trabalho**

Mensagens destacadas	Síntese dos dados
T27 Olha, se deixar não durmo	<p>Para poder receber um rendimento melhor o trabalhador precisa fazer muitas tarefas, percebemos então que o horário de trabalho é ditado pelo algoritmo, como a maioria das tarefas é de clientes dos EUA, eles tendem a trabalhar de acordo com o fuso horário americano.</p> <p>Alguns trabalhadores estão dispostos a ficar acordado de madrugada fazendo tarefas, e sair o mínimo possível do computador pois acreditam ter que ficar de olho o tempo todo para não perder boas tarefas. Como a plataforma funciona 7 dias por semana, se necessário eles trabalham aos domingos e feriados também.</p> <p>Outro dado importante é que como algumas tarefas são repetitivas e cansativas, ao mesmo tempo em que desejam fazer o máximo de tarefas possíveis eles se mostram cansados quando fazem muitas tarefas iguais e seguidas.</p> <p>As mensagens indicam que os trabalhadores reclamam por ficar o dia todo esperando tarefas que muitas vezes não aparecem.</p>
T7 Pô nem fala, não levando da cadeira nem pra beber água kkkkkkkk T2 já deixo a garrafa aqui do lado kkkkkk pra não ter que levantar	
T23 por isso que tem que ficar ativo, uma hora vem alguma coisa boa pra fazer o cara não pode perder nenhuma oportunidade já que estão bem escassas	
T7 O foda é se precisar fazer alguma coisa fora de casa e cair lote bom kkkkkk É muito azar pqp pior que deixo o hit finder no segundo monitor, fico praticamente das 10 até as 1, 2 da manha kk	
T23 já tou com dor de cabeça kkk T4 no domingo ainda	
T20 Mano tem muitos pra fazer Kkk Já fiz 30 hoje E parei T23 é muito cansativo T4 cansa demais	
T3 A Amazon devia dá uma atenção para a mturk desse jeito não vai compensar muito ficar o dia todo e não fazer nada	

Fonte: dados da pesquisa (análise de conteúdo das mensagens)

Sobre a jornada de trabalho, considerando o exposto no Quadro 18, o conteúdo das mensagens demonstra que para o trabalhador a jornada de trabalho fica a cargo do trabalhador. Em sua pesquisa, Kalil (2019) identificou uma certa autonomia dos trabalhadores em relação à jornada de trabalho.

Quando investigamos mais profundamente e vamos além das aparências, percebemos que essa autonomia não é real. Os resultados sugerem que a plataforma vende uma falsa ideia de liberdade.

A partir das mensagens coletadas em nossa investigação, compreendemos que um dos aspectos do microtrabalho é que ele é ditado pelos ritmos e pelo tempo do capital. As mensagens demonstram que a divisão internacional do trabalho dita o horário de trabalho na plataforma MTurk, ao conectar trabalhadores do sul global com clientes solicitantes do norte global.

Os dados coletados indicam que na MTurk considerando o que apresenta Antunes, leva “[...]ao fim da separação entre o tempo de vida no trabalho e fora do trabalho” (Antunes, 2023, p.23), notamos, a partir da pesquisa, que os trabalhadores acabam ficando em disponibilidade

integral para o trabalho e a jornada pode invadir dia e noite, feriado e final de semana. Como exemplifica as mensagens: “Olha, se deixar não durmo” (trabalhador identificado como T27, janeiro de 2023), “por isso que tem que ficar ativo, uma hora vem alguma coisa boa pra fazer o cara não pode perder nenhuma oportunidade já que estão bem escassas” (trabalhador identificado como T23, março de 2023).

Marx já identificava essa tendência “Dado o salário por peça, é natural que o interesse pessoal do trabalhador seja o de empregar sua força de trabalho o mais intensamente possível, o que facilita ao capitalista a elevação do grau normal de intensidade” (Marx, 2013, p. 624).

Gontijo destaca em seu estudo<sup>60</sup>, que o trabalho em plataformas digitais promove a um retorno ao salário por peça:

Os resultados da aplicação do questionário confirmaram a hipótese e colocaram em destaque a importância que possui a forma de remuneração para compreender a disposição desses trabalhadores em perfazer longas jornadas e suportar péssimas condições de trabalho (Gontijo, 2023, p.128).

Os resultados da nossa pesquisa sinalizam que, apesar da disposição dos trabalhadores em terem acesso a mais tarefas, a plataforma não disponibiliza. Assim, os trabalhadores ficam disponíveis esperando por tarefas que podem não vir.

Portanto, em nossa avaliação e utilizando como chave de leitura a categoria ideologia, os resultados a que chegamos, indicam, de maneira contundente, que a Amazon vende uma ilusão de flexibilidade, discurso esse absorvido pelo trabalhador num primeiro momento, contudo, após começarem a trabalhar as promessas vão se esvaziando. Com o tempo o trabalhador passa a compreender que precisa ficar disponível para a plataforma o tempo todo para poder acessar as tarefas que tenham uma remuneração maior, como se nota nas mensagens: “A Amazon devia dá uma atenção para a mturk desse jeito não vai compensar muito ficar o dia todo e não fazer nada”. (trabalhador identificado como T3, maio de 2023)

Desse modo, as mensagens nos permite inferir que a MTurk aumenta a intensidade da precarização ao submeter o trabalhador a jornadas de trabalho indefinidas, não respeitar um horário de descanso, e a insegurança do trabalhador em não saber se vai ter tarefas disponível para sua renda, o que vai contra os parâmetros da OIT.

---

<sup>60</sup> Cf. O estudo foi realizado entre maio e julho de 2021 com 87 entregadores em plataformas digitais, em 19 estados do país, intitulado “O trabalho em plataformas digitais e o salário por peça”, publicada no site da revista Labore em 2023: : <https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/1651>, Gontijo (2023).

Além do mais, é preciso destacar que a intensificação da precarização como um tensionamento desse trabalhador: pressionado pelas condições objetivas como sobrevivência, manter um certo padrão de consumo dentro da lógica capitalista (subjéctiva) e ao mesmo tempo equilibrar a autorrepresentação de empreendedor e da “tal” liberdade de trabalho.

Assim sendo, na sequência, serão mobilizadas algumas noções referentes a percepção dos trabalhadores em relação à gestão algorítmica do trabalho.

### 5.4.3. Block, rejeitou! Características da gestão algorítmica

Em nossa nuvem de palavras, exposta na Figura 20, é possível verificar as palavras **block** e **rejeitou** em destaque, elas representam mensagens que fazem referências as punições que os trabalhadores recebem a partir da gestão do trabalho.

Como sinalizado anteriormente, o microtrabalho tem a gestão algorítmica para ditar a organização e o ritmo de trabalho, um processo que envolve “[...]tentativas de supervisionar, controlar, motivar e disciplinar os trabalhadores” (Woodcock, 2020, p.31). O objetivo dessa seção é verificar a partir do grupo se o trabalhador compreende as regras dessa gestão e como o trabalhador percebe a gestão do trabalho.

Observamos que uma das formas de gestão algorítmica, mais destacadas nas mensagens, são as punições Os bloqueios funcionam da seguinte maneira: primeiro eles chamam de “block por lote” o trabalhador está fazendo um lote e percebe que está bloqueado e fica impossibilitado de continuar a fazer as tarefas do lote, ou eles chamam de “block total” quando está bloqueado pelo cliente solicitante porque não recebe acesso a nenhum lote do cliente.

Os bloqueios interferem drasticamente no valor do pagamento que o trabalhador espera receber durante um mês, pois, quando ele é bloqueado, ele perde a oportunidade de executar mais tarefas naquele lote, ou o bloqueio o impede de fazer tarefas de um determinado cliente. Quando o trabalhador percebe o bloqueio, observamos nas mensagens que os trabalhadores ficam extremamente insatisfeitos.

Do total de 2463 mensagens selecionados para a pesquisa, o Quadro 26 – Quadro matricial “Percepção da gestão algorítmica”<sup>61</sup> filtrou 340 mensagens. Para facilitar a análise de dados optamos por fazer um recorte a partir da síntese das 340 mensagens, e destacando exemplos demonstrativos sobre a percepção do trabalhador sobre o item gestão algorítmica. O resultado está ilustrado no Quadro 19:

---

<sup>61</sup> Quadro disponível no apêndice

**Quadro 19 - Percepção da gestão algorítmica**

Mensagens	Síntese
<p>T23 [foto mostrando a quantidade de hits feito no lote] T23 fiz 307 hits do <i>Shop By Interest</i><sup>62</sup> você fizeram quantos?</p>	<p>As mensagens falam sobre punições, tipos de qualificações e cancelamento de conta.</p>
<p>T13 Gente mas qual a lógica desse block? É pq fizemos errado? T2 parece que é aleatório da última vez tenho certeza que não erreí nenhum dos 5 mais fui bloqueada T16 Parece que vai no aleatório quem eles bloqueiam e quem deixam fazer.</p>	<p>Os trabalhadores ficam querendo saber quantas tarefas os colegas fazem.</p>
<p>T9 Quería entender os critérios para bloqueio</p>	
<p>T20 aparentemente é uma IA que aceita ou rejeita</p>	
<p>T7 Agora qual o motivo. Quando entra em contato com o solicitante eles respondem será? Quero saber pelo menos o motivo dessa papagaiada T16 O cara diminui o valor do hit e ainda sai largando rejeição em massa T7 Foda pagar pouco e ainda tomar rejeição por algo que tá certo</p>	<p>As mensagens demonstram o descaso da plataforma com o trabalhador. Ela não interfere quando o trabalhador acha que uma punição que causa o não pagamento da tarefa é executada pelo cliente solicitante.</p> <p>O trabalhador não compreende os motivos do bloqueio.</p>
<p>T4 a Amazon não intervém entre requester e trabalhador! não é um “dever”, ele faz se ele quiser, pq consequência pra ele não tem T16 Vacilo demais desses solicitantes e não recebem nenhuma punição</p>	
<p>T6 Mas tô com um puta medo do cara rejeitar Antes ele rejeitava mas começou a aceitar tudo, mas o medo dele rejeitar dnv.kkkk T1 Medo de chegar dia 28 de fevereiro e eles me baniram falarem que não preenchi</p>	
<p>T4 mandei e-mail ontem não respondeu T26 Sim, eles nem respondem os emails T13 Ele nem responde ninguém T8 O pior que não tem suporte PT/BR T10 É foda, eu ja mandei 1 vez e ele respondeu nada com nada, deve ser msg automática T6 constantemente fico mandando emails, e nunca respondem</p>	
<p>T16 Esse da até medo de fazer T12 9k de hit disponível mas da medo kkk T16 Eu não tô fazendo kkkk</p>	

Fonte: dados da pesquisa (análise de conteúdo das mensagens)

<sup>62</sup> Nome de um cliente solicitante disponível na plataforma MTurk, que segundo a nossa pesquisa, disponibiliza muitas tarefas.

Sobre os bloqueios, percebe-se que os trabalhadores não entendem as regras que os clientes solicitantes utilizam para fazer os bloqueios e muitos não sabem nem como identificar que estão bloqueados na própria plataforma, conforme exemplifica a mensagem: “Gente, mas qual a lógica desse block? É pq fizemos errado?” (trabalhador identificado como T13, janeiro de 2023). Algumas mensagens demonstram que eles acham que os bloqueios são aleatórios, outras acham que o bloqueio é uma punição para quem utiliza duas contas para fazer um lote de tarefas (essa é uma forma do trabalhador ganhar mais), outros justificam dizendo que o cliente bloqueia para “manter a diversidade” e assim permitir que mais pessoas tenham acesso a um lote.

As mensagens revelam o descaso da plataforma com o trabalhador. Na mensagem “a Amazon não intervém entre requester e trabalhador! não é um “dever”, ele faz se ele quiser, pq consequência pra ele não tem”. (trabalhador identificado como T4, março de 2023). Identificamos que o trabalhador se sente desamparado pela plataforma, já que o cliente solicitante (requester) não pode ser impedido pela MTurk de bloquear uma tarefa ou lote e muito menos obrigado a reverter o bloqueio quando o trabalhador não achar justo.

Os achados de nossa pesquisa, fortalecem a hipótese de que o microtrabalho reforça a precarização do trabalhador ao submeter os trabalhadores a competição, diversas mensagens tem como foco perguntas como: “Quantos cês fizeram?, vocês fizeram quantos?” (trabalhador identificado como T19, janeiro de 2023), “comecei a fazer de 8:09h, você começou de horas?” (trabalhador identificado como T23, março de 2023), isso evidencia uma relação com a racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016) onde cada sujeito se transforma em empreendedor de si mesmo e precisa estar em constante concorrência com os demais sujeitos empreendedores.

Uma das características da gestão algorítmica destacadas por Möhlmann e Zalmanson (2017) é o baixo grau de transparência, assim, é possível estabelecer uma associação significativa entre baixo grau de transparência e comunicação disponível na plataforma.

Os resultados revelam que uma característica da gestão algorítmica da plataforma é o total descomprometimento com as ferramentas de comunicação. A plataforma disponibiliza uma forma de contato entre trabalhador e cliente solicitante direto na própria plataforma, e alguns clientes solicitantes disponibilizam e-mail, entretanto a partir das mensagens identificamos que a comunicação é precária. Primeiro porque a plataforma MTurk não tem suporte no Brasil, e a comunicação se limita a um e-mail que muitas vezes não são respondidos “constantemente fico mandando e-mails, e nunca respondem”. (trabalhador identificado como T6, maio de 2023).

Além disso, a comunicação com o cliente solicitante é uma constante insatisfação, conforme demonstram as mensagens “Sim, eles nem respondem os e-mails” (trabalhador identificado como T26, fevereiro de 2023), “Ele nem responde ninguém” (trabalhador identificado como T13, fevereiro de 2023). Ou seja, a gestão algorítmica cria uma assimetria entre trabalhadores e clientes solicitantes, que não conseguem uma comunicação eficiente quando querem reclamar de uma punição que consideram injusta e não permitindo inclusive nenhuma forma de comunicação para negociar o valor das tarefas. Ou seja, os resultados indicam que a comunicação é determinada pelo algoritmo. Pelo grau de insatisfação, os trabalhadores percebem isso, eles percebem que o controle não é deles, e assim, procuram formas de driblar a gestão.

É possível, assim, sugerir que a comunicação mais eficiente, é aquela feita entre trabalhadores em grupos (como o do Telegram) e os fóruns disponíveis na internet. Kalil (2019) aponta em sua pesquisa que os fóruns online são o principal mecanismo de comunicação e mobilização entre os trabalhadores.

Os dados coletados indicam, ainda, que os trabalhadores vivem em constante apreensão por medo das punições de controle (seja rejeição das tarefas ou bloqueios), conforme mensagem: “Mas tô com um puta medo do cara rejeitar. Antes ele rejeitava mas começou a aceitar tudo, mas o medo dele rejeitar dnv.kkkk” (trabalhador identificado como T6, janeiro de 2023). Sendo assim, a análise das mensagens revela que a Amazon força os trabalhadores à precariedade, no controle da plataforma a partir do pagamento por tarefas e da gestão algorítmica por métricas de performance.

Os resultados dessa seção vão ao encontro ao que observou ILO (2018)<sup>63</sup>, que a gestão algorítmica se pauta em uma avaliação constante da performance dos trabalhadores com base em avaliações dos clientes, da aceitação ou rejeição do seu trabalho pelo cliente. Além disso os trabalhadores demonstram não entender como a plataforma faz o gerenciamento algorítmico.

Contudo, apesar da assimetria no controle da gestão algorítmica, a aparência de controle da gerência de trabalho realizada pela plataforma não é absoluta, o trabalhador busca maneiras de resistir a esse controle, como veremos no próximo item.

---

<sup>63</sup> Ver Figura 9: Características da gestão algorítmica, página 72.

#### **5.4.4. Scripts, Guru<sup>64</sup>, lote, resquester<sup>65</sup>! Como o grupo é utilizado pelos participantes como forma de resistência**

Na MTurk a forma de gestão do trabalho é feita por algorítmicos. Como não existe uma supervisão ou gestão humana, os trabalhadores têm muita dificuldade em conseguir uma comunicação com a plataforma, ou mesmo com os clientes solicitantes. Sendo assim, esses grupos de aplicativos acabam se tornando um espaço de oportunidade para os trabalhadores fazerem reclamações e buscar conselhos sobre os processos de trabalho. Vale destacar, segundo os estudos de Delfanti (2023) que a Amazon tem um histórico de impedir maneiras de organização dos trabalhadores, como sindicatos.

Se observarmos, inicialmente, o grupo do Telegram em que foi feita esta pesquisa, temos a percepção que ele é utilizado como uma forma de apoio, onde os trabalhadores da plataforma procuram entender melhor o funcionamento da plataforma, dando dicas de tarefas disponíveis, tentam se tranquilizar e se ajudar quando recebem muitas punições, além de dicas de como burlar o gerenciamento algoritmo da plataforma.

Mas podemos afirmar que o grupo é uma forma de resistência? No entendimento de Woodcock, o conceito de resistência é visto em termos mais amplos, resistência pode se referir: “[...] a pessoas que se opõem a mudança, à recusa em aceitar ou cumprir, uma revolta contra uma força opressiva, proteção contra algo ou mesmo relações entre coisas materiais envolvem atrito” (Woodcock, 2023, p.427). Desta forma, nos permite compreender que o grupo no Telegram é sim uma forma de resistência, embora uma forma ainda amorfa e difusa.

Se no capitalismo, como afirma Marx (2013), não há como resolver a contradição entre capital e trabalho, então surgirão sempre formas de conflito e resistência. A partir do que dispõe Woodcock, é possível afirmar que a resistência sempre está presente, mesmo que de forma reduzida. “A questão não é se ela existe, mas o quão forte ela é e o que pode amplificá-la” (Woodcock, 2023, p.427).

Por conta disso, é importante destacar a importância desses grupos como forma de resistir ao controle do capital:

---

<sup>64</sup> É uma extensão que ajuda os trabalhadores a aumentar seus ganhos, aceitando automaticamente novas tarefas com base em suas preferências predefinidas assim que são publicadas e fornece recursos para aumentar a eficiência. Cf: Turk Guru.Turk Guru For MTurk, 2024. Disponível em: <https://chromewebstore.google.com/detail/turk-guru-for-mturk/kgejhghjgpnndnehjldgaknbiadbjoom>. Acesso em: 15 jan. 2024.

<sup>65</sup> Nome em inglês para cliente solicitante

Muitas vezes, a organização da classe trabalhadora é vista como algo que pode ser inferido apenas a partir de marcadores institucionais, por exemplo, perguntando se há um sindicato reconhecido, um acordo coletivo, quantos membros existem, e assim por diante. No entanto, isso fornece apenas uma leitura superficial, que pode perder de vista a realidade do que está acontecendo no trabalho – algumas vezes refletindo resultados de ondas anteriores de luta a até mesmo escamoteando a atual capacidade de organização (Woodcock, 2023, p.433-434).

No caso do grupo do Telegram, identificamos que o trabalhador e os algoritmos que gerenciam o trabalho têm interesses divergentes. A plataforma só quer pagar pelo tempo de trabalho rentável e o trabalhador tem que arcar com os custos da execução da tarefa e do tempo de espera. Sob essa ótica, o trabalhador necessita de mais trabalho para poder receber um rendimento maior, ou seja, mais tarefas disponíveis em contrapartida o algoritmo tende a ditar um ritmo de trabalho mais lento do que o trabalhador gostaria, disponibilizando lotes de tarefas mais fragmentados a partir de índices de performance com taxas de aprovação e rejeições de tarefas.

Isso significa que o baixo preço das tarefas e as métricas de performance (Gomes, Vítor, 2020) fazem com que o trabalhador procure forma de resistir ao controle do algoritmo no intuito de conseguir efetuar mais tarefas, ou seja, formas de melhorar o seu rendimento no trabalho.

Nesse sentido, do total de 2463 mensagens selecionados para a nossa pesquisa, a partir do Quadro 27- Quadro matricial “Percepção de formas de resistências”<sup>66</sup> filtramos 558 mensagens. Para facilitar a análise de dados optamos por fazer um recorte a partir da síntese das 558 mensagens, e destacando exemplos demonstrativos sobre a percepção do trabalhador sobre o item resistência. O resultado está ilustrado no Quadro 20:

---

<sup>66</sup> Disponível no apêndice.

**Quadro 20 - Percepção de formas de resistências**

Mensagens	Síntese
T6 Acabou de aprovar aqui. Confere aí T5 Se aprovar o de vcs avisem a gente T4 acabou de aprovar um T13 Começou a aprovar aqui tb	Uma das principais necessidades demonstradas pelas mensagens é que os clientes solicitantes (requester) disponibilizarem lotes de tarefas. Assim a principal função do grupo é indicar quando esses lotes ficam disponíveis na plataforma.
T9 Boa tarde Pessoal. E esse Guru? Como funciona? Consigo adquirir? T13 Guru é muito bom pra vc pegar pesquisa. Vc pode testar por 7 dias grátis	Além disso, eles usam o grupo para avisar quando um lote de tarefas começou ser aprovado, isso passa segurança para os demais trabalhadores fazerem tarefas desse lote.
T6 Bom dia. Alguém fez o SFR? Paga certinho? T16 Se fizer certinho ele aceita tudo T16 Ele aprova se fizer certinho T8 sim, aprova de boa	Dão dicas de scripts para utilizar com a plataforma para terem acesso a mais tarefas de forma mais rápida. Esses scripts podem ser pagos, algumas mensagens eles reclamam que estão trabalhando só para pagar os scripts.
T4 mas mandem aí, talvez ele visualize se lotarem o email dele T9 Vamos fazer um texto padrão e mandar todos os dias o e-mail.	Tiram dúvidas sobre as formas de receber o pagamento, qual banco cobra taxas mais barata.
T20 gente da para receber do mturk para o banco inter diretamente?	O grupo serve como apoio para entender melhor o comportamento dos clientes solicitantes, se eles dão reject com frequência, se pagam rápido, se a tarefa é fácil.
T17 Alguem sabe alguma maneira de burlar esse bloqueio por IP pra fazer a mesma tarefas em contas diferentes?	Eles procuram maneiras de fazer mais tarefas, burlando as limitações da plataforma: por exemplo, a MTurk não permite que duas contas diferentes façam as mesmas tarefas no mesmo computador, eles tentam utilizar maneiras de simular que uma das contas não é no Brasil.
T3 Sim eu mandei mensagem, a primeira conta ele nem respondeu, o pessoal do torkoptions está me ajudando falando com eles lá	Os trabalhadores criam script para tentar pegar mais tarefas e repassam no grupo.
T4 façam review das rejeições para mais pessoas ficarem cientes T4 GENTE façam review das rejeições deixem claro que foi injusto	Se organizam para enviar e-mail ao mesmo cliente para fazer pressão no cliente, para reverter rejeições.
T38 Alguém vende conta? T8 tinha um cara vendendo, esqueci o nome dele mas tava caro demais mano que isso kkk tenho 1 conta aqui que não uso mas já tá sem o MLD e só tem 2k de hit aprovado ou menos nem vale a pena comprar ela	Eles pedem ajuda a outros fóruns de discussões como o Torkoptions.  Fazem tarefas que pagam melhor mesmo que o cliente coloque limitações para brasileiros.  Venda e compra de contas.

Fonte: dados da pesquisa (análise de conteúdo das mensagens)

Ao realizarmos a análise dos resultados, pode-se inferir que o trabalhador não compreende como é feito o gerenciamento algoritmo, e por isso, utiliza o grupo como uma forma de manifestar suas dúvidas e compartilhar conhecimento.

Este estudo se alinha com a literatura existente, que indica que os trabalhadores procuram formas de resistir ao controle algorítmico, quando, por exemplo, faz pressão sobre um cliente solicitante que rejeite tarefas para que ele reverta a punição, ou paga por um scripts para melhorar sua performance na plataforma, conforme demonstra a mensagem de um trabalhador: “façam review das rejeições para mais pessoas ficarem cientes; GENTE façam review das rejeições deixem claro que foi injusto” (trabalhador identificado como T4, março de 2023).

Notamos nesse recorte, que as mensagens indicam que os trabalhadores se utilizam de scripts<sup>67</sup>, que é uma ferramenta utilizada pelos trabalhadores para tentar melhorar seus rendimentos. Em contrapartida muitos desses scripts são pagas, o que acaba acarretando um custo a mais para o trabalhador. Isso pontua mais uma característica da precarização na plataforma da MTurk.

Outro aspecto presente na materialidade em análise percebido foi a existência de uma espécie de efeito de “terceirização da conta na MTurk”, conforme demonstra as mensagens dos trabalhadores: “Alguém vende conta?” (trabalhador identificado como T38, janeiro de 2023); “tinha um cara vendendo, esqueci o nome dele mas tava caro demais mano que isso kkk” (trabalhador identificado como T8, janeiro de 2023).

Nesse recorte, 66 mensagens faziam referência a procura e venda de contas. Esse processo, é feito sem consentimento da plataforma. O trabalhador que “vende” sua conta, na verdade está “emprestando” pois os seus dados tem que ser fornecido para que o novo “dono” da conta possa executar tarefas na plataforma.

Evidenciamos no recorte dos dados coletados, que apesar dos estudos anteriores, como de Manzano e Krein (2022)<sup>68</sup>, compreenderem que a plataforma estipula as condições para o ingresso, permanência e exclusão do trabalhador, os trabalhadores procuram maneiras de subverter a direção da plataforma. Em contrapartida essa forma de “terceirização da conta” acaba se transformando em mais uma forma de precarização dentro da plataforma, já que o trabalhador tem que pagar uma taxa para ingressar no trabalho.

---

<sup>67</sup> Conforme citado anteriormente os scripts são ferramentas criadas para ajudar os trabalhadores a serem mais produtivos no Mturk. Eles servem, por exemplo, para o trabalhador distinguir os HITs bons dos ruins; dar ao trabalhador chance de pegar novas tarefas (HITs) primeiro; podem otimizar o layout de um HIT, adicionar atalhos de teclado para acelerar o fluxo de trabalho e até mesmo ajudar a rastrear os clientes contratantes que pagam mais e “fugir” dos que rejeitam HIT.

<sup>68</sup> Ver Figura 8: Papel das empresas no controle e gerenciamento da força de trabalho, página 71.

Ao decompor os resultados, identificamos que além do grupo, os trabalhadores utilizam os chamados fóruns de discussão, como o *Turkoption*<sup>69</sup>, para reverter uma punição que consideram injusta. Em relação aos fóruns, os resultados corroboram as conclusões apresentadas por Santos (2021) que revelou que 82,4% dos entrevistados em sua pesquisa consideravam os fóruns muito importantes.

#### **5.4.5. Igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego**

Um dos parâmetros da OIT diz respeito a estabilidade e segurança no trabalho, desta forma, utilizamos o item igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego para indicar se o trabalhador se sente seguro e estável no trabalho da plataforma.

A partir dos estudos anteriores é possível verificar que não há igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego, principalmente no quesito nacionalidade. Kalil (2019) e Moreschi, Pereira, Cozman (2020) destacam em sua pesquisa que o rendimento do brasileiro (diferente dos americanos) era feito em forma indireta mediante créditos que poderiam ser utilizados exclusivamente no site da Amazon dos EUA. Na nossa pesquisa, é possível verificar que isso foi modificado pela MTurk, que agora paga diretamente por conta bancária.

Ainda assim, a percepção dos trabalhadores demonstra que eles continuam se sentindo discriminado pela plataforma, conforme ilustra o Quadro 21:

---

<sup>69</sup> Criado pelos pesquisadores Lilly Irani e Six Silberman em 2019 virou uma organização sem fins lucrativos liderada por trabalhadores. Busca um espaço para compartilhar informações sobre tarefas e solicitantes incorretos.

**Quadro 21 - Igualdade de oportunidades e de tratamento no emprego**

Mensagens	Síntese	
T2 se fosse liberado para brasileiros meu pai tava rica kkkkk é quali fechada tinha uns 500 dolares ele tinha lançado 2 lotes	De acordo com a mensagens no grupo existem tarefas que trabalhadores do Brasil não podem fazer, e que existem qualificações específicas aos quais os brasileiros também não têm acesso. Essas tarefas pagariam um valor maior.  Em algumas mensagens os trabalhadores discutem tarefas que pagam de 2,00 a 7,50 dólares, mas liberadas somente para americanos.	
T8 Se pá muita gente faz esses hits, principalmente os Indianos T8 Por isso esses requesters são safados T23 tá me chamando de indiano kkkkk T16 Que os indianos tenham feito o vision language tudo [vision language é um cliente que estava dando reject nas tarefas, ele deseja que os indianos tenham feito porque assim receberiam rejeição]		
T19 Ao invés de proibir brasileiro duma vez os caras tão banindo um por um T28 Rapaz, tem que ter algum critério que eles estão utilizando para isso! Não é possível sair fechando conta assim? T3 as vezes eles não quer mais que os brs [brasileiros] trabalhem na mturk kkkk povo doido esse da amazon T8 Nunca vi um BR que seja master T8 Também mano, abusaram demais naquela vez T8 O cara até reclamou de bot T16 Pse, pessoal ferra com a gente que faz certinho		Percebe-se que os trabalhadores brasileiros demonstram preconceito com a execução de tarefas por indianos (eles alegam que os indianos utilizariam robôs para fazer mais tarefas o que acaba prejudicando os outros trabalhadores) outro motivo seria porque os indianos fazem tarefas que pagam muito pouco, o que acaba rebaixando mais ainda o valor das tarefas.
T20 Levei block deles em março do nada T12 e agora eles so liberam hits pro EUA ae é sacanagem T28 Será que o tratamento deles com os Americanos e Indianos também é assim? T19 eles tão cagando molinho pra br kkk é tenso		Reclamam que os brasileiros estão sendo banidos da plataforma.

Fonte: dados da pesquisa (análise de conteúdo das mensagens).

Do total de 2463 mensagens que selecionamos para a pesquisa, o Quadro matricial 24 - “Igualdade de oportunidades e de tratamento no emprego”<sup>70</sup> filtrou 56 mensagens. Para facilitar a análise de dados, optamos por fazer um recorte a partir da síntese das 56 mensagens, destacando exemplos demonstrativos sobre a percepção do trabalhador sobre o item igualdade de oportunidades.

A partir do que dispõe Kalil (2019), que destaca que os EUA e a Índia encabeçam as posições com maiores números de trabalhadores na plataforma, percebemos durante a pesquisa, que os brasileiros comparam a sua situação de trabalho aos americanos e indianos.

Assim, a partir dos dados coletados verificamos que os brasileiros, algumas vezes, atribuem a baixa remuneração a quantidade de indianos que, segundo as mensagens, se

<sup>70</sup> Disponível no apêndice.

submetem a fazer tarefas que pagam pouco e utilizam-se de robôs para fazer as tarefas, conforme exemplifica as mensagens

“Se pá muita gente faz esses hits, principalmente os Indianos, por isso esses requesters são safados” (trabalhador identificado como T8, março de 2023); “tá me chamando de indiano kkkkk” (trabalhador identificado como T23, março de 2023).

Com base no exposto, podemos apontar que o trabalhador procura culpar outros trabalhadores pela baixa remuneração. O que representa uma estratégia do neoliberalismo que responsabiliza o indivíduo pelos riscos sociais.

ILO (2018) entende que a relação entre esses aspectos se dá a partir de um mercado de remuneração de dois escalões:

Estes valores indicam a existência de um «**mercado de remuneração de dois escalões**» (Martin et al., 2014, p. 8). Por exemplo, os trabalhadores americanos experientes procuram tarefas que pagam pelo menos um valor equivalente ao salário mínimo dos EUA, enquanto as tarefas menos bem remuneradas são realizadas por trabalhadores pouco experientes ou por trabalhadores de países em desenvolvimento, dispostos a executá-las para adquirirem experiência ou melhorarem a sua taxa de aprovação (ILO, 2018, p.54).

Outro dado importante, que as mensagens apontam, é que a plataforma bane o trabalhador sem explicação, o que causa grande insatisfação nos trabalhadores, por exemplo, durante o recorte temporal de 6 meses da pesquisa, 3 trabalhadores foram banidos da plataforma. Nas mensagens os trabalhadores acreditam que a plataforma está banindo brasileiros sem motivo ou qualquer explicação. Conforme exemplifica as mensagens: “Ao invés de proibir brasileiro duma vez os caras tão banindo um por um” (trabalhador identificado como T19, maio de 2023); “ Rapaz, tem que ter algum critério que eles estão utilizando para isso! Não é possível sair fechando conta assim?” (trabalhador identificado como T28, abril de 2023).

Os achados de nossa pesquisa, nos evidenciam que empresas como a Amazon possuem um exército industrial de reserva disponível, o que lhe permite desligar um trabalhador em um país e solicitar trabalhadores em outros países, pagando menos ainda pelas tarefas. Os resultados vão ao encontro do que diz Antunes (2020), a nova divisão internacional do trabalho, desenvolvida a partir do capitalismo de plataforma, intensifica os níveis de precarização e informalidade e aprofunda ainda mais as desigualdades entre países do norte global versus sul global.

Mas, porque apesar de todo o descontentamento com a plataforma, o trabalhador ainda absorve o discurso neoliberal?

O resultado da análise das mensagens corrobora com as observações de Konder a partir dos seus estudos sobre a ideologia em Marx:

A ideologia dominante na sociedade, a seu ver, era certamente a da classe dominante; mas a existência da distorção e ideológica, em geral, não podia ser explicada exclusivamente a partir da manipulação das ideias pelos detentores do poder; ela derivava da divisão social do trabalho, da propriedade privada, da dilaceração da comunidade humana (Konder, 2018, p. 39).

Para Konder, o cerne da questão está na distorção ideológica, que não se dá a partir da classe dominante (apesar dela se beneficiar dessa distorção), mas a causa “é o todo estilhaçado, é a sociedade dividida” (Konder, 2018, p. 39). A partir disto, podemos destacar que no microtrabalho, a divisão internacional do trabalho e a dispersão do trabalhador contribui para uma falta de compreensão da realidade em que está inserido. Assim, o trabalhador não se reconhece como classe trabalhadora, esse trabalho é visto como complemento de renda, um trabalho autônomo.

Como já destacado anteriormente, plataformas como a Amazon utilizam um forte discurso ideológico ajustado na ideia de “empreendedor de si mesmo” e “autonomia”, com tamanho poder de sedução de trabalhadores ao redor do mundo. Desta forma, o discurso é incorporado às práticas do trabalho, levando o trabalhador a atender aos interesses do capital em oposição aos próprios interesses dos trabalhadores. Assim, o trabalhador é forjado nesse discurso, faz parte dele essa subjetividade neoliberal.

Essas formas de trabalho em plataformas, como o microtrabalho na MTurk, na medida em que não reconhecem esses trabalhadores formalmente, fragmentam cada vez mais a classe trabalhadora, que por sua vez, com o discurso ideológico, também não se reconhecem como classe, embora continue enfrentando todas as dificuldades inclusas no processo de trabalho como a competição e a precarização, e assim o capital tem a suas exigências atendidas.

Portanto, podemos concluir que as tecnologias embora tragam inúmeros benefícios a sociedade moderna, é utilizada como forma de aumentar a precarização do trabalhador a partir do controle que exerce sobre todo o processo de trabalho, na medida em que o capital intensifica a extração do mais valor através da exploração da força de trabalho. Cabe destacar que o problema não está na tecnologia, mas na sua instrumentalização em benefício do capital.

Ademais, merece atenção o aspecto da resistência por parte dos trabalhadores. Nossa pesquisa aferiu que as estratégias de resistências não visam burlar a lógica do sistema capitalista, os trabalhadores não questionam a forma de trabalho, mas, indicam formas de burlar

a plataforma no intuito de melhorar os ganhos o que pode ajudar a reforçar a individualidade do processo contribuindo assim para o sistema vigente.

Entretando, embora difusa e opaca, essa resistência em grupos como esse utilizado em nossa pesquisa podem evoluir e no futuro funcionar como forma de organização e vir a se tornar obstáculos para os interesses do capital.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentadas nesta pesquisa, trataram particularmente da discussão em torno do trabalho de plataformas, a partir das intituladas tecnologias digitais. E se propôs a contribuir com o entendimento do cenário que estamos vivenciando no Brasil, a partir da especificidade do microtrabalho, tomando como elementos para a análise, uma ampla revisão bibliográfica sobre a literatura existente em torno do debate sobre o capitalismo de plataformas, condessadas por meio da metodologia de análise do conteúdo a partir de um grupo de mensagens de aplicativo Telegram. O recorte escolhido foram as mensagens de trabalhadores da plataforma Amazon Mechanical Turk. Como explicado no protocolo de nossa pesquisa, a escolha dessa plataforma se justificou pela importância estratégica que a Amazon possui na reorganização do trabalho à nível global e consequentemente no rearranjo das relações sociais, sobretudo no uso, consumo e gestão de uma força de trabalho, muito específica no trabalho de plataformas, que é o microtrabalho

Nesse sentido, é muito importante ratificar que o presente trabalho surgiu com o objetivo de trazer respostas para a seguinte indagação: em que medida as condições objetivas de precarização que caracterizam o microtrabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk, são apontadas na literatura e percebidas pelos trabalhadores?

À vista disso, os estudos realizados nessa Dissertação, levou em consideração que a amostra observada, ainda que esteja restrita a trabalhadores da plataforma MTurk, e que somente outras três pesquisas no Brasil tenham sido identificadas sobre a temática, a escolha metodológica da nossa pesquisa nos permitiu não só ampliar os conhecimentos sobre as condições de trabalho em plataformas de microtrabalho, e as formas de resistências do trabalhador ao controle da gestão algorítmica, como também, aprofundar o debate sobre o real papel das plataformas digitais, na centralização de poder e de grande acumulação para o capital como, se verificou através da Amazon.

Vimos ao longo deste trabalho e por meio das análises realizadas que o trabalho digital é um fenômeno de características variadas e peculiares (Casilli, 2021b), diverso e complexo. Ele vai do motorista de aplicativos, de plataformas de freelance, plataformas de microtarefas etc. Dito isto, a nossa pesquisa é importante por fazer distinções específicas dentro dos estudos de trabalho digital por estar centrada especificamente em uma plataforma de microtarefas.

A nossa pesquisa também demonstrou por meio dos dados bibliográficos e documentais e através das mensagens dos trabalhadores no Telegram, uma tendência que aparece nas pesquisas já realizadas sobre o microtrabalho, que a precarização, focado nos seguintes aspectos

presente nas condições de trabalho, como desmonte nas formas de organização através da fragmentação dos trabalhadores e no caso da Amazon de dificultar qualquer organização sindical conforma aponta Delfanti (2023); desprovido de controle da gestão do labor, a plataforma por meio da gestão algorítmica do trabalho, com a utilização de métricas de performance e gamificação permite um controle majoritário à plataforma e ao cliente solicitante nas formas de pagamento e nas punições; desprovido de direitos e regulamentação observamos que o trabalhador da MTurk se encontra sem proteção social alguma, onde o trabalhador arca com todos os custos com jornada de trabalho indefinida e sem valor de remuneração coerente com o padrão da OIT; intensificação da exploração do trabalho e intensificação de terceirização e informalidade.

Aqui consiste um ponto crucial dos resultados desta pesquisa, que nos permitiu formular as seguintes conjecturas sobre o microtrabalho no Brasil: 1) A percepção dos trabalhadores está impregnada do discurso neoliberal; 2) Os trabalhadores percebem o rendimento como um complemento de renda e a jornada de trabalho flexibilizada como uma responsabilidade do trabalhador; 3) Os trabalhadores não compreendem o funcionamento da gestão do trabalho executada a partir de algoritmos; 4) A comunicação entre os trabalhadores e a plataforma é ineficiente e os dados indicam que essa condição é proposital para a plataforma; 5) O grupo de mensagens no Telegram funciona como uma forma de resistência; 6) Os trabalhadores procuram formas de subverter o controle da plataforma; 7) Existe diferença de tratamentos para trabalhadores brasileiros com base na divisão internacional do trabalho.

Vale salientar que todas essas conjunturas estão em processo de movimento, na medida em que este modo de trabalho está se constituindo, desta forma, são questionável e devem ser problematizados.

Portanto, podemos afirmar que esta pesquisa cumpriu com o objetivo de identificar os elementos que caracterizam a precarização do microtrabalho na MTurk, nos levando a conclusão de que é um trabalho informal, assalariado por peça de grande interesse ao capital porque é uma forma de trabalho barato. Ademais, nossa análise nos fez refletir que se no século XVII o capitalismo se tornou sofisticado o suficiente para exigir uma força de trabalho alfabetizada, hoje o grande capital, representando por empresas como a Amazon, determina que a força de trabalho deve arcar com todos os custos objetivos e com o risco social, assim, é possível determinar que no capitalismo de plataforma, o capital diz ao trabalhador que ele só terá direito a um trabalho se arcar com o custo dele.

Nessa dissertação, quando focamos sobre os estudos de Abílio (2020; 2021), Abílio, Amorim e Grohmann (2021b), Antunes (2020, 2023), pudemos perceber que no capitalismo de

plataforma existe uma tendência ao espriamento da informalidade tão típica dos países periféricos como o Brasil, e que ganham novas visibilidades em países do norte global. Assim, pensamos através da perspectiva crítica, que a flexibilização se apropriou das tecnologias para intensificar a informalidade.

Sob o viés da ideologia, constata-se que a discurso neoliberal transmite ao trabalhador a falsa ideia da autonomia. A ideia que as plataformas expressam de um trabalhador empreendedor, se explicita numa aparência de autonomia, entretanto, não é um trabalho autônomo, na medida em que é a plataforma que está no comando da gestão do trabalho através do algoritmo. Desta forma, embora a Amazon se utilize de um discurso de emancipação do trabalhador, ela na verdade se utiliza da tecnologia para aumentar a exploração do trabalho.

Assim, frente à discussão empreendida aqui, a pesquisa ainda demonstrou através das mensagens do Telegram, que apesar de exprimir a sua insatisfação com inúmeros aspectos da plataforma, o trabalhador se apropria do discurso neoliberal ao olhar para o trabalho como complemento de renda e aceitar a flexibilização dessa relação de trabalho, em contrapartida, a Amazon máscara o trabalho assalariado e foge das leis trabalhistas.

Desta forma, compreendemos que a racionalidade neoliberal, defendida por Dardot e Laval (2016), forja uma subjetividade no trabalhador utilizando técnicas que incentivam o empreendedorismo e a lógica da concorrência para alcançar o sucesso e assim dissimular a precarização e a flexibilização do trabalho.

Em conformidade, os resultados da pesquisa indicam que o capital nunca foi tão dono do tempo do trabalhador e a linha de montagem, foi substituída pelo gerenciamento algorítmico do processo de trabalho. É possível constatar uma problemática da modificação da jornada de trabalho, a partir da despadroneização da jornada, com jornadas de trabalho irregulares e fragmentadas que invadem horas de descanso, ao qual indicamos aprofundamentos posteriores.

A nossa pesquisa documental revelou que, o capitalismo de plataforma leva a cenários diferenciados dependendo do setor ou da região no globo em que ele ocorre. Conforme pesquisa da OIT (2021) a distribuição da oferta e demanda global de mão de obra nas principais plataformas on-line, baseadas na web, revela que os clientes que demandam as tarefas são em grande parte com sede nos países centrais. Em 2020, 40% dos clientes contratantes eram dos EUA, já em relação ao fornecimento de mão de obra, acontece o contrário, os países periféricos são os que mais oferecem esse tipo de mão de obra, em particular Bangladesh, Índia, Paquistão, Filipinas e a Ucrânia.

No caso da Amazon, um dos fatores determinantes para a expansão do microtrabalho é o desemprego, a falta de alternativas, a necessidade de complementação de renda e as

desigualdades econômicas entre os países. Dada as características do Brasil como um país dependente e periférico (Fernandes, 2009) e com formação desigual e combinada na divisão internacional do trabalho (Antunes, 2021), a plataforma se aproveita das discrepâncias a partir da divisão do trabalho.

Em decorrência desse processo, a pesquisa evidenciou que há, no Brasil, um polo de atração para novos experimentos com o microtrabalho, como aponto a pesquisa de Grohmann, *et al* (2022). Também as mensagens que analisamos pelo Telegram, indicam que os trabalhadores buscam por novas plataformas de microtarefas além da MTurk.

A análise da bibliografia aqui apresentada, nos levou, por fim, a compreender que a lógica do trabalho em plataformas tende a se espalhar para todas as formas de trabalho, isso pode ser exemplificado na medida em que o Governo do Brasil apresenta um Projeto de Lei complementar nº 12, de 2024, que propõe a regulamentar determinadas condições de trabalho dos motoristas de aplicativo. Na prática, o Projeto de Lei complementar nº 12, de 2024, formaliza o trabalho precarizado na plataforma com o fim de um salário-mínimo, a ausência de vínculo de emprego com a plataforma, e uma jornada de trabalho que pode ficar acima de 8 horas.

Consideramos, portanto, que este trabalho não consegue responder todas as perguntas acerca dos impactos da precarização na plataforma da Amazon, contudo visualizamos um movimento de resistência mínima dos próprios trabalhadores, como uma tendência que é ratificada a luz da bibliografia estudada. Salientamos ainda, que embora as estratégias apontadas nas mensagens do grupo do Telegram que analisamos, não resulte em mudanças objetivas do ponto de vista coletivo, o fato de se organizarem por meio de troca de mensagens, podem auxiliar a formar novas subjetividades compartilhadas contra o capitalismo de plataforma e assim contribuir para a construção de organizações mais formais no futuro. Assim, os trabalhadores são centrais nesse processo, e eles quem vão decidir em que grau essa resistência será efetivada, desenvolvendo novas táticas e estratégias.

Portanto, não obstante as contribuições que os achados dessa pesquisa revelam é importante ressaltar que o estudo apresentou algumas limitações em termos da abrangência dos dados analisados no grupo do Telegram. Deve-se levar em consideração que as mensagens estudadas não permitem generalizações, tornando necessário o desenvolvimento de pesquisas quantitativas que visem ampliar a análise sobre a atuação dos trabalhadores brasileiros em plataformas de microtarefas. E essa possibilidade nos faz não só reconhecer os limites do estudo aqui exposto, mas, principalmente, considerá-lo como uma contribuição para que novos estudos

sobre o microtrabalho no Brasil sejam realizados, inclusive estudos que façam análise da pesquisa aqui apresentada.

Como contribuições futuras, sugerimos estudos que centrem na busca por mais dados que qualifiquem melhor quem é o trabalhador que atua no microtrabalho, além de pesquisas que reflitam em profundidade o papel das grandes plataformas, como a Amazon, na divisão internacional do trabalho.

Por fim, é necessário salientar a importância desse objeto de estudo para o Serviço Social, considerando a insuficiência dos estudos sobre a temática na área, o que demonstra não só o caráter inédito da Dissertação, mas a contribuição da pesquisa no debate de um tema pouco explorado.

## REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Perfis e trajetórias ocupacionais. *In*: MACHADO, Sidnei; ZANONI, Alexandre Pilan. **O trabalho controlado por plataformas digitais no Brasil: dimensões, perfis e direitos**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná - Clínica Direito do Trabalho, 2022. p. 127-164.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização como apropriação do modo de vida periférico. *In*: GROHMANN, Rafael (org). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 85-91.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Plataformas digitais e uberização: Globalização de um Sul administrado. **Contracampo**, v. 39, n. 1, p. 12-26, 2020.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas: Individuo y sociedad**, Valparaíso, v. 18, n. 3, 2019.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Trabalho em plataformas digitais: perspectivas desde o Sul global. **Sociologias**, p. 18-25, 2021b.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, v. 23, n. 57, p. 26-56, 2021.
- ALVES, Giovanni. **Trabalho e neodesenvolvimentismo – choque de capitalismo e nova degradação do trabalho no Brasil**. Bauru: Canal 6, 2014.
- ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal: precarização do trabalho e redundância salarial. **Revista Katálysis**, v. 12, n. 2, p. 188-97, 2009.
- AMAZON MECHANICAL TURK. **Customers**, 2023g. Disponível em: <https://www.mturk.com/customers>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- AMAZON MECHANICAL TURK. **FAQs**, 2023b. Disponível em: <https://www.mturk.com/help>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- AMAZON MECHANICAL TURK. **Participation Agreement**, 2023a. Disponível em: <https://www.mturk.com/participation-agreement>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- AMAZON MECHANICAL TURK. **Pricing**, 2023e. Disponível em: <https://www.mturk.com/pricing>. Acesso em: 01 ago. 2023.
- AMAZON MECHANICAL TURK. **Requester**, 2023c. Disponível em: [https://requester.mturk.com/signin\\_options](https://requester.mturk.com/signin_options). Acesso em: 21 mar. 2023.
- AMAZON MECHANICAL TURK. **Visão geral**, 2023d. Disponível em: <https://www.mturk.com/>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- AMAZON MECHANICAL TURK. **Worker**, 2023f. Disponível em: <https://www.mturk.com/pricing>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- AMAZON. **Nosso ambiente de trabalho**, 2023. Disponível em: <https://www.aboutamazon.com.br/nosso-ambiente-de-trabalho/instalacoes-e-escritorios>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- AMAZON. **Nosso impacto**, 2023b. Disponível em: <https://www.aboutamazon.com.br/nosso-impacto>. Acesso em: 15 jan. 2023.

**AMAZON. Notice of 2023 Annual Meeting of Shareholders & Proxy Statement**

[Relatório anual da Amazon 2022]. 2023c. Disponível em:

<https://ir.aboutamazon.com/annual-reports-proxies-and-shareholder-letters/default.aspx>.

Acesso em: 19 jan. 2023.

**AMAZON Mturk na prática**, 2022. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Jennifer

Quinino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rwGICGBfiZg>. Acesso em: 03 jan. 2023.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e (des)valor no capitalismo de plataforma: três teses sobre a nova era da desantropomorfização do trabalho. *In*: ANTUNES, Ricardo (org). **Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais**. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 14-39.

ANTUNES, Ricardo. Capitalismo de plataforma e desantropomorfização do trabalho. *In*: GROHMANN, Rafael (org). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 34-38.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020b.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, Wécio Pinheiro. Notas introdutórias à crítica da ideologia. **A terra é redonda**, 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/notas-introdutorias-a-critica-da-ideologia/>. Acesso em 15 Jun. 2024.

ARAÚJO, Wécio Pinheiro. Marx e a indústria 4.0: trabalho, tecnologia e valor na era digital. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 1, p. 22-33, jan. 2022.

AWS. O que é a computação em nuvem? **AWS**, 2023. Disponível em:

[https://aws.amazon.com/pt/what-is-cloud-computing/?sc\\_channel=EL&sc\\_campaign=BR\\_amazonfooter](https://aws.amazon.com/pt/what-is-cloud-computing/?sc_channel=EL&sc_campaign=BR_amazonfooter).

Acesso em: 20 mar. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2016.

BARROS, Albani de. A mistificação do trabalho precarizado invisível e o crowdsourcing. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, p. e6628329, 2023.

BEHRING, Elaine Rosseti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. Cortez editora, 2011.

BLOG MTURK. **New Feature for the MTurk Marketplace**, 2019. Disponível em:

<https://blog.mturk.com/new-feature-for-the-mturk-marketplace-aaa0bd520e5b>. Acesso em: 04 ago. 2023.

BLOG MTURK. **Quick update: another improvement to the MTurk Worker experience**, 2018. Disponível em: <https://blog.mturk.com/quick-update-another-improvement-to-the-mturk-worker-experience-9cfd0b1963e7>. Acesso em: 03 ago. 2023.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado**: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2015.

BRASIL. Lei nº 8.662, de 07 de junho de 1993. **Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências**, 1993. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18662.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18662.htm). Acesso em: 5 abr. 2023.

BRASIL. **Projeto de lei complementar nº 12, de 2024**. Dispõe sobre a relação de trabalho intermediado por empresas operadoras de aplicativos de transporte remunerado privado individual de passageiros em veículos automotores de quatro rodas e estabelece mecanismos de inclusão previdenciária e outros direitos para melhoria das condições de trabalho. Brasília: março de 2024. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Projetos/Ato\\_2023\\_2026/2024/PLP/plp-012.htm](https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Projetos/Ato_2023_2026/2024/PLP/plp-012.htm). Acesso em: 05 maio. 2024

BRAZ, Matheus Viana. Heteromação e microtrabalho no Brasil. **Sociologias**, v. 23, p.134-172, 2021.

CARMO, Weldel. **PL dos apps**: Entenda, ponto a ponto, a proposta do governo para motoristas da Uber, 99 e outros. Carta Capital, 2024. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/economia/pl-dos-apps-entenda-ponto-a-ponto-a-proposta-governo-para-motoristas-da-uber-99-e-outros>. Acesso em: 10 de mar. 2024.

CASILLI, Antonio. A espera de robôs: o mito sempre evasivo da automação e a exploração global do trabalho digital. **Sociologias**, v. 23, p. 112-133, 2021.

CASILLI, Antonio. O trabalho digital além da uberização. In: GROHMANN, Rafael (org). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021b. p. 28-32.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 11. ed. São Paulo, 2006

COGGIOLA, Osvaldo; KATZ, Claudio. **Neoliberalismo ou crise do capital**. 2. ed. São Paulo: Xamã, 1996.

CUOFANO, De G. Como O Google Ganha Dinheiro? **FourWeekMBA**, 2024. Disponível em: <https://urls.grow.me/lejvoDlze>. Acesso em: 8 set. 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2016

DE STEFANO, Valerio. **The rise of the just-in-time workforce**: on-demand work, crowdwork and labour protection in the “gig-economy”. Conditions of Work and Employment Series No. 71. Genebra: International Labour Organization (ILO), 2016.

DELFANTI, Alessandro. **Amazon**: trabalhadores e robôs. Campinas: Editora da Unicamp. 2023

DELIVEROO. **Site da Deliveroo**, 2023. Disponível em: <https://deliveroo.co.uk/>. Acesso em: 07 jan. 2023.

DRUCK, Maria da Graça; FRANCO, Tânia; BORGES, Angela. **A perda da razão social do trabalho**: terceirização e precarização. São Paulo: Boitempo, 2007.

- DUCOURTIEUX, Cécile. La France esquisse des pistes pour faire payer plus d'impôts aux géants du Web. **Le Monde**, 2012. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/economie/article/2012/12/20/la-france-esquisse-des-pistes-pour-faire-payer-plus-d-impots-aux-geants-du-web\\_1808875\\_3234.html#phG4PG6GzUfRm9Br.99](https://www.lemonde.fr/economie/article/2012/12/20/la-france-esquisse-des-pistes-pour-faire-payer-plus-d-impots-aux-geants-du-web_1808875_3234.html#phG4PG6GzUfRm9Br.99). Acesso em: 23 mar. 2023.
- EKBIA, Hamid. Hetemoração do trabalho e novas logicas de extração do valor. *In*: GROHMANN, Rafael (org). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 39-43.
- FACEBOOK. **Amazon MTURK workers - Amazon Mechanical Turk USA**, 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/amazonmechanicalturk/>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. . São Paulo: Global, 2009.
- FERREIRA, Tamires. Site revela como farmácias usam seus dados; veja seus direitos. **Olhar Digital**, 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/09/01/seguranca/site-revela-como-farmacias-usam-seus-dados-veja-seus-direitos/>. Acesso em: 8 set. 2023.
- G1. O que é o Telegram? Saiba como funciona o aplicativo. **G1 tecnologia**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/04/27/o-que-e-o-telegram-saiba-como-funciona-o-aplicativo.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2024.
- GEPET UFPB. **Ciclo de debates: Trabalho e Informalidade no capitalismo de plataformas**. 1 vídeo (117 min). João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E0bRkC1MHKM&t=1129s>. Acesso em: 19 de maio de 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOMES, Cláudia Maria Costa. O Capitalismo em crise: fatores contra restantes nas políticas econômicas brasileiras a partir de 2016. **Projeto de Pesquisa**, 2020, UFPB/CNPq. 32fs.
- GOMES, Cláudio. Funções da Alexa. **Iphoneblog**, 2023. Disponível em: <https://iphoneblog.com.br/funcoes-da-alexa/>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- GOMES, Vítor Mussa Tavares. Indústria 4.0 e microtabalho de plataforma: uma análise da gestão digital do processo de trabalho na Amazon Mechanical Turk e seu papel na constituição das fábricas inteligentes. Trabalho apresentado no 44º Encontro Anual da **ANPOCS**. SPG34, Os novos desafios da sociologia do trabalho, 2020.
- GONTIJO, Laura Vale. O trabalho em plataformas digitais e o salário por peça. **Laborare**, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 10, p. 128–149, 2023. DOI: 10.33637/2595-847x.2023-165. Disponível em: <https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/165>. Acesso em: 28 maio. 2024.
- GROHMANN, Rafael *et al*. Plataformas de fazendas de cliques: condições de trabalho materialidades e formas de organização. **galáxia**, São Paulo, v. 47, p. 1-24, 2022.
- GROHMANN, Rafael. **Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: características e alternativas. *In*: ANTUNES, Ricardo (org). **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 93-109.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. **Revista Eptic**, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020b.

GROHMANN, Rafael; ARAÚJO, Willian Fernandes. O chão de fábrica (brasileiro) da inteligência artificial: a produção de dados e o papel da comunicação entre trabalhadores de Appen e Lionbridge. **Palavra Clave**, v. 24, n. 3, p.1-30, 2021.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 6. ed. São Paulo: edições Loyola, 1992.

HUWS, Uusula. **A formação do cibertariado: trabalho virtual em um mundo real**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

IBGE. **Desemprego**. IBGE, 2023. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 05 Ago 2023a.

IBGE. **Teletrabalho e trabalho por meio de plataformas digitais 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102035> Acesso em: 13 fev. 2023b.

IDEOLOGIA **aula de Marilena Chaui**. 2022, 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Valmir Barbosa Minhas Músicas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57-I9pA9ILM&t=454s>. Acesso em: 03 jan. 2024.

IEA DA USP. **Novas Formas de Trabalho no Capitalismo de Plataforma**. São Paulo, 2020. 1 vídeo (113 min). Disponível em:

<https://youtu.be/0bacqVcPHas?si=y0uyVjcIz6Mz1IHv>. Acesso em: 19 de maio. 2021.

ILO, ORGANIZATION I. L. **World Employment and Social Outlook: the role of digital labour platforms in transforming the world of work**. Geneva: International Labour Office, 2021.

ILO, ORGANIZATION I. L. **As plataformas digitais e o futuro do trabalho: promover o trabalho digno no mundo digital**. Genebra: BIT, 2018.

KALIL, Renan Bernardi. Capitalismo de plataforma: o conceito que melhor explica as relações. **Coluna Renato Kalil na Carta Capital**, 26 out. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/capitalismo-de-plataforma-o-conceito-que-melhor-explica-as-relacoes-de-trabalho-digitais/>. Acesso em: 03 jan. 2023.

KALIL, Renan B. **Capitalismo de plataforma e Direito do Trabalho: crowdwork e trabalho sob demanda por meio de aplicativos**. 2019. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

KATZ, Claudio. O enfoque marxista da mudança tecnológica. *In*: KATZ, Claudio; COGGIOLA, Osvaldo **Neoliberalismo ou crise do capital?** São Paulo: Xamã editora, 1996, p. 9-17.

KHAN, Lina. Amazon's antitrust paradox. **The Yale Law Journal**, 2017. Disponível em: <https://www.yalelawjournal.org/note/amazons-antitrust-paradox>. Acesso em: 15 jan. 2023.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão popular, 2018.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA JR, Paulo *et al.* Marx como referencial para análise de relações entre ciência, tecnologia e sociedade. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n. 1, 175-194, 2014.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

- LOPES VASCONCELOS, Thaís; COSTA GOMES, Claudia Maria. Capitalismo de plataforma: crise, trabalho e lei do valor. **O Social em Questão**, n. 58. p.13-36, 2024.
- MACHADO, Sidnei; ZANONI, Alexandre Pilan. **O trabalho controlado por plataformas digitais: dimensões, perfis e direitos [meio eletrônico]**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná - Clínica Direito do Trabalho, 2022.
- MANZANO, Marcelo; KREIN, André. Dimensões do trabalho por plataformas digitais no Brasil. *In*: MACHADO, Sidnei; ZANONI, Alexandre Pilan (org). **O trabalho controlado por plataformas digitais: dimensões, perfis e direitos [meio eletrônico]**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná - Clínica Direito do Trabalho, 2022, p. 31-126.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Petrópolis: Vozes, 2023. 5ed
- MARX, Karl. **O capital-Livro 1**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital**. Lv. I, Vol. 2, São Paulo: Difel, 1985
- MILLAND, Kristy. O trabalho para a inteligência artificial e a organização dos. *In*: GROHMANN, Rafael (org). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 133-136.
- MÖHLMANN, Marieke; ZALMANSON, Lior. **Hands on the wheel: Navigating algorithmic management and Uber drivers**. *Autonomy*, in proceedings of the international conference on information systems (ICIS). Seoul South Korea, 2017. p. 10-13.
- MONTORO, Xavier Arrizabalo. Imperialismo, destruição das forças produtivas e crise econômica do capitalismo: o capital, um instrumento essencial para entender a atual economia mundial. *In*: GOMES, Cláudia Costa (org). **A crise e os limites históricos do capitalismo: o lugar das políticas sociais no torvelinho potencial da crise brasileira**. Curitiba: Appris, 2020. p. 29-86.
- MORESCHI, Bruno; PEREIRA, Gabriel; COZMAN, Fábio G. Trabalhadores brasileiros no Amazon Mechanical Turk: sonhos e realidades de trabalhadores fantasmas. **Contracampo**, Niteroi, v. 39, n. 1, p. 44-64, 2020.
- MTURK trabalho remoto, hugh Mungus, 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Jennifer Quinino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Plnarh2uBpc>. Acesso em: 03 jan. 2023.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método em Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NETTO, José Paulo. Crise do capital e consequências societárias. **Serviço Social & Sociedade**, p. 413-429, 2012.
- NEUFELD, Dorothy. The Richest People in the World in 2023. **VISUALCAPITALIS**, 2023. Disponível em: <https://www.visualcapitalist.com/the-richest-people-in-the-world-in-2023/>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- OIT. Trabalho decente. **OIT**, 2023. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasil/temas/%20trabalho-decente/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- O GLOBO. Amazon registra receita e lucro bem maiores do que o estimado no segundo semestre. **O Globo Negócios**, 03 ago. 2023. Disponível em: Amazon registra receita e lucro bem maiores do que o estimado no segundo trimestre (globo.com). Acesso em: 15 dez. 2023.

- PORTO, Dora. Tecnologia & ideologia: os dois lados da moeda que produz vulnerabilidade. **Revista Brasileira de Bioética**, v. 2, n. 1, p. 63-86, 2006.
- PPGSS. Universidade Federal da Paraíba - **Programa de Pós-Graduação em Sociologia** – PPGS. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ppgs..> Acesso em: 01 jan. 2023.
- REDDIT. **Comunidade rmturk**, 2023. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/mturk/wiki/communities/>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- REKOGNITION. **Amazon Rekognition.**, 2024. Disponível em: <https://aws.amazon.com/pt/rekognition/>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- ROCHA, Rosely. 40% dos trabalhadores são informais no Brasil; no Norte são mais de 50%. **CUT**, 2022. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/40-dos-trabalhadores-sao-informais-no-brasil-no-norte-sao-mais-de-50-e3d9>. Acesso em: 06 ago.2023.
- ROSENBLAT, Alex; STARK, Luke. Algorithmic labor and information asymmetries: A case study of Uber’s drivers. **International journal of communication**, v. 10, p. 27, 2016.
- SAMBRANA, Carlos. Na disputa Rappi versus iFood a chapa esquentou de vez. **Neofeed**, 2022. Disponível em: <https://neofeed.com.br/blog/home/na-disputa-rappi-versus-ifood-a-chapa-esquentou-de-vez/>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- SANTOS, Ana Carolina Gimenes. **O trabalho em plataformas digitais: uma análise do microtrabalho**. 2021. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Economia Política) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.
- SCHMIDT, Florian. **Digital labour markets in the platform economy. Mapping the Political Challenges of Crowd Work and Gig Work**. Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2017.
- SCHMIDT, Florian. Trabalho e inteligência artificial além da Mechanical Turk. *In*: GROHMANN, Rafael (org). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 143-146.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2010, 23 edição.
- SILVA NETO, Victo José da. Platform capitalism. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 18, n. 2, jul, p. 449–454, 2019.
- SILVA, Anne Patrícia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, v. 43, n. 3, p. 1-12, 2020.
- ISTO É DINHEIRO. Amazon estende proibição de uso de reconhecimento facial à polícia. **Isto é dinheiro**, 2021. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/amazon-estende-proibicao-de-uso-de-reconhecimento-facial-a-policia/>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- SLEE, Tom. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: Elefante, 2019.
- SOPRANA, Paula. Amazon abre o primeiro centro de distribuição da América do Sul. **Folha de São Paulo**, 22 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/01/amazon-abre-em-sp-1o-centro-de-distribuicao-da-america-do-sul.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.
- STADING, Guy. **O precariado: a nova classe perigosa**. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

SUNDARARAJAN, Arun. **Economia compartilhada: o fim do emprego e a ascensão do capitalismo de multidão**. São Paulo: Senac, 2019.

TREINTA, Fernanda *et al.* Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. **Production**, v. 24, n. 3, p. 508-520, 2014.

VALENCIA, Adrián Sotelo. **Precariado ou proletariado**. Bauru: Projeto Editorial Praxi, 2016.

VENTURA, Layse. Ranking do YouTube: Brasil é o 3º país com mais usuários na plataforma em 2023. **Olhar Digital**, 2023. Disponível em:

<https://olhardigital.com.br/2023/05/06/pro/ranking-do-youtube-brasil-e-o-3o-pais-com-mais-usuarios-na-plataforma-em-2023/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. Capitalismo de plataforma e processo de informalização no Brasil: pontos para debate. *In*: CARDOSO, Adalberto, SANTOS, Fabiano, CRIVELLI, Ericson, (org). **Trabalho em transe: raízes e efeitos políticos das mudanças no mundo do trabalho no brasil**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2023. p. 97-146.

VIANA BRAZ, Matheus; TUBARO, Paola; CASILLI, Antonio A. Microtrabalho no Brasil: quem são os trabalhadores por trás da inteligência artificial? **Relatório de Pesquisa DIPLab & LATRAPs**, 2023. Disponível em: <https://diplab.eu/?p=2833>. Acesso em: 10 Out. 2023.

WOODCOCK, Jamie. Compreendendo a resistência às plataformas. *In*: ANTUNES, Ricardo. **Icebergs à deriva: O trabalho nas plataformas digitais**. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 425-445.

WOODCOCK, Jamie. O panóptico algoritmo da Deliveroo: mensuração, precariedade e a ilusão de controle. *In*: ANTUNES, Ricardo O. **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 23-45.

**APÊNDICE A – QUADRO MATRICIAL CONSTRUÍDO PARA A PESQUISA**

**Quadro 22: Quadro matricial “Percepção da jornada de trabalho”**

Jornada de trabalho	
Mapeamento da duração da jornada de trabalho na plataforma Como o trabalhador percebe a jornada de trabalho	
Perguntas	Mensagens
Qual a percepção sobre as horas de trabalho?	
Tendências nos resultados	

Fonte: elaborado pelo autor, 2023

**Quadro 23: Quadro matricial “Rendimentos adequados (salário)”**

Categoria: Rendimentos adequados (salário)	
Compreender como é feita a remuneração do trabalhador, as formas de precificação, qual a percepção do trabalhador sobre os rendimentos	
Perguntas norteadoras	Verbalizações
Qual o valor da tarefa?	
Qual a percepção do trabalhador sobre os rendimentos?	
Tendências nos resultados	

Fonte: elaborado pelo autor, 2023

**Quadro 24: Quadro matricial “Igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego**

Igualdade de oportunidade e de tratamento no emprego	
Investigação se o trabalhador compreende alguma forma de discriminação No trabalho	
Perguntas	Verbalizações
As mensagens indicam frases que demonstram compreender algum tipo de discriminação?	
Tendências nos resultados	

Fonte: elaborado pelo autor, 2023

**Quadro 25: Quadro matricial da “Satisfação com o trabalho realizado”**

Satisfação com o trabalho realizado	
Investigação sobre o tipo de trabalho/atividade realizados Investigação sobre a satisfação com o trabalho realizado	
Perguntas	Verbalizações
As mensagens indicam frases que demonstram satisfação com o trabalho realizado?	
As mensagens indicam frases que demonstram insatisfação com o trabalho realizado? As mensagens indicam frases que demonstram quais problemas com a plataforma?	
Tendências nos resultados	

Fonte: elaborado pelo autor, 2023

**Quadro 26 - Quadro matricial “Percepção da gestão algorítmica (como se realiza as avaliações e as penalizações)”**

Categoria: Percepção da gestão algorítmica (como se realiza as avaliações e as penalizações)	
<p>Investigação sobre como o trabalhador entende as regras da plataforma            Investigação sobre como a plataforma distribui o trabalho            Investigação se o grupo ajudar a decifrar as regras            Investigação sobre tipos de bloqueios e desligamentos            Investigação sobre a percepção do trabalhador sobre as punições            Investigação sobre a forma como é feita a comunicação com a plataforma e com o cliente solicitante</p>	
Perguntas	Verbalizações
O que as mensagens indicam sobre o gerenciamento algorítmico (punições e qualificações, cancelamento de conta?)	
Tendências nos resultados	

Fonte: elaborado pelo autor, 2023

**Quadro 27: Quadro da categoria “Percepção de formas de resistências”**

Formas de resistência	
<p>Investigação sobre como o trabalhador se utiliza de formas de resistências para “driblar” a gestão algorítmica do trabalho a seu favor</p>	
Perguntas	Verbalizações
Que tipo de dicas e dúvidas as mensagens disponibilizadas no grupo indicam alguma forma de resistência do trabalhador?	
Tendências nos resultados	

Fonte: elaborado pelo autor, 2023

**Quadro 28: Quadro “Outras percepções”**

<b>Outras percepções</b>	
Outras questões que surgiram durante o processo de categorização	
<b>Perguntas</b>	<b>Verbalizações</b>
Apareceram outras percepções durante a categorização? Quais?	
Tendências nos resultados	

Fonte: elaborado pelo autor, 2023

## ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** MICROTRABALHO NO BRASIL: Uma reflexão da gestão algorítmica do trabalho e os aspectos da precarização na plataforma da Amazon Mechanical Turk

**Pesquisador:** THAIS LOPES VASCONCELOS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 72298123.0.0000.5188

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.265.775

#### Apresentação do Projeto:

O presente protocolo de pesquisa tem como objetivo identificar as formas de precariedades implicadas no microtrabalho na plataforma Amazon Mechanical Turk. Nesse sentido, buscaremos analisar as condições de trabalho dos brasileiros na plataforma Amazon Mechanical Turk, buscando extrair formas de precariedade laboral. Como metodologia, utilizaremos a pesquisa bibliográfica para o estudo da temática e a pesquisa documental

para apreensão da realidade que os trabalhadores estão inseridos a partir de um grupo aberto na plataforma Telegram. Trata-se da abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa exploratória que visa proporcionar maior familiaridade com o problema que vai ser estudado. Para obtenção dos dados, será utilizado como técnica a análise de conteúdo dos comentários feitos pelos trabalhadores no grupo aberto do Telegram. O nosso interesse está ancorado na nossa experiência em estudos anteriores sobre o tema do trabalho a partir das pesquisas com o do Grupo de Estudos e pesquisas em Economia Política e Trabalho (GEPET), ao qual a pesquisadora faz parte.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as formas de precariedades implicadas no microtrabalho na plataforma Amazon

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900

**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.265.775

Mechanical Turk a partir do conteúdo das mensagens dos trabalhadores em um grupo no aplicativo Telegram.

Objetivo Secundário:

a) Realizar um estudo sobre o capitalismo de plataforma e a precariedade do trabalho mediado por plataformas. b) Investigar o microtrabalho a partir do crowdwork, tomando como referência a plataforma Amazon Mechanical Turk. c) Analisar os dados buscando identificar formas de precariedade no microtrabalho na Amazon Mechanical Turk, no Brasil.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

De acordo com a Resolução Nº 510/16, estabelecida pelo Conselho Nacional de Saúde (2016) toda pesquisa envolvendo seres humanos oferece riscos. Mas, como em nossa pesquisa não haverá interação, mas somente análise dos documentos, o risco pode ser em relação a proteção dos dados e do anonimato. Para a proteção do anonimato serão adotadas medidas de precaução e proteção, como não revelação do “nome de usuário”, além da garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes do grupo do Telegram. A pesquisa também não gera ônus econômico ou financeiro ao participante. Para a proteção dos dados, seguiremos a indicação do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021 que solicita que: uma vez

concluída a coleta de dados, é recomendado ao pesquisador responsável fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual.

Benefícios:

A pesquisa se propõe, a contribuir com a análise sobre a exploração da heterogeneidade e multiplicidade de sentidos que assume a noção de trabalho na era digital, pois pensar em como essas formas de trabalho digital se manifestam é lançar luzes sobre as políticas sociais e públicas que possam contribuir para a melhoria das condições do trabalhador inserido nessas plataformas. É importante lembrar que a lei que regulamenta a profissão tem como competência do Assistente Social em seu Art. 4º, inciso VII – “planejar, executar e avaliar pesquisas que possam contribuir para a análise da realidade social e para subsidiar ações profissionais” (BRASIL, 1993). Acrescentamos ainda a escassez do tema no âmbito do Serviço Social, o que evidencia a importância da temática.

<b>Endereço:</b> Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar	
<b>Bairro:</b> Cidade Universitária	<b>CEP:</b> 58.051-900
<b>UF:</b> PB	<b>Município:</b> JOAO PESSOA
<b>Telefone:</b> (83)3216-7791	<b>Fax:</b> (83)3216-7791 <b>E-mail:</b> comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.265.775

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O protocolo de pesquisa está em conformidade com os preceitos éticos de estudos que envolve seres humanos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos obrigatórios foram apresentados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foram observados óbices éticos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	certidao.pdf	28/08/2023 14:35:12	Eliane Marques Duarte de Sousa	Aceito
Outros	instrumentos.pdf	24/08/2023 12:24:21	Danielle Viana Lugo Pereira	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2184609.pdf	27/07/2023 17:16:54		Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	27/07/2023 17:08:58	THAIS LOPES VASCONCELOS	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	27/07/2023 17:08:40	THAIS LOPES VASCONCELOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_ThailS_Lopes_vasconcelos.pdf	27/07/2023 17:08:28	THAIS LOPES VASCONCELOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	justificativa_para_Dispensa_do_tcle.pdf	27/07/2023 17:08:10	THAIS LOPES VASCONCELOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_preenchida.pdf	27/07/2023 17:07:22	THAIS LOPES VASCONCELOS	Aceito

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.265.775

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOAO PESSOA, 28 de Agosto de 2023

---

**Assinado por:**

**Eliane Marques Duarte de Sousa**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900

**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br